

**BLOOD
AND
CHOCOLATE**

ANNETTE CURTIS KLAUSE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

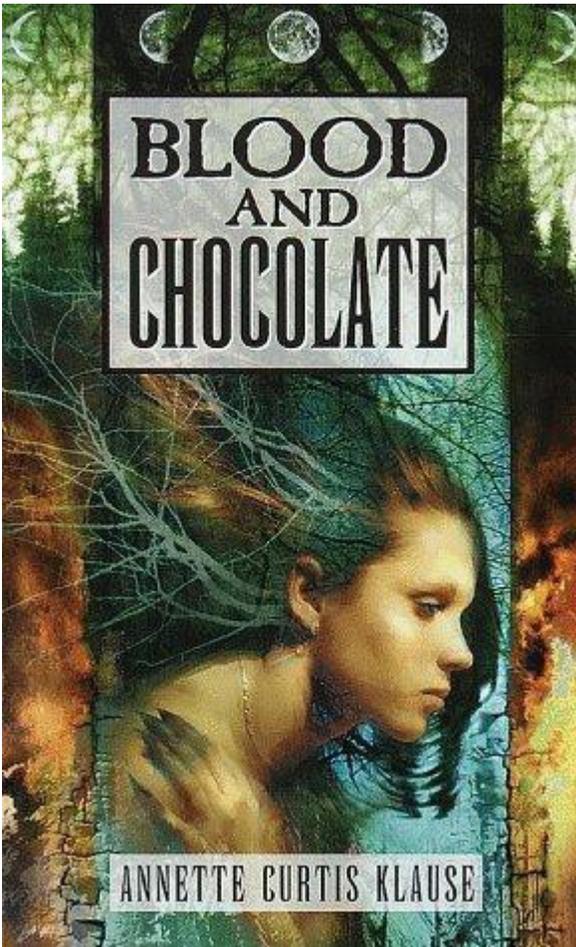
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Vivian Gandillon saboreia a mudança, a dor doce e poderosa que a leva de garota à lobo. Com dezesseis, ela é bonita e forte, e todos os lobos jovens estão em seu pé. Mas Vivian ainda está de luto por seu pai morto; seu grupo continua sem um líder e em desordem, e ela se sente perdida nos subúrbios de Maryland. Ela deseja uma vida normal. Mas o que é normal para um lobo? Então Vivian se apaixona por um garoto de carne-e-osso, bom e gentil, um alívio bem vindo do grupo briguento. Ele é fascinado por magia, e Vivian deseja se revelar para ele.

Certamente ele iria entendê-la e deliciar a maravilha de sua natureza dupla, não temê-la como um humano normal faria. A

lealdade dividida de Vivian é forçada ainda mais quando um assassinato brutal ameaça expor o grupo. Movendo-se entre dois mundos, ela não parece pertencer a nenhum dos dois.

Um livro para mamãe, embora eu tenha certeza de que ela preferiria criaturas abraçáveis e educadas.

"Você pode matar por você mesmo, e por seus companheiros, e por seus filhotes conforme eles precisarem, e você pode. Mas não matar pelo prazer de matar, e sete vezes, nunca matar homens!"

-Rudyard Kipling, - The Law of the Jungle (A Lei da Selva)

"Em pânico, eu me apressei para um lado e para o outro. Eu tinha o gosto de sangue e chocolate em minha boca, um tão odioso quanto o outro."

-Hermann Hesse, - Steppenwolf



MAIO

Lua Fantasma

Chamas voavam alto, transformando a noite num inferno, com luzes circenses. Fagulhas tomaram o lugar das estrelas. O hotel secular era uma silhueta em frente ao inferno, enquanto tudo que Vivian conhecia era consumido pelo fogo.

Duas figuras irromperam da porta da frente, destruí-

da, e correram em direção às árvores onde ela ficou, suas vestes manchadas de fuligem, suas faces brancas com o terror. A pessoa que os tirou de lá desapareceu novamente ao entrar. Outra janela explodiu.

Três cabanas pegavam fogo também, e o celeiro.

Cavalos gritavam de terror enquanto eles eram es-pantados dos estábulos por um punhado de adolescentes habilidosos.

Nas colinas de West Virginia¹, milhas da cidade mais próxima, eles não esperavam que um carro de bombeiros chegasse.

1 NT: Virgínia do Oeste. No entanto, não é recomendado traduzir nomes próprios

Alguma mulher atrás dela lamentou-se e lamentou-se. - Eles fizeram de propósito. Eles querem nos expulsar ateando fogo em nós.

- Coloque-a em uma das macas, uma voz masculina gritou. - Eu estou trazendo outro carro.

- Cuidado com os atiradores, uma voz feminina gritou de volta. - Eles podem estar querendo nos pegar quando sairmos.

- Vá em direção a Maryland, Vivian ouviu sua mãe dizer. Encontraremos-nos no Rudy.

Vivian sentiu um puxão no seu braço. Sua mãe, Esmé, parou ao seu lado, ofegante. - Eu coloquei Tia Persia em meu carro. Onde está seu pai? Agora que se encontrava sozinha com sua filha, sua voz ficou aguda pelo pânico.

- Ele voltou para dentro, Vivian respondeu suas palavras endurecidas pela fumaça e lágrimas. Com Gabriel e Bucky.

- Ivan! Esmé impulsionou-se em direção ao prédio e Vivian segurou-a e apertou-a. - Não! Vocês dois não podem estar lá. Eu não suporto.

Esmé lutou para se libertar, mas em quinze segundos, Vivian estava páreo a páreo com ela.

- Você não pode impedi-lo, Vivian disse. - Ele jurou proteger a matilha.

- Mas eu preciso estar ao lado dele, Esmé implorou.

- Eles são meu povo, também.

O que foi que eu fiz? Vivian pensou. Se ao menos ela tivesse impedido os meninos talvez isso não tivesse acontecido. Se ao menos ela tivesse dito ao seu pai que eles estavam fora de controle.

Figuras surgiram pelo lado da casa. Bucky conduzia uma pequena e jovem mulher, não muito mais velha que Vivian. Gabriel segurava um fardo que gritava agudamente em seus braços.

O fogo rugiu sua vitória; então, com um estalo como se a espinha de um gigante tivesse se partido, uma viga central cedeu, e o

telhado desabou em uma cauda de pavão feita de chamas e faíscas.

- Papai! Vivian gritou.

Mas era tarde demais.



Maio/Junho

Ano seguinte

Lua de verão

1

"Mãe, você esteve brigando de novo." Vivian encarou furiosa a mãe.

Esmé Gandillon repousava tranquilamente em uma poltrona. Uma longa e magra perna estendida ao longo do braço. Ela se recusou a deixar de rir. Um corte em sua bochecha ainda sangrava ligeiramente.

"Você parece horrível"

"É, mas você devia ter visto a outra vadia."

Esmé respondeu. Ela coçou luxuosamente a cabeça com as duas mãos, bagunçando seu espesso cabelo loiro. Vivian suspirou, e foi limpar o rosto da mãe com um lenço tirado de uma caixa na mesa de café.

Ela iria arruinar seu belo rosto.

"Você e Astrid não podem deixar uma a outra em paz?" Isso tem sido assim desde que se mudaram de West Virginia há um ano atrás. Ela quase não conhecia mais a mãe de qualquer maneira.

"Você não pode?" Ela repetiu.

"Rafe procurou por você."

Disse Esmé, ignorando a pergunta.

Vivian revirou os olhos. Isso era tudo que ela precisava. Ele não podia se mancar? Esmé se sentou e olhou diretamente para a filha.

"Eu achei que você estava, com Rafe e com os outros."

"Não, eu não estava."

Ela gemeu com a idéia . Os cinco jovens machos que foram seus únicos companheiros de mesma idade provavelmente matariam o restante do bando se mantiverem-se do jeito que estavam.

"Então onde você foi?" Vivian se virou para sair da sala. Desde quando sua mãe se preocupava tanto com o que ela fazia?

"Na cascata do rio. Pelas rochas." Disse ela por cima do seu ombro. "O que você foi fazer lá?"

"Nada."

Enquanto ia embora, Vivian ouviu a mãe rosar levemente de frustração. Porque Esmé sempre tinha de falar sobre Os Cinco? Não entrava na cabeça dela que Vivian não Queria andar com Eles?

O familiar nó em sua garganta se formou, duro e apertado. O incêndio do ano passado foi culpa dos Cinco e dos Axel' s. Ela esmurrou a porta de seu quarto. O lado de dentro da porta ficou estriado com marcas de garras. Ela estirou suas garras e arranhou outra linha. Axel saiu e perdeu o controle e matou aquela garota.

Axel vinha agindo de modo selvagem na primavera passada, e dizendo coisas malucas. Ela ouviu ele e os Cinco se gabarem das visitas feitas na cidade á meia noite onde eles perseguiram humanos nas sombras e os apavoravam estupidamente.

O que eles faziam parecia engraçado. Vivian fazia também. Mas rumores foram surgindo em torno da escola. As pessoas foram ficando nervosas. Vivian disse que talvez eles devessem deixar as coisas se acalmarem. Eles só zoaram dela. Em seguida Axel começou a ficar fora de si e alguma coisa parecia errada nele. Ele não falava muito. Isso favoreceu sua loucura.

Eu estava quase apaixonada por ele - Vivian pensou enquanto trocava suas leggings.

Rafe pensou que eu era a garota dele, mas eu adoraria dispensá-lo num segundo por Axel. Ela suspirou com desgosto. Se preocupar com Axel foi burri-ce. Ela tinha visto o seu comportamento ficar fora de controle e ela não tinha feito nada. Ela deveria Ter contado ao seu pai o que eles estavam fazendo mesmo se isso significasse que ela deixaria a si mesma com problemas.

Mas você não ia querer dedurar seus amigos, não é?

Depois da noite no Valentine's dance, Axel foi sozinho na cidade e matou uma menina na parte detrás da escola.

Vivian ainda sentia o calor de ódio quando ela pensava no que ele estava querendo ao fazer aquilo.

Ela não ajudava pensando que ele a matou por uma razão fútil, como o desprezo da garota.

E ele poderia Ter tido a mim.

Ela pensou amargamente. Ele deve Ter se transformado de volta quando um aluno o viu encurvado sobre o corpo.

Antes que Axel pudesse se dar conta que ele estava lá, o garoto deu no pé e chamou a polícia. Os cinco resolveram ajudar. Mataram outra garota enquanto Axel estava na prisão. Eles não deixaram de Vivian ficar ciente dos planos deles. Deduziram que ela tentaria os impedir. E eu ia, ela pensava. Mas ela não sabia.

- Como um garoto poderia ser coberto de pelos?

Como poderia um humano fazer tais ferimentos o advogado da família defendia Axel. Com o novo assassinato cometido enquanto Axel estava na cadeia, alegaram que havia um animal selvagem á solta na cidade. Axel apenas encontrou o corpo e, em seguida se apavorou e tentou fugir.

O caso estava encerrado. Mas alguém acreditou na história do testemunho que um garoto se transformou em lobo, e mais tarde numa noite a hospedaria desmoronou em chamas em seis pontos diferentes e fumaça preta ácida escondeu a lua.

Por volta de 1600, seus ancestrais haviam fugido da histeria dos lobisomens na França para o esparsamente colonizado Novo Mundo, e ao final do século haviam se fixado na selvagem Louisiana. Na Nova Orleans do século dezenove os trigêmeos Verdun quebraram o boicote sobre carne humana e a matilha se mudou com afobação para a Virgínia Ocidental, onde se uniram à eles os remanescentes de uma matilha alemã da Pensilvânia. Ano passado o apetite proibido havia ganhado novamente, e a matilha fugiu dos morros que haviam sido seu lar por cem anos e chegou como fugitiva no subúrbio de Maryland – cinco famílias e mais outros agregados comprimiam-se na casa vitoriana em ruínas do tio Rudy em Riverview. Com sorte, ninguém os seguiria até aqui; eles podiam marcar novas trilhas.

A casa na Estrada Sion² tinha se esvaziado graduamente a medida que os outros encontravam empregos e lugares para ficar, até que ela abrigava somente Vivian, Esmé, e tio Rudy. Vivian pensou que à essa hora eles teriam feito planos para o futuro, mas agora a matilha toda parecia estar louca, inclusive sua mãe. Com mais da metade deles mortos, ninguém mais sabia o seu lugar. Havia constantes brigas tolas. A sobrevivência dependia deles se enturmarem enquanto se organizavam e decidi-am para onde se mudar e se fixar de vez, mas a qualquer momento a matilha podia explodir e ficar pêlo para todo o lado. Eles precisavam urgentemente de um líder, mas ninguém concordava em quem.

² Sion é um lugar imaginário considerado perfeito *Enturmar-se*, ela pensou. *Se eu ao menos pudesse.*

Verão passado ela havia se escondido em seu quarto e dormido na maior parte, e nas primeiras horas da manhã, a hora que os lobos

vinham para casa para perder seu pêlo, Vivian ouvia sua mãe chorar inconsolavelmente na janela aberta de seu quarto por alguém que nunca mais voltaria para casa.

Porém, assim que seu segundo ano começou, Vivian começou a comer quase regularmente, e Esmé achou um emprego de garçonete no Tooley's, a es-pelunca local. Gradualmente não ficou tão difícil sobreviver dia após dia. Vivian não ficava mais exausta quando entrava pela porta as três e meia, e o dever de casa começava a fazer sentido.

Ela começou a olhar com desejo os grupos de garotos rindo juntos depois da escola ao redor do mastro da bandeira.

Primeiramente ela pensou, *Por que eu iria fazer amizade com pessoas que me matariam se sou-bessem o que eu sou? E se eu deixasse escapar meu segredo?* Mas o desejo continuou. Foi então que ela percebeu que ela não sabia como fazer amigos.

Ela sempre tivera a matilha ao seu redor, a matilha que agora se escondia em suas cavernas separadas. Eles sempre foram as crianças da matilha.

Ela nunca tivera que procurar por companhia, a companhia sempre estivera ali. Os Cinco ainda estavam ao redor, é claro, mas agora ela não suportava ficar com eles, e eles não podiam mais ser amigos dela agora, de qualquer maneira. Todos eles a viam como uma companheira – seja legal com um, e os outros ficariam de cara feia e a repreenderi-am. Lutar, lutar, lutar, era isso que prestar atenção neles significava.

Eu quero outros amigos, ela pensou. Mas ninguém parecia Querer ela.

Ela ficou de pé na frente do espelho do seu closet usando uma camiseta e girou para um lado e para o outro. *O que há de errado comigo?* ela se perguntou.

Não havia nada de errado que ela pudesse ver. Ela era alta e tinha pernas longas, como sua mãe, com seios grandes, cintura pequena, e quadril delgado que tinha curvas o bastante para mostrar que ela era uma mulher. Sua pele era de um gentil dourado; era sempre dourado, com Sol ou não, e seu fulvo cabelo era grosso e longo e selvagem.

Então por que era que grupos de garotas paravam de falar quando ela se aproximava deles na escola e respondiam-na com palavras concisas que matavam a conversa que ela tentava começar? Ela era bonita demais? Isso era possível? Era essa a ameaça que eles viam? Ela era uma linda *loup-garou*³,

ela sabia – os Cinco uivavam para ela – mas o que os olhos humanos percebiam?

Os garotos cutucavam uns aos outros quando ela passava; ela os tinha visto de canto de olho. Eles a haviam notado. E ela podia entender porque um ou dois ficariam corados e gaguejariam se ela falasse com eles. Havia sempre meninos tímidos que morreriam se alguma garota os notasse. Mas aonde estavam os corajosos?

Homens ou mulheres, eles resistiam à ela. Eles podiam ver a floresta em seus olhos, a sombra de seu pêlo? Seus dentes eram afiados demais? *É*

difícil não ser um lobo, ela pensou.

Ela sentia falta das inclinações da montanha aonde os humanos ficavam bem longe e a matilha perto, e ela dificilmente precisara fingir.

3 termo francês que significa lobisomem

Eu não ligo, ela pensou, girando ao redor. *Eu não preciso de humanos. Eu ainda tenho a matilha, e nós vamos nos mudar novamente logo*. Mas ela ligava. A matilha estava aos pedaços, e

entre esses humanos ela era um lobo – *loup-garou* – e isso a fazia uma intrusa e alguém indesejável. *Mas eles gostariam de mim se tivessem tempo para me conhecer*, ela pensou. *Eles só não me conhecem.*

Ela se atirou em sua cama e esticou suas pernas no ar para admirar suas insinuantes curvas,

segurando seu quadril para firmar-se para cima.

Ela se esticou o máximo quanto pôde, os dedos do pé estirados, os dedos da mão alcançando, os músculos em uma doce tensão, quase tão doce quanto a mudança de pêlo. - Eu sou forte, ela sussurrou. - Eu posso correr com a noite e capturar o amanhecer. Eu posso fazer um buraco no céu. E

ela fez um golpe com um pé para provar suas palavras. Então se enroscou em formato de bola.

Ela sentia falta do seu pai – de seu conselho, de seu aconchego. Ela expôs seus dentes para a dor familiar.

De onde estava deitada, ela podia ver a parede in-tacta da qual ela tinha retirado os móveis e o painel que ela havia começado para consolar a si mesma e fazer desse quarto seu.

Sombras irregulares e grossas faziam da floresta algo selvagem, textura em textura; a Lua desenhada brilhava ferozmente. Havia vermelho retalhado na escuridão – olhos, sangue. *Loups-garoux* corria pelo luar unido em uma noite do passado de seus ancestrais. As histórias contavam que pelo ritual, sacrifício, e sacramento, eles abriam suas almas para o Deus da Floresta, o grande caçador que tomava a forma de um lobo. Para recompensá-los por sua devoção, seu companheiro, a Lua, deu-lhes o dom de serem mais do que humanos. Então eles podiam deixar de lado os pêlos de animais caçados e deixar crescer o seu próprio, abandonando suas facas de

pedra e usando seus dentes. Os filhos dos filhos de seus filhos ainda carregavam a besta dentro deles, e todos eram súditos da Lua.

No centro do painel era onde ela se tornaria parte da noite, aonde ela correria com a matilha de seus ancestrais. Mas agora toda vez que ela pegava o pincel, ela não conseguia continuar. Ela não conseguia se ver ali. Ela tinha um sonho regularmente sobre a pintura. Ela estava cercada pela escuridão e ela não conseguia ver os focinhos de animais ao seu redor. Ela estava correndo, correndo, tentando alcançar a noite aberta, mas ao redor as enormes formas a comprimiam e arranhavam sua pele com seu pêlo áspero e grosso a medida em que a gol-peavam e empurravam. E ela não conseguia deixar seu pêlo crescer. Era sempre o pêlo deles contra a pele dela, e ela acordava chorando.

Como querendo neutralizar o sonho, ela tinha se tornado obcecada por um tempo e tinha criado uma dúzia de pinturas e desenhos menores da matilha que ela conhecera quando era pequena. Eles revestiam seu closet e estavam empilhados no espaço entre sua penteadeira e a parede. Eles a ajudavam a manterem-na no passado. Eles a impediam de ficar louca.

O professor de arte achou que ela era uma dessas artistas punk e se empolgou sobre o poder do ex-pressionismo.

Notável Lua, ele se mijaria de medo se soubesse que meus temas são reais, Vivian pensou jubilan-temente. Ele a havia convencido a submeter algumas cópias para revista literária da escola. Ela tinha rido no começo – mas por que não? E agora, para sua surpresa, havia uma de suas cópias perto do centro do *The Trumpet*. Vivian sorriu. E não havia dúvidas de que esses humanos pensavam que seu trabalho era a visão muito descolada dos mortal-mente modernos e perigosos.

Pensar nessa pequena aceitação empurrava a melancolia para longe, e ela se obrigava a buscar sua mochila e dar outra olhada.

Ela deixaria a revista aberta na mesa da cozinha para que sua mãe visse amanhã antes de ir trabalhar. Ela reconheceria a arte de sua filha? Ela ficaria orgulhosa?

A revista cheirava à algo brilhoso e estava gelada em suas mãos. Ela achou sua cópia e devorou o resplendor dela, rápida e completamente. *E essas garotas na escola irão me notar agora?* ela pensou.

Ela nem tinha se dado ao trabalho de olhar com quem ela dividia o espaço. *O meu trabalho é melhor do que o dos outros?* ela se perguntou agora. Um poema estava na página oposta a dela. Ela olhou para ele com suspeita. Uma porcaria de poema iria rebaixar o que ela havia feito, fazer isso parecer barato.

O título a assustou – - Mudança do Lobo. Ela o leu.

Corsário da madeira

descarte a sua pele

sua pálida e submissa

vulnerabilidade.

Corsário da madeira

troque a sua pele

por um couro pardo

e um tigrado luxuoso.

Um pentagrama está queimando

nos seus olhos

e cordas suaves e pálidas

de [wolfbane](#) 4

espremem seu coração.

Uma dor de trituração

está torcendo suas coxas

o esmigalhamento de ossos

proclama o começo da mudança.

Pirata da carne

jogue sua cabeça para trás

e divida seu papo

4 tipo de planta venenosa, também conhecida como Aconi-tum
Lycoctonum

para cantar uma canção lunar.

As trilhas da floresta são escuras

a noite é longa.

Ela tremeu com um delicioso choque.

Ele sabe, ela pensou. Ele sabe o que está na pintura. Raiva avançou sobre a excitação e seus olhos se estreitaram. Quem era esse Aiden Teague? Por que ela saberia sobre as trilhas da floresta?

Mas ela estava intrigada. Talvez ela devesse procurá-lo e dar uma olhada nessa pessoa que escreveu sobre o esmigalhamento de ossos, ver se ela o aprovava.

E se ela não o aprovasse? Mandar os Cinco para cima dele? Ela riu suavemente, revelando pontudos dentes brancos.

2

A manhã foi timidamente quente, e um cheiro de rosas vinha do quintal do vizinho. O dia deveria ser quente mais tarde; ela estava agradecida, então decidiu vestir um short. *As aulas estão acabando*, Vivian pensou enquanto caminhava abaixo da linha de árvores da rua. *O que vou fazer no verão?* Mudar-se, ela esperou. Sair logo desse lugar.

"Ei, Viv."

Uma figura magra e musculosa apareceu detrás de uma coluna de pedra⁵, e seus olhos arregalaram-se por um instante. "Rafe," ela disse em um cumprimento casual, voltando a andar. Se ela não estivesse sonhando acordada, ela poderia tê-lo farejado.

Rafe seguiu ao seu lado. Ela notou que ele estava cultivando um cavanhaque e bigode. Ele passou a mão pelo seu espesso e castanho cabelo e rasgou com suas garras o embrulho do jornal que ele levava embaixo de um de seus braços. "Indo para a escola?"

"Alguns de nós vamos."

Os Cinco eram mais encontrados perto do restau-rante na esquina da rua da escola, ou para baixo do rio.

"Yaaaaahhhhhh! "Buuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!"

5 Do original, - gatepost . É uma coluna que fica ao lado do portão. Geralmente de pedra ou tijolo.

Dois garotos pularam de uma árvore em um rápido movimento, cabelos voando. Dessa vez ela se amaldiçoou. Ela deveria ter percebido que os outros estavam por perto. Os gêmeos, Willem e Finn, pareciam orgulhosos de si mesmos. Willem, com seu rosto

redondo, escorregou um braço ao redor da cintura dela e deu um aperto amistoso. "Nós te as-sustamos, não é?" ele perguntou, obviamente esperando que conseguira.

"Vocês são apenas filhotes," Vivian disse, tirando o braço de sua cintura. Ele sempre foi o seu favorito dos gêmeos enquanto estavam crescendo. Ele era mais fofo e previsível do que seu irmão, mas seus gestos de afeição tinham perdido sua inocência nos últimos anos.

Finn, o gêmeo mais magro, sorriu sardonicamente.

Ela estava esperando os outros agora, então não foi uma surpresa quando Gregory, o desajeitado e louro primo dos gêmeos, apareceu silenciosamente de-trás de outra árvore e juntou-se aos outros, e Ulf pulou uma cerca branca do seu jeito trêmulo até a cal-

çada, rindo de modo selvagem, até que Rafe bateu em suas nádegas.

Eles vestiam seu uniforme usual de botas, jeans preta, camiseta, e suas tatuagens combinadas. Rafe tinha enrolado as mangas de sua camiseta, deixando a mostra seus bíceps. *Meu guardas pessoas,* pensou Vivian.

"Vi sua mãe entrando no bar do Tooley com Gabriel noite passada," disse Finn. "Ela estava em cima dele." Seus lábios afinaram-se de ódio, e seus olhos se estreitaram esperançosamente.

Vivian indignou-se, mas ela não iria dizer palavra alguma.

"É, e Astrid não estava muito longe," contou Rafe.

"Ela parecia brava." Ele riu.

"Ei, deixem minha mãe fora disso," Ulf piou.

Então era por isso que ela estava brigando, Vivian pensou. Gabriel. Aquilo era nojento.

Ele tinha apenas vinte e quatro.

Rafe tirou o embrulho que carregada em baixo seu braço, e Vivian escutou Ulf dar uma risadinha. Rafe puxou a corda e desatou o nó. Seus olhos estavam mais vermelhos do que castanho quando ele olhou para ela, um grande sorriso malicioso brincou nos lábios dele, e Vivian soube que ele iria fazer alguma travessura.

"Vivian, eu gostaria de te dar o meu coração," Rafe disse, repentinamente sério, então imediatamente sorriu de novo. "Mas, uma vez que pode ser inconveniente, eu trouxe o de outra pessoa."

O jornal ainda estava enrolado, e um líquido marrom viscoso pingou na calçada. "Rafe!" Ela olhou em volta, esperando que os vizinhos não estivessem vendo. "O que diabos você está tentando fazer?"

Os Cinco estavam impotentes com a risada.

Vivian agarrou o jornal da mão de Rafe e tentou esconder a bagunça.

"Dei meu coração..." ele suspirou, e dobrou-se de rir.

Onde ela poderia pôr isso? Onde estava o corpo?

Ela começou a desenrolar o embrulho do troféu nojento.

Depois, "Rafe, seu idiota," ela choramingou. "Isso é um coração de uma ovelha." Mais um uivo de risadas explodiu d'Os Cinco.

Ela não sabia se ficava brava ou relevava. "Vocês foram à loja do Tio Rudy, não foram?" Rudy era um açougueiro na Safeway. Quando ninguém respondeu, ela rugiu e jogou o pacote na cara de Rafe. O

que fez os outros rirem ainda mais. Ulf tinha lágrimas nos olhos. Ela virou-se e os deixou, mas eles a seguiram com certa distância, e ela ouviu a explosão de risada deles por todo o caminho até a escola.

Mamãe achava que Os Cinco haviam aprendido sua lição, Vivian pensou. "Há!" ela falou alto.

Quando Axel voltara da cadeia, o pai dela dera seu julgamento rapidamente. E a punição por ter posto o bando em perigo fora a morte.

Vivian não pode salvar Axel, mas ela defendeu do seu pai Os Cinco. Eles eram crianças como ela.

Eles apenas haviam matado para provar que a testemunha estava errada e proteger o segredo do bando. Eles não iriam fazer isso novamente. Então Ivan Gandillon os fez implorarem pelo perdão da Lua e correr por um desfiladeiro com todo o bando em seus encaixos, e todos puderam dar sua mordida. Alguns disseram que ele deixou Os Cinco se saírem rápido demais, embora eles houvessem lambido suas feridas durante semanas. Talvez essas pessoas estivessem certas. Vivian nunca mais confiaria n'Os Cinco mais.

Não era ainda o horário do almoço quando Vivian lembrou-se que ela queria ir atrás de Aiden Teague.

É, porque eu não posso olhar para esse poeta, ela disse para ela mesma. *Ver se eu gosto dele escrevendo sobre coisas que ele não deveria saber.* Isso era melhor do que sentar-se perto de miseráveis.

Onde ela poderia olhar? Ela decidiu perguntar para o professor dele. Ele era um dos conselheiros do

"The Trumpet".

"É, sim. Ele é um júnior," Sr. Anthony disse, chacoalhando alguns pincéis na pia da sala de artes.

"Como eu posso encontrá-lo?" Vivian perguntou.

"Bom, se você esperar até segundo almoço, tudo que você deve fazer é olhar por essa janela. Ele fica com seus amigos no pátio, sob os arcos ali." Ele apontou com os pincéis para uma sessão da passa-rela coberta que corria em redor do perímetro do pá-

tio quadrado. "Como ele se parece?"

"O h, eu não sei. Ele é alto, boêmio."

Seja lá o que isso significa, ela pensou.

Senhor Anthony deve ter percebido o seu olhar vago.

"Você sabe, um retrocesso para os anos sessenta, jeans e pérolas, um hippie da MTV." A maneira de como ele disse a fez suspeitar que ele fora aquilo alguma vez.

"O h, eu sei," o professor acrescentou. "Ele estava vestindo essa camisa de manhã - um monte de amarelo e azul. Ele me fez sorrir. Escute, estou indo pegar um sanduíche. Feche a porta quando sair."

"Claro."

Felizmente ela havia trazido consigo o seu lanche.

Ela relaxou no peitoral da janela e mastigou um pedaço de carne enquanto esperava. Grupos de crianças estavam espalhados pelo pátio, comendo, conversando, e tomando banhos de sol. Alguns meninos haviam tirado suas camisetas, suas peles douradas e macias, como se eles tivessem sido engolidos pelo sol. Eles eram fofos de se olhar. Seus olhos demoraram-se neles ternamente como se eles fossem um pouco dela.

No segundo sinal, o turno mudou. Os meninos relutantemente pegaram suas camisetas, latas de refrigerante e livros, e correram para suas aulas, enquanto os outros dificilmente distinguíveis tomavam seus lugares.

Ela iria chegar tarde à aula de francês, Vivian pensou. Isso não importava, a professora a amava. Ela tinha uma perfeita pronúncia. Vivian ficou ereta, e suas mãos apertaram sua mala de lanche vazia. Ela fixou seus olhos nos arcos.

Dois garotos entraram em sua visão. Um possuía um escuro e no ombro cabelo e vestia uma camiseta florida [a6](#). Esse deveria ser ele. Outro garoto se juntou a eles, e depois uma garota. Eles pararam rindo em baixo do dossel, as sombras escondendo suas faces.

Então esse é você, Garoto Poema, Vivian pensou, mas ela não pode vê-lo claramente. Ela queria olhá-

lo mais de perto.

Por que eu estou me preocupando? ela perguntou a si mesma enquanto passava pela porta.

6 Do original, Poem Boy.

Por que eu sou uma pirata da noite e eu quero ver quem está entrando em meu território, ela respondeu. *Mas talvez ele possa ser de outro bando. Ou talvez ele só saiba demais,* ela pensou. Ela riu alto de seus melodramáticos pensamentos enquanto ela cruzava o gramado, e um aluno do décimo ano com espinhas olhou-a curiosamente. O sol estava quente, então ela dobrou sua camiseta, revelando a parte inferior de sua barriga.

Talvez eu deva apenas olhar, ou eu devo dizer alguma coisa? ela refletiu. *"Nossa, eu amei o seu poema."* Instantaneamente ela sentiu como se jogasse jogos malvados. Ela colocou mais determinação em sua caminhada. *Talvez fazer ele olhar.*

O menino do lado esquerdo havia notado ela primeiro. Ele era um robusto loiro com um rosto naturalmente bonzinho e olhos que brilharam levemente para ela quando se aproximava. Vivian não resistiu, ela piscou, e as bochechas do menino ficaram escarlates automaticamente. Isso era tão fácil. O outro garoto, tinha uma espécie estranha de corte de cabelo torto, tagarelado, mas a menina olhou ao redor e torceu seu nariz. Ela era pequena, com um escuro cabelo curtíssimo^{o7} - o tipo de garota que usa preto até em dias como esse. *Eu vou por mais uns rasgados em sua meia-calça, querida, se me olhar desse jeito de novo*, Vivian prometeu silenciosamente.

Então Aiden Teague virou-se para ver o que havia capturado a atenção de seus amigos. O brinco de cristal em sua orelha esquerda refletiu o sol em uma explosão de arco-íris, e seu vagaroso fácil sorriso enviou um choque por ela.

Ela o estava encarando, ela sabia, mas o rosto dele era delicioso. Os olhos dele eram divertidos e so-7 Quase raspado, tipo - Maria João.

nhadores, como se ele observasse a vida de outro ângulo e achando que era vagamente engraçado.

Ele pareceu lânguido, não intenso como Os Cinco -

aquelas irritantes, nervosas, rápidas, emburradas, brigonas, mordedoras, aguçada^{s8} criaturas que deviam tanto a ela. Ela notou que ele tinha uma estru-tura alta de dançarino e suas mãos com longos dedos, e um pensamento cruzou a sua mente de que ela poderia apreciar se ele a tocasse⁹.

"Eu te conheço?" ele perguntou. Ele esperou esperançosamente, um olhar confuso em seu rosto.

3

8 Essa parte ficou meio confusa para traduzir, então fiz o máximo que pude.

9 Agora entender se isso é uma forma pecaminosa de ver a frase, você que decide.

Vivian disse a primeira coisa que veio a sua cabeça.

"Hmm. Eu gostei do seu poema *The Trumpet*. " Eu não acredito que essa frase idiota saiu de dentro da minha boca, ela pensou. "Ei, obrigado," Aiden disse.

Ele continuou olhando, confuso.

Ele não é um lobisomem, ela pensou em desânimo.

Como eu posso reagir desse jeito se ele não é um de nós? Seu cheiro de doce suor e sopa era puramente humano. Se segura, garota, Vivian disse para si mesma. Ela não gostava desse sentimento dese-quilibrado. Ela pôs a mão no quadril e ousou encarar os olhos escuros dele que tentavam e afogavam ela agora. "S eu poema é meu outro lado. Fiquei feliz em não estar perto de algum lixo."

O garoto loiro relinchou, rindo.

"Cala a boca, Quince," Aiden disse, mas ele deu um sorriso largo.

"Aquela cena era em alguma espécie de floresta, não era?" o garoto com o corte de cabelo

engraçado disse. "Medonho, cara."

A garota de cabelo negro colocou a mão no braço de Aiden. "Bingo está nos esperando."

"Espera ai, Kelly," Aiden gentilmente se livrou da mão dela, e a garota franziu as sobrancelhas som-briamente. "Legal," ele disse pra Vivian. "É como se você tivesse lido minha mente."

"É o que eu pensei do seu poema," Vivian respondeu. Sua resposta para ele era perturbadora, mas ela queria explorar. Pegou a mão dele e a virou, percorrendo com suas unhas toda a extensão de seus dedos. Ele não resistiu.

"O que você vai fazer, ler meu futuro?" Aiden perguntou.

"Sim," ela respondeu. Ela deslizou uma caneta de sua bolsa. Depois, enquanto ele olhava

fascinado, ela escreveu o número de seu telefone na palma da mão dele. Por capricho, ela desenhou uma estrela de cinco pontas em volta.

"O que é isso?" Quince perguntou. "Você é judaica ou algo assim?"

"Nada," disse Aiden brandamente. "Isso é um pentagrama." "Então ela é uma bruxa," Kelly falou rispidamente.

Não, minha querida, Vivian pensou. Você não assis-te filmes do Late-night suficiente. A pessoa que vê um pentagrama em sua mão se torna uma vítima dos lobisomens.

"Você é uma bruxa?" Aiden perguntou, seus olhos cintilantes.

A voz dela era áspera. "Por que você não descobre?" Ela fechou a mão dele ao redor do desenho que ela mesma fizera. Dentro, o coração dela estava batendo loucamente em resposta a sua charada, mas ela recusou-se a perder a cabeça.

Enquanto ela caminhava para outro lado, escutou Kelly erguer sua voz, mas ela não se deu ao trabalho de escutar. Então aquela garota era namorada dele? Ele poderia fazer melhor.

Muito melhor.

A tarde toda, seus pensamentos retornaram a ele, como uma música que não se pode tirar da cabeça.

Depois de um tempo isso começou a tornar-se cha-to. O que eu sou, uma pervertida? ela perguntou a si mesma. Ele era humano, para os filhos da Lua-metade de uma pessoa.

É apenas um jogo, ela disse a si mesma, *para ver se eu consigo lançá-lo.* Mas ela queria saber o que havia dentro da cabeça de um humano para conseguir escrever aquele poema, e ela quis saber por que ele a deixava sem ar.

Quando ela chegou à porta de casa, encontrou já aberta. Gabriel, a inspiração da última briga de sua mãe, estava saindo. Ele postou-se diante a porta, bloqueado a entrada. Sua camiseta agarrada a seu amplo peitoral.

"O lá, Viv," ele cumprimentou. "Está bem hoje." Sua voz saiu como um ruído surdo e prolongado, igual a um ocioso trovão.

Seus olhos azuis caçadores a fizeram querer vomitar. "Guarde seus elogios para Esmé." Gabriel es-fregou seu queixo e sorriu largamente. A ponta de outra cicatriz apareceu em sua garganta. "Nós não a vimos lá em baixo no Tooley's", ele disse, ignorando a raiva dela. Ela lançou-lhe um olhar penetrante. "Sou muito jovem para beber."

Ele olhou-a de novo, tomando seu tempo. Antes que ela percebesse, ela arrancou a barra de cima de seu short. Sua blusa parecia apertada. Ela estava consciente de uma gota de suor que

desceu em meio a seus seios, fazendo cócegas. "Podia me ter enganado," ela disse por fim.

Ela o encarou nos olhos, desafiando ele; ela estava fora de seu abismo, mas desafiante de qualquer forma, disposta a não deixar seus lábios tremerem.

Houve silêncio por um momento e ela não pôde ler sua forte, bem desenhada face. Ele esbarrou nela.

Ela empurrou de volta. Então ele riu como um gigante e moveu-se para o lado. Ela escorregou para dentro de casa, nervosa por ela ter recuado, mas mostrando a ele que ousara ir até. Ela fechou a porta na cara arrogante dele.

"Mãe!" ela gritou com uma voz aguda.

Esmé pôs sua cabeça para fora da sala de jantar.

"Quanto tempo ele ficou aqui?" Vivian exigiu.

"Só alguns minutos," Esmé respondeu. Ela parecia presunçosa. "Ele passou por aqui para me convidar para tomar alguma coisa."

"Que merda, mãe. Ele só tem vinte e quatro." "E dai?"

"Você tem quase quarenta."

"Bem, que se dane." Mas nada estava tirando o sorriso do rosto de Esmé. "Você não acha que é meio nojento?"

Esmé levantou bruscamente seus braços no ar. "Por deus, não é nada sério." "Ótimo. Agora ele é seu garoto de brinquedo."

Esmé maliciosamente. "Algo assim." Ela dançou até o topo da escada, sua bunda mexendo-se como uma calda. Vivian seguiu

Esmé até o andar superior e bateu a porta do seu quarto. Rudy fora para o bar Tooley's depois do trabalho, então só havia Vivian e Esmé na mesa de jantar. Vivian ainda pensando na visita de Gabriel. Ela pensou em seu pai e no vazio que ainda a corroía por dentro. Seus pais pareciam tão felizes juntos. Ela achava que sua mãe dividia aquela dor, mas agora Esmé estava agindo como uma estúpida garota de catorze anos.

"Você amava papai?" ela finalmente perguntou.

Esmé olhou-a com choque para a pergunta fora de questão. "Sim, eu amava ele." "Então por que você está zanzando por aí?"

"Já faz um ano, Vivian. Estou cansada de chorar.

Estou me sentindo sozinha. De vez em quando eu quero um homem na minha cama."

Vivian quebrou seu prato abruptamente e seguiu para a cozinha. Podia sua mãe falar com ela como se fosse a filha? Ela raspou do prato de porcelana os restos de comida com uma faca.

"Cuidado com os pratos!" sua mãe gritou.

Isso é mais parecido com isso, Vivian pensou.

Uma hora depois, Vivian estava em sua cama estudando uma matéria desinteressante de química, quando o telefone tocou. Ela pegou o telefone do corredor do segundo andar esperando que fosse algum membro do bando, mas era Aiden.

"Vai ter um show de graça na universidade esse final de semana," ele disse. "Na noite de domingo.

Você gostaria de ir... talvez?"

Os olhos dela estavam meio fechados e ela lambeu seus lábios.
"Talvez. Quem vai tocar?"

Ele mencionou uma banda que ela nunca ouvira falar com uma reverência, de uma forma que sugeriu que era bem conhecida dele e uma de suas favoritas. Ele estava dividindo um convite especial com ela. "Eu tenho que ver se minha família tem algo programado," ela disse a ele. "Eu te dou a resposta amanhã." Não fazia sentido deixá-lo demasiado ansioso. "Não se preocupe. Eu te acho."

Vivian desligou e espreguiçou seus braços em direção ao teto contentemente, arqueando suas costas.

Será que ela deveria ir, ou ele que estava caindo na isca rápido demais?

Mas uma sombra apagou seu bom humor. Se eles saírem juntos, ele vai querer beijá-la. Ele estaria a salvo se chegasse perto o suficiente para que seu cheiro chegasse às narinas dela? Esmé entrou em seu quarto. Ela estava vestindo um apertado vestido preto que ela usava para trabalhar como garçonete.

"Quem era?" ela perguntou casualmente, enquanto colocava um brinco.

"Um garoto da minha escola." Esmé parou. "Ahn?"

"Ele perguntou se eu queria ir com ele a um show."

"Um *deles* perguntou se você quer sair?" A expressão da mãe dela combinava repulsa e surpresa. "Eu não permito."

Vivian indignou-se. "Você não pode me dizer com quem eu devo ou não sair."

Esmé colocou sua mão em sua cintura. "Não vá a um encontro se não pode noivar'[10](#), o ditado diz.

Humano e 'tipo-lobo' são incapazes biologicamente de procriarem."

"Eu estou indo a um encontro, não tendo um bebê,"

Vivian disse rispidamente. "E não me diga que tipos-lobo só começam um relacionamento quando querem um filho. Eu sei bem."

"Você conseguiu uma boca esperta, garota," Esmé disse enquanto saía do quarto.

10 Do original: 'Don' t date if you can' t mate'

Agora Vivian sabia que ela tinha ido.

Ele tinha telefonado, e ela não era mais uma intrusa- intocável e estranha, talvez invisível.

Mas então por que ela tinha tanto medo? Ele era humano no fim das contas: um menino de carne sem pelo, uma criatura incompleta que só tinha uma forma.

Que triste, ela pensou, e subitamente almejava uma diferença.

Como todas as pessoas dela, ela tem de mudar mesmo querendo ou não, a ânsia era grande demais para suprimir. Nas outras horas ela pode mudar quando quiser, tanto parte quanto totalmente.

Mas agora a lua cresceu como uma barriga de sete meses, e ela desejou mudar por que era possível.

Ela queria correr apenas por diversão.

Ela andou com passos largos através da escuridão do quintal, cruzando uma clareira do bosque fora do estreito laço em volta, ao

longo de um riacho, até a represa, e desceu para o vasto vale gramado que prendia o rio.

A grama já estava alta. Aqui e ali devia haver tocas feitas por crianças, mas ela provou o ar e não cheirava a carne humana.

Descendo pelo rio havia uma queda de gigantes pedras que escondia o barranco. Atrás das pedras, em meio as algas que batiam na altura dos ombros, ela lentamente se despiu. Já a sua pele formigou. Uma brisa passou lentamente encrespada ao redor de seus seios, e seus mamilos enrijeceram com o ar frio do rio. Ela riu e tirou sua calcinha.

Sua risada tornou-se um gemido no primeiro movimento de seus ossos. Ela contraiu suas coxas e abdômen para deixar a transformação acontecer, e abraçou o ar noturno como uma amante enquanto seus dedos encompridaram-se e suas unhas cresceram. Seu sangue se agitou como um calor de desejo. *A noite*, ela pensou, *a doce noite*. O excitante cheiro de coelho, madeira velha, e urina encharca-ram o ar.

A carne de seus braços borbulhou e suas pernas dobraram-se em uma nova forma. Ela dobrou-se assim que seus músculos do abdômen tiveram rá-

pido espasmo, então fez careta quando seus dentes a fiaram-se e sua mandíbula se estendeu. Ela sentiu a dor momentânea de sua espinha se quebrando e depois a doce libertação.

Ela era uma criatura muita mais larga e forte que um lobo natural. Seus dedos das patas e pernas eram mais largas também, suas orelhas muito maiores, e seus olhos tinham fogo. Lobo era apenas um termo conveniente que havia sido adaptado. Aqueles que preferem ciência ao invés de mito dizem que são descendentes de algo antigo- algum mamífero que havia absorvido proteico trazido a Terra por um me-teorito.

Vivian espreguiçou-se e tocou com as patas o chão, ela inalou o glorioso ar. Ela sentiu que seu rabo poderia varrer as estrelas do céu.

Eu vou uivar por você, garoto humano, ela pensou.

Eu vou caçá-lo em minha pele de garota, mas celebrar como uma loba.

E ela correu a extensão do rio até o subúrbio da cidade e voltou, abaixo da esperançosa e prematura lua de verão.

4

Às oito horas o grande salão da casa de Vivian estava cheio. O bando se espalhava pela sala nos so-fás, nas cadeiras, e no chão em um grosseiro semicírculo diante da lareira – exceto Astrid, que re-clinava-se separadamente em um assento na janela saliente na frente da casa, e os Cinco, que va-gueavam ao lado da janela, se provocando e trocando golpes brincalhões. Entre a multidão tinham alguns perdidos que haviam gravitado ao redor do bando quando ele veio para o subúrbio, e outros que Vivian não conhecia bem que tinham trabalha-do na hospedaria quando ela era bem mais nova.

Muitos daqueles que se foram para se juntar à seus parentes quando a bagunça começou não haviam voltado.

Vivian sentiu uma pontada de solidão. *Isso é tudo que sobrou de nós, ela pensou. E ninguém com quem eu me sinta próxima. Nem mesmo mais a mamãe. Ela encaracolou-se em sua poltrona.*

Astrid riu das travessuras dos garotos. Quando ela girou sua cabeça, seu cabelo vermelho se iluminou contra as cortinas verdes.

Com seus distintos traços e seu traseiro rechonchudo, ela lembrava à Vivian mais uma raposa do que um lobo.

Gabriel marchou agitada mente na frente da lareira.

Astrid olhou para ele repetidamente até que finalmente capturou seu olhar; então ela piscou. Seu sorriso era vagaroso e ardente; ela sentou-se de volta com sorriso afetado de satisfação.

A mãe de Vivian viu a troca, também. - Vadia, ela murmurou. Ela se inclinou sobre Vivian para reclamar com Renata Wagner, então olhou para Gabriel e lambeu seus lábios explicitamente.

Renata riu. - Pare com isso, Esmé.

Vivian virou-se, embaraçada.

- Podemos fazer silêncio, por favor? Rudy gritou.

Jenny Garnier recuou e agarrou seu bebê com for-

ça para perto dela. Ela estivera tão ferida quanto um coelho capturado desde que perdera seu marido no incêndio. Rudy estendeu a mão do superes-tofado braço do sofá em que estava empoleirado para dar um tapinha tranquilizador no ombro dela.

Todos olharam com expectativa em sua direção.

Bem, quase todos.

Willem e Finn cacarejavam e batiam um no outro de cada lado de Ulf, que desviava deles, um olhar de pânico em seu pequeno e pálido rosto. Rafe estava contando ao boquiaberto Gregory o quão grande os peitos de algumas garotas eram.

O pai de Rafe, Lucien, se retorcia na cadeira confortável em que ele estava sentado preguiçosamente. - Pare com isso, ele rosnou, e ergueu o punho. Rafe olhou para seu pai, mas ele esperou até que Lucien se virasse antes de lhe mostrar o dedo do meio.

- O dinheiro da seguradora chegou, Rudy disse para o silêncio. Houve um breve ruído de sussurros. - Nós temos o bastante para fazer o que quisermos agora.

Vivian engoliu um uivo de indignação. Essa era a notícia pela qual eles estiveram esperando e Rudy não havia contado à ela. Eles tinha tomado café da manhã juntos, pelo amor da Lua.

- E o engraçado é que, Rudy continuou, - não iríamos receber o dinheiro se o Xerife Wilson não tivesse feito tanto esforço para

cobrir as evidências de que foi um incêndio culposo para que seus amiguinhos não se encrencassem.

- Três vivas para o Xerife Wilson, Bucky Dideron convocou, com ondas de riso. Rudy levantou seus braços. - Está bem, está bem.

A sala se aquietou.

- Meus agentes checaram algumas propriedades viáveis, Rudy disse. - É hora de escolher para onde o bando irá.

- E quem irá nos liderar, Gabriel disse. Vivian estava tão irritada de ver Esmé sorrindo.

Não havia mistério sobre quem ela apoiava.

No chão em frente à sua distraída mãe, as irmãs de Gabriel - trigêmeas de dezoito anos perturbado-ramente similares - estavam decididas a descobrir quem conseguia sentar em cima das outras por mais tempo. Vivian se coçava para ir até lá e bater nelas até que uivassem. Antes que cedesse à co-ceira, Gabriel se inclinou e sussurrou algo para elas e elas se acalmaram.

O velho Orlando Griffin falou em uma voz trêmula.

- Rudy, foi você que arrumou tudo.

Você nos abrigou quando estávamos sem casa, ajudou a nos estabelecer em um lugar desconhecido, achou os advogados, e achou os agentes. Você tem sido um bom líder enquanto estivemos aqui.

Ele apontou para Rudy com uma mão com cicatriz de queimadura. - Eu voto em você como líder na mudança.

- Eu aprecio o seu apoio, Rudy disse. - Mas eu não vou com vocês.

- Rudy! Esmé exclamou.

Rudy correu seus dedos por seu cabelo cinza-te-xugo. - Minha vida é aqui. Eu estava disposto a ajudar enquanto pudesse e colocasse as coisas para funcionar, mas agora é hora de vocês parti-rem, e para isso vocês precisam de um tipo diferente de líder do que eu tenho a força ou a vontade de ser.

- Você está supondo muito, Astrid disse de seu posto na janela.

A testa de Rudy enrugou-se. - O que você quer dizer?

- E se não quisermos partir?

Vivian ficou estupefata quando Astrid não foi imediatamente calada.

- Vocês têm que ir, Rudy disse. - Esse não é o lugar para o bando. Há humanos demais, perto demais. Com tantos de nós, mais cedo ou mais tarde alguém irá cometer um erro, e dessa vez pode significar o nosso fim. O lhe para esses garotos. Ele apontou para os Cinco.

- Não me diga que eles tem o bom senso de ficarem longe de encrencas.

- Eles só estão sendo garotos, Astrid disse, sorrindo indulgentemente para os Cinco.

- E talvez eles tenham razão, Lucien Dafoe disse.

- Talvez seja hora de mudar as regras.

Talvez seja hora de caçar invés de ser caçado. Essa é a minha opinião.

- Nós conhecemos as suas opiniões, repreendeu tia Persia, a curandeira mais idosa.

E a sua bebedeira, Vivian pensou. Ele não tinha lidado bem com suas perdas. Se alguém era uma ameaça, era ele. E se ele perdesse

o controle e se revelasse em algum bar uma noite? Rudy estava certo. Eles tinham que sair da cidade.

- Mas nós acabamos de nos estabelecer, Raul Wagner disse. - Nós temos trabalhos. Ele acenou em direção à sua esposa, Magda. - Nós finalmente temos uma casa decente.

- E olhe o que tem acontecido com nossas crian-

ças enquanto estamos ralando pra burro tentando ganhar o bastante para viver nessa cidade, seu ir-mão, Rolf, respondeu. - Nós precisamos morar em algum lugar onde podemos arcar com nossos pró-

prios negócios novamente, onde podemos fazer o nosso horário, ter tempo para as crianças.

- Mãe, Vivian sussurrou ansiosamente. - O que você quer?

Esmé balançou sua cabeça. - Eu gosto daqui. Mas ela parecia incerta.

Eu sempre tomei como certo que todos concordavam, Vivian pensou. Que quando a hora chegasse nós partiríamos.

Os Wagner estavam discutindo entre si agora, como se ninguém mais existisse; as trigêmeas estavam lutando e gritando novamente; Orlando Griffin estava tentando levantar sua voz sobre a algazarra.

Jenny Garnier desatou a chorar e o bebê se juntou à ela.

Rudy levantou-se de repente. - Calem a boca, todos vocês!

Suas palavras não fizeram efeito algum. O barulho ficou mais alto. Vivian pôs suas mãos sobre seus ouvidos e desejou que eles fossem embora. Ela viu os Cinco indo em direção à porta.

Então Gabriel caminhou pela sala e pulou na mesinha de centro. -
Quietos!

Os Cinco congelaram. A sala caiu no silêncio. Quase.

Rudy ajoelhou-se ao lado de Jenny para confortá-

la, e gradativamente mãe e bebê pararam de cho-ramingar.

- Um líder forte tem controle, Rudy, Astrid disse. -

Talvez a razão pela qual esses garotos estejam um tanto fora de controle seja vocês, não a cidade. Eu acho que com o líder certo nós podemos ter uma boa vida aqui." Ela estudou Gabriel com prazer. -

Eu reconheço um homem bom e forte quando o vejo.

- Você conheceu um monte deles, Esmé disse audivelmente.

O lábio de Astrid tremeu, mas ela suprimiu o resmungo. - O que diz, Gabe? Quer ficar na cidade e liderar o bando?

Gabriel olhou de uma mulher para outro com lânguido divertimento e Vivian achou que morreria de vergonha.

- Sim, *Gabe*, Esmé disse docemente. - Você esteve muito quieto. O que diz?"

- Eu voto para partirmos, Gabriel disse, e pulou da mesa. Astrid encarou-o com assombro.

- Hah, eu voto para partirmos, também, gritou Esmé,

- com Gabriel nos liderando.

Raul deu um passo à frente para encarar Gabriel do outro lado da mesinha de centro. - O que faz de você um líder, filhote? Eu tenho

anos a mais que vocês.

Diversos outros homens ficaram de pé para discutir seus casos.

- Vamos, vamos votar nisso, Rolf disse. - Vamos ser justos.

- Quem disse que isso era uma democracia? gritou Lucien.

- Não é, disse tia Persia, com uma voz que elevava-se sem esforço acima das outras, assustando a todos. A guardiã das magias antigas levantou suas mãos lentamente, seus anéis brilhando. - Está na hora, ela disse, - de escolher um líder da Maneira Antiga.

- Mas isso é como retornar à Época da Escuridão, Esmé gritou no chocado silêncio.

Vivian estava estupefata. A Maneira Antiga?

Quando foi a última vez que eles fizeram isso?

Sim, seu pai poderia ter se imposto sob qualquer macho das redondezas e ainda ficaria no topo, mas ele foi escolhido líder por suas habilidades de gerenciamento, e ninguém havia questionado isso.

Ele foi respeitado e bem amado.

- Não completamente da Maneira Antiga, Astrid disse. - Os tempos mudaram.

Tia Persia olhou-a friamente. - Somente machos.

- Não! Astrid golpeou seu assento com o punho.

- Você quer que todos sejamos presos? Renata perguntou.

- Há diversos parques estaduais à distância de uma corrida de carro, Gabriel respondeu.

- Lugares que ficam desertos à noite.

- Nós perdemos tantos de nós, Rudy disse. - Você quer causar morte e ferimentos àqueles que res-tam?

- Um líder deve ter o apoio de todo o bando, disse Tia Persia. - Se não há entendimento, então o direito deve ser ganho em combate.

- A Maneira Antiga, a Maneira Antiga, a Maneira Antiga, os Cinco começaram a cantar.

Rafe sorriu regozijadamente; os olhos de Finn brilhavam tão claramente quanto as correntes em seus pulsos.

Orlando Griffin levantou-se e andou até o centro da sala. O barulho diminuiu. - Como macho mais velho, eu presido nos assuntos da Ordália, ele disse. Ele apontou para os Cinco. - Vocês não tem idade. Nós não exterminamos nossos jovens.

- Nós podemos lutar, Rafe resmungou.

O que quer que os outros garotos tenham dito foi submergido pela multidão. Todos tinham uma opini-

ão. Todos a expressavam.

Vivian levantou-se silenciosamente e escapou pela porta. Ninguém notou. Ninguém a parou, nem mesmo sua mãe. Foi um alívio deixar a casa.

Lá fora, ela se sentou em um banco debaixo de uma decrépita parreira, parcialmente escondida pelos rastros das vinhas. O quintal estava silencioso, exceto pelo gorjear da minúscula vidas noturna. Vagalumes precoces dançavam nas sombras.

Ela nunca tinha testemunhado a Ordália. Tudo que ela sabia era que cada macho adulto lutava em sua forma de lobo até que um

sobrava – o mais forte, o mais esperto, às vezes o mais sorrateiro.

Ela sentiu uma onda de calor instigante, pensando neles em um nó de pêlo e membros. Ela imaginou Gabriel, parcialmente mudado, seu peito cicatrizado brilhando com suor. Ela ignorou a imagem com raiva. Ele iria vencer? E sua mãe iria se fazer ainda mais de tola e se tornar sua companheira e ser a Rainha das Vadias novamente?

A porta de tela bateu.

Os Cinco saíram pelos fundos, resmungando e rosnando.

- Aquele cachorro velho desgastado, Rafe disse. -

Ele não pode nos dizer que não podemos lutar.

- Isso aí, concordou Gregory. - Nós merecemos uma chance.

Vivian riu.

Os Cinco viraram para ela. Eles espreitaram pelas videiras como raivosos sátiros.

Rafe dilacerou a confusão de caules, e suas garras cresceram. - O que é tão engraçado, Viv?

- Vocês, ela disse. - Vocês honestamente acham que teriam uma chance na Ordália? Que o bando os seguiriam? Cresçam e apareçam.

Rafe expos seus dentes. Sua nova barba lhe dava um aspecto demoníaco. - A luta é o principal objetivo, ele disse firmemente, mas ela sabia da sua fantasia de vencer.

- Eu não quero ser arrastado de volta novamente, Willem disse, quase fazendo beicinho.

Seu gêmeo lhe lançou um olhar de nojo.

- Por que não? Vivian perguntou. "A vida era boa lá.

A caçada nas colinas, longas corridas com ninguém por perto, ninguém que desse alarme falso, sem se esconder, sem ficar a espreita, sem preocupa-

ção."

"S em diversão," terminou Rafe.

"Eu não gosto do seu tipo de diversão," ela disse.

"Não me diverte despertar amantes na grama alta mordendo seus calcanhares, ou espreitar crianças ao anoitecer com o meu pêlo para ouvi-las gritar."

"É só para rir, Vivian," Gregory disse. "Só para rir."

"Você costumava achar engraçado," Willem disse, parecendo magoado.

"E o quão engraçado será quando você assustar a pessoa errada e levar uma bala na cara?" ela perguntou. "Você pode ser mais forte do que os *Homo sapiens*, você pode se curar mais rápido, mas você não é imortal. Você *pode* morrer se a sua cabeça explodir. Não são somente balas de prata ou fogo que nos matam; qualquer coisa que danifique a espinha nos mata."

"Vamos lá, Viv. Não se preocupe," Willem disse gentilmente. "Nós o pegaremos antes, sinceramente."

Vivian berrou e uma corrente gelada de medo passou por ela. "É exatamente com isso que eu *estou* preocupada. Essa é a mesma merda que fez com que nossa casa queimasse e meu pai morresse."

Rafe se balançou sobre a moldura desmoronante da parreira. A luz da Luz concedia um breve resplendor para seus lisos e musculosos braços. "Mas é diferente na cidade. Melhor. Muitas pessoas. Muitos suspeitos. Fácil de esconder."

"Anonimato," Gregory acrescentou, triturando folhas do comprimento de um caule.

"Não aja tão meticulosamente, Vivi," disse Finn.

"Você gosta de carne de garotos, me dizem." Ele correu a língua sobre dentes que eram mais afiados do que tinham sido segundos antes.

"Quem te contou isso?" ela repreendeu.

"Mamãe disse que você tem um encontro amanhã," Gregory respondeu com um sorriso dissimulado.

Maldita Esmé; ela contara à Renata. "E daí?" Vivian disse. "Eu vou a um show, não vou estripá-lo. Eu não acho que isso irá meter alguém em problemas."

Rafe avançou. "Não gostamos das nossas mulheres andando com os garotos-comida. Não é natural,"

Seu hálito estava quente no rosto dela. "É melhor você não escolher um garoto-comida invés de um de nós."

"Cai fora," Vivian esgarrou, e se levantou. "Ninguém me diz o que fazer." Ela empurrou Rafe para longe para que pudesse passar por ele, pegando-o des-prevenido.

"Você não é a Princesa Lobo agora, " Rafe rosou atrás dela. "Espere por muito tempo e nós tomaremos o que quisermos."

"Não dê àquele humano nada que nós não podemos ter," Finn disse depois dela. "ou daremos algo à ele, também."

A medida em que andava em direção à casa, Vivian ouviu a aguda risada de Ulf.

Ao diabo com eles, ela pensou.

5

"Você não vai usar esse vestido, vai?" Esmé reclamou.

Vivian baixou o olhar para o vestido leve e sem mangas que a revestia. "Sim. Por que não?"

"Você não acha que é um tanto pequeno?"

"É feito para ter esse caimento." O macio vestido amarelo se agarrava em cada curva de seu corpo enquanto ela atravessava a sala de jantar. Vivian deu um sorriso duro ao lampejo de seu reflexo de pernas longas no vidro frontal do armário. "De qualquer modo, está quente lá fora."

"Certamente estará, com você usando isso." Esmé disse. "Eu não quero que você dê idéias para aquele menino - não um menino-carn^e[11](#)".

"E você nunca dá idéias a ninguém, não é?" Vivian respondeu.

Esmé olhou como se estivesse prestes a liberar suas garras, mas ao invés disso perguntou, "Onde você conseguiu este vestido ridículo?"

11 N.T.: Do original "meat-boy"

"Do seu armário, mãe" Vivian pegou sua melhor bolsa minúscula da mesinha do Hall. "Eu estarei esperando lá fora."

Ela deslizou para fora e bateu a porta atrás de si. Ela imaginou com prazer sua mãe lá dentro, fumegando.

Esmé não a seguiria, Vivian sabia. Ela faria de conta que Vivian não a perturbara nem um pouco.

Vivian esperou na calçada, no limite do jardim. E se ele tivesse mudado de idéia? E se ele tivesse decidido que não queria sair com ela, afinal de contas?

Ela olhou de relance para a rua. O que ele dirigia?

Um carro esportivo azul rompeu rua abaixo, os alto-falantes jorrando uma música dos infernos a milhares de decibéis. Ele não parou. Bem, fazia sentido.

De algum modo, ela não via Aiden Teague num Corvette.

Dois outros carros desceram a rua nos próximos sete minutos, e todas as vezes seu ar ficou preso na garganta, e todas as vezes eles continuaram andando.

Ela começou a reconsiderar. E se eu não agir normalmente com um deles? E se ele tentar me beijar e eu mordê-lo? Mas ela não poderia voltar para dentro de casa e encarar os olhares acusadores de Esmé.

Finalmente, uma esquisitice virou à esquerda, vindo da Madison e veio pela rua, um bug amarelo gigante guinchando na frente de sua casa. Aiden tirou os óculos de sol e sorriu preguiçosamente pela janela para ela. Ela consumiu a sua beleza. Ele ostentava mais uma camiseta escandalosa, parecendo amassado e quente, como quem acabou de acordar.

Pensar nele na cama fez com que sua carne esquentasse e seus medos desaparecessem.

"Assim?" Ele perguntou, dando tapinhas do lado do carro.

"Assim?" ela disse. "Eu nem ao menos tenho certeza do que é isto."

"Volkswagen Beetle," ele respondeu. "Circa 1972."

Deixa meu pai maluco - não somente é importado, mas é o tipo de carro que 'aqueles malditos hippies'

costumavam dirigir." Ela acenou a cabeça em compreensão. "Eu gosto do dragão na porta," ela disse.

"É, Jem fez para mim." Seus olhos brilharam. "Talvez você pudesse pintar algo também. Você é uma artista."

Ela acariciou seu lábio inferior e observou ele a observando fazer isso. "Talvez." Ele sorriu. "Entre, nós vamos nos atrasar."

A cortina na janela da porta da frente fechou quando ela olhou para trás. Metida, metida, ela pensou, sorrindo maliciosamente, e andou casualmente, fazendo a volta pela frente do carro para chegar ao lado do passageiro.

O carro tinha cheiro de banana e plástico velho. Havia um livro chamado Feitiçaria para o Amanhã no chão. O assento gemeu enquanto a engolia, enquanto seu vestido levantava. Ela imaginou se conseguiria sair graciosamente quando chegasse a hora. O

olhar de Aiden enquanto ele olhava deslumbrado para suas pernas fez com que ela se desse conta de que ele esperava que ela não descobrisse como. *Toque em mim*, ela pensou. "Nós vamos sair?" ela perguntou, alisando as coxas.

Ele piscou e voltou sua atenção à direção. "Nós temos que pegar Quince," ele disse enquanto ligava as engrenagens e se afastava do meio-fio. Ele aumentou o rádio e ela relaxou, feliz de apreciar o doce suor dele, o pêlo que aparecia levemente em suas pernas, e o modo como ele iluminava os sorrisos dela como luzes de calor.

Quince vivia numa construção de tijolos perto da universidade. Vivian teve que sair para que ele pudesse se espremer pelo banco dobrado e ir para trás. Ela engoliu um riso quando ele corou com sua saída de pernas longas, mas ela desejou que não tivesse que

dividir Aiden com ele. Ela ouviu Aiden e Quince gritando por cima do ruído do motor e do rá-

dio - quem ia ao show, quem não estaria lá - e tentava imaginar o que estava em estoque para ela nesta tarde, o estacionamento da universidade estava lotado. Aiden finalmente conseguiu estacionar num jardim que tinha sido destruído para dar lugar a alas temporárias. Ele pegou a mão dela, fingindo ser casual, apesar do fato de que ela podia sentir o cheiro do suor que entregava que ele não estava calmo; então eles seguiram o barulho do aquecimento da banda até acharem a quadra exterior. Eles forçaram sua passagem ao redor da colcha formada por lençóis no chão e pessoas estiradas sobre eles, até um semicírculo de pedras que estavam voltadas para um palco com um confuso melodrama de fios, luzes e amplificadores.

- Lá está Kelly, Quince gritou por cima da música, apontando para a esquerda. - Keh-LEY! ele trovejou, balançando os braços por cima da cabeça.

A garota pequena, de cabelo escuro que estava na escola com Aiden acenou de volta, e duas outras garotas vieram com ela. Vivian e os garotos fizeram a volta pelo perímetro do teatro, tentando não pisar em mãos ou derrubar garrafas.

- Mulher! Quince berrou, e se enfiou no meio das duas garotas sem nome, mordendo pescoços e apertando-as enquanto elas explodiam em risadas.

- Você se lembra de Vivian, não? Aiden perguntou a Kelly.

- Sim, Kelly disse, sem se importar em olhar para Vivian. Ela vestia uma camiseta preta, short preto e botas pretas baixas. Vivian esperava que ela estivesse suando.

- Ei, cara. O hipster com o cabelo inclinado para o lado que ela tinha visto outro dia se juntou a eles.

Acabou que ele era Jem, o artista do dragão. Ele tirou refrigerantes de um isopor enorme. Aiden pegou duas Cocas e desmoronou numa pedra, alisando os cabelos para trás. Ele alcançou uma para Vivian quando ela sentou u do seu lado. Vivian incomodava-se por Kelly estar do outro lado dele, falando sem parar, então ela sentou perto, quase o tocando, e deixou que ele sentisse sua respiração no seu pescoço. A cabeça dele virou, seus olhos questionaram, e seu fôlego sumiu por um momento com o dela.

- Deus, eles são horríveis, um ruivo alto disse, subindo ao lado de Vivian e acenando em direção ao palco. - Yo, Aiden. Ele bateu na mão de Aiden.

- Vão para casa! o companheiro rechonchudo dele gritou para a banda. Alguns garotos atrás dele man-daram- no sentar, e ele fez um gesto rude para eles, com pouca malícia.

Outra garota, uma loira com um piercing no nariz e uma espinha no queixo, estava perto, atrás deles. -

É, sente-se, cale a boca e me dê uma cerveja, ela disse.

- Por Cristo, Bingo, você vai fazer com que nós sejamos expulsos daqui, Jem reclamou.

Vivian não sabia se Bingo era a garota ou o cara gordo que tirou uma lata vermelha e branca da mochila.

- Bingo! Aiden estendeu os braços para a loira, e os olhos de Vivian se estreitaram.

A loira se inclinou e plantou um grande e fraternal beijo na sua testa, - Alô, babaca.

Vivian relaxou.

Bingo notou Vivian. - O lá, garota nova.

Vivian levantou dois dedos em reconhecimento e disse, - O i. . Aquilo era o suficiente para a loira; ela foi para a fila da frente e voltou a provocar o gordu-cho. Um acorde rasgou o ar, e a banda no palco saiu. Alguns na platéia aplaudiram, poucos assobia-ram, mas a maioria parecia ter a mesma opinião que o ruivo.

- Vi-sions, Vi-sions, Vi-sions, alguns garotos na frente cantaram, impacientes pelo próximo ato, e outros continuaram o coro, mas nenhuma outra banda saiu. Ao invés disso, um alto- falante próximo come-

çou a despejar um rock barulhento.

- Você vai à Wilson? uma das garotas risonhas perguntou.

- Sim, ela vai, respondeu o ruivo. Vivian ficou surpresa que ele soubesse.

- Com quem você anda? a garota perguntou.

- Ninguém na verdade, Vivian respondeu.

- Eu já vi você com aqueles caras barra pesada no parque, Kelly disse, um tom zombeteiro em sua voz.

- Você fala dos Cinco, Vivian respondeu, sem querer desrespeitá-los em face ao desprezo

de Kelly, não importando como ela se sentia em re-lação a eles.

- É assim que eles se denominam? Kelly riu.

- É como minha família os chama, Vivian disse. -

Nós crescemos juntos.

- Você é parente deles? Kelly perguntou, parecendo chocada.

- Eles são primos, de certa forma.
- O h, eles são bonitos, disse a outra menina risonha. - Especialmente aquele com a barbinha.
- Fique longe dele: ele morde.

As duas meninas riram mais alto.

Dois meninos com shorts estilo baggy, tênis de cano médio e camisetas chamativas apareceram e cum-primentaram os outros meninos com tapas. - Esta é Vivian, Aiden disse, passando um braço por ela para afirmar posse, em resposta aos olhares desejosos.

Os dedos dos pés de Vivian se encolheram de prazer ao ouvir o orgulho em sua voz, e ela olhou em direção à Kelly. Ela gostava do modo com Aiden fazia com que ela se sentisse como se fosse um te-souro que os outros deveriam invejar por ter. Se algum dos Cinco tivesse agido desta forma ela ficaria incomodada, mas Aiden fazia parecer certo.

- Bem vinda à Ameba, um dos garotos disse.
- A Ameba? ela perguntou a Aiden.
- A gangue, ele disse, balançando a mão para indicar todos à sua volta. - Minha gente. Uma grande massa amorfa que fica mudando de tamanho, não tem muita utilidade aparente, às vezes te deixa doente e ocasionalmente se separa em partes menores que agem exatamente do mesmo jeito que o genitor.

Detrás das risadas, Vivian o analisou com interesse.

Ele tinha um senso de matilha.

Ela gostava daquilo. Na verdade, apesar de Kelly, ela gostava de sua matilha. Eles não a desafiaram, eles a aceitaram. Junte mais de um do povo dela hoje em dia e as faíscas voam. Este conforto era um alívio.

Kelly se levantou.. - Vamos ao banheiro. Todas as garotas-carne a seguiram obedientemente; ela era a cadela frontal.

- Vem? Bingo chamou por cima do ombro.

Vivian balançou a cabeça. Eu mijo quando quiser, ela pensou.

Enquanto Aiden tirava sarro de seus amigos, Vivian se provocava com Sua proximidade. Ele tinha um toque bom, um cheiro sexy, ela não sabia porque tinha se preocupado tanto antes. Seu seio tocou levemente o braço dele e sua respiração falhou.

Quando ele a beijaria? Ela iria gostar? Ela tinha bei-jado apenas sua própria raça. Poderia se compa-rar?

Logo depois que as garotas voltaram em fila do banheiro, uma aclamação veio da multidão e Vivian automaticamente olhou para o palco. Seis figuras com roupas multicoloridas se impulsionaram para fora, pegando instrumentos e microfones. A música nos alto-falantes foi interrompida na metade e em segundos o ar estava tomado por música ao vivo.

Os acordes eram leves, aerados, cheios de amor e sonhos, totalmente diferente da música crua, agres-siva, que os Cinco tocavam alto – música para acabar com os intestinos, ela dizia, apesar de não poder negar que normalmente lhe dava um poderoso prazer. Mas a música era boa, também. Havia uma ânsia doce nela. Ela deixou a música a levar, para que ela pudesse ter algo por alguns instantes ao invés de ser uma estranha olhando. O sol estava quente em suas costas e ela sugou o calor como vida.

A mão de Aiden deslizou em volta de seu pescoço.

Ela se virou para ele e encontrou seus olhos.

- Que lábios vermelhos você tem, ele disse em sua orelha.

Ela ousaria dizer-lo? - Tudo para beijar você melhor, meu querido, ela respondeu.

E então seus lábios se encontraram.

Ele era gentil. Ela não esperava aquilo. Beijos para ela eram apertados, dentes, e língua.

Suas mãos deslizaram tortuosamente pelo seu lado e suavemente acariciaram suas costas. Quando ele sacudiu seu lábio com a língua, ela separou os lábios para convidá-lo para dentro. Ao invés disso, ele se afastou e suspirou. Ela estava intrigada.

Seus olhos eram tímidos por detrás dos cílios escuros, e seus lábios estavam curvados com deleite e desejo – desejo de que ele não a forçasse. Então a multidão estava de pé, movendo-se para a música contagiante de que Vivian havia se esquecido, e então eles tiveram que se levantar e fazer parte do mundo.

Ela olhou em volta para os rostos excitados. Eles eram diferentes. Ele era diferente. Ela se deu conta de que ele não conhecia as regras deles.

Bingo dançou onde estava sentada, as risadas dançaram entre os bancos, e a multidão em volta deles subiu e desceu enquanto jogavam os braços no ar. Quando Aiden puxou Vivian para perto ela conheceu seu abraço, mas quão perto seria permitido? Ela não queria assustá-lo mas também não gostava de esperar. Talvez tudo isso estivesse errado.

Esta é a última vez, ela pensou. Sem encontros. Eu não posso suportar essa agonia.

A multidão estava aclamando e os dedos dele toca-ram seu queixo. Os lábios macios dele estavam nos dela novamente, sua língua mais aventureira, mas suas mãos ainda contidas. É um jogo, ela pensou, um jogo de fingir que não queremos transar tão loucamente. Talvez ele tivesse achado que querer não seria educado. Seus olhos estavam fechados. Ele apreciou o gosto dela. Suas narinas se inflaram com o cheiro dela. Isso era bom. Mas quando seus olhos começaram a se fechar, também, ela viu figuras familiares na colina – os Cinco.

Uma menina peituda estava enroscada no pescoço de Rafe, sua miio inserida ate o meio de seu short.

Tres outras garotas de cabelo arrumadinho, jeans e blusinhas curtas completavam a companhia. Esse niio era o tipo de musica deles - Ionge disso; eles estavam a espionando. Vivian, aprendendo como Me nino Gorducho, fez urn gesto inconfundivel na dire91io deles, por tras das costas de Aiden Entao ela enrolou os dedos no cabelo de Aiden. Eu vou te ensinar a ser menos educado, ela pensou.

6

Naquela semana Vivian não pôde dizer se a canto-ria em seu sangue era por Aiden ou pela maturação da Lua do meio do verão. A cada noite ela corria por prazer, mas *Não é amor*, ela discutia consigo mesma no café-da-manhã enquanto traçava o rosto de Aiden em sua mente. *Eu só estou me diver-tindo*.

Ela ia à escola mais cedo para que pudesse passara mais tempo com ele, e eles roubavam beijos entre as aulas no corredor. Ela gostava de observar a cor sub indo nas bochechas dos jovens homens que passavam, e ver a inveja nos rostos das garotas que não foram beijadas. *Agora eu sou alguém*, ela pensava.

Aiden tinha um trabalho depois da escola em uma locadora de vídeos, então ela não podia ficar com ele, mas ele ligava para ela de noite, acordando-a de sua soneca pré-corrída, e acabou que eles tinham um monte de coisas para falar. Ele gostava de jogar - e se. Ele diria, - E se uma doença misteriosa exterminasse todo mundo na Terra exceto nós, o que faríamos? e Eles inventariam todo o tipo de possibilidades.

No começo Vivian ficou relutante em responder as perguntas dele sobre sua família, mas em pouco tempo ela revelou que seu pai havia morrido em um incêncio, e que ela sempre estava brigando com sua mãe, apesar de não ter dito à ela sobre o que eram essas brigas. Ele nunca zombava de nada que ela ligava, e ele estava sempre interessado no que ela tinha a dizer. Que alívio ter alguém para escutá-la, mesmo que ela pudesse falar apenas sobre metade de sua vida.

Kel y parou de aparecer no pátio no almoço, e ela levou as risonhas com ela aonde quer que fosse.

Escolha sábia, garota, Vivian pensou. Porque um movimento errado e eu estarei em cima de você. O

pensamento de que talvez agora ela entendesse porque Esmé brigou com Astrid cruzou sua mente.

Ela afastou-o depressa. Esmé não tinha direito de lutar por Gabriel; ele era jovem demais para ela.

- Tem uma festa anti-baile sábado na casa da Bingo, Aidan disse um dia. - Os pais dela estão fora.

Vai ser selvagem.

- Eu gosto de selvagem, Vivian disse, esfregando a orelha dele com o nariz. Sábado talvez ela o fizesse ser dela por completo.

Mas terça-feira à noite quando ela abriu a janela do seu quarto e olhou para o céu, ela percebeu que a Lua estaria cheia no sábado. Não tinha jeito de ela poder ir àquela festa com Aiden. Os pêlos picavam rudemente em seus braços. Ela escalou afobadamente o teto da varanda de fora da sua janela, saltou para o quintal, e a mudança ocorreu antes que ela alcançasse a cobertura das ervas daninhas na margem do rio.

Quanto mais perto da Lua cheia, mais rápida a mudança, menor o controle; e na noite em que a irmã da Terra aparecia redonda e inteira não havia escolha – uma *loup-garou* devia mudar a qualquer custo. *Sábado*, Vivian pensou com desalento a medida em que estremecia nas quatro patas. Mas então o perfume da noite apagou seus pensamentos.

Antes do amanhecer Vivian se desenvolveu em sua forma humana entre as ervas daninhas, secando a lama do rio com borrões pelo seu abdômen nu. Ela bocejou amplamente, a língua enrolando-se. Hora de outro cochilo antes da escola.

A grama alta farfalhou, mas não havia vento. Os olhos de Vivian se estreitaram. Então ela aspirou o cheiro almiscarado dos lobos e seus pêlos aplanaram-se novamente.

- Vivian, uma voz áspera sussurrou. Rafe engatinhou de seu ninho escondido. Ele acenou as roupas de baixo dela para ela. - Estive esperando por você.

- Dê elas para mim. Ela as apanhou dele.

Ele agachou-se, observando-a se vestir. - Sinto sua falta, ele disse.

Vivian deu de ombros. - Você me vê.

- Não como antes.

- Nós nos distanciamos. Você sabe. Eles já tinham falado sobre isso.

- Eu não te entendo, Vivian.

- Você soa como a minha mãe.

Rafe meteu seu rosto no dela. - Você terminou comigo por causa da garota que eu matei para tirar Axel da cadeia, ele disse. - Mas eu aposto que se você aspirasse o sangue humano você ficaria com seu focinho molhado.

Ela deu um solavanco.

Quando a Rainha, a Dama Lua, deu aos lobos o poder da mudança, ela avisou aos primeiros *loups-garoux* para ter pena dos humanos por sua suave e imutável carne, pois os lobos já tinham sido como eles uma vez. - Use seus olhos, a Deusa disse. - O lhem para eles e honrem meu nome por mudar vocês; matem-os e matem a si mesmos.

Mas os humanos eram vulneráveis e similares às presas. Eles despertavam o instinto de caça.

- Nós devíamos ficar longe dos humanos quando mudamos.

- Eles são nossos para caçar, Rafe disse. - Axel sabia. Ele não podia mais se segurar. Nós estávamos perdendo os colhões na Virgínia Ocidental, Vivian."

- Você pode segurar os seus colhões e torcé-los, disse Vivian, puxando sua camiseta por sobre sua cabeça.

Quantos do bando ansiam por caçar como os Cinco? Vivian se perguntou mais tarde enquanto espalhava-se na cama. *Quanto tempo temos até sermos destruídos?*

O telefone tocou enquanto Vivian tomava café-da-manhã com Esmé. Rudy atendeu. Após uma breve conversa ele entrou na cozinha. - Esse foi o último acordo. A Ordália está de pé.

- Não pode ser nessa lua cheia, Esmé disse.

Rudy se sentou na mesa com elas. - Eu sei. Orlando diz que por lei nós temos que esperar um mês todo no caso de outros quererem vir de longe."

- Então é em julho, Esmé disse. - Treze de julho?

- Parece que sim. Rudy balançou sua cabeça. - Eu queria que não estivesse tão longe, contudo. Ele terminou seu café e se levantou. - Preciso ir trabalhar.

- É, eu também. Esmé disse. -lava para mim, querida. Está bem? Ela se foi, seguida pelos sons de protesto de Vivian.

- Eu estou de castigo, Vivian disse à Aiden no horá-

rio do almoço. A idéia de Que alguém pudesse limi-tar sua liberdade era mortificante, mas a desculpa era algo que Aiden entenderia.

- De castigo? Ele olhou para ela com espanto. - O

que você fez para ficar de castigo?

- Fiquei fora a noite toda com os meus primos fu-mando maconha. Ela estava ferrada se fingisse ter sido castigada por uma razão enfadonha.

Ele correu seus dedos por seu cabelo como se di-gerindo o que ela havia lhe dito.

Silenciosamente, ela o desafiava a dizer que estava errada. Aparentemente ele decidiu não comentar. -

Quanto tempo?

- Até que eu desconvença minha mãe disso, o que é geralmente uma semana. Aquilo era um tantinho verdade.

Os olhos negros de Aiden se abaixaram em decep-

ção. - Acho que a festa amanhã à noite está cancelada, né?

- É.

- Não importa, Aiden disse, beijando sua orelha. -

Quando você for liberada, nós faremos nossa própria festa.

Ele era crédulo, Vivian pensou. Isso a irritava levemente. Mas ele não tinha razão para desconfiar dela; por que ele não acreditaria?

Aiden não tinha que ir trabalhar até às seis, então Vivian o deixou levá-la para casa. - Mas você não pode ficar por muito tempo, ela disse à ele para manter a atuação. - Minha mãe vai chegar em casa logo. Isso era verdade, de qualquer maneira. Esmé trabalhava no

turno diurno quando a lua cheia se aproximava. Morder clientes não rendia boa gorje-tas.

Eles se sentaram em um pedaço de madeira na ponta mais distante do quintal debaixo das árvores de verão que conduziam aos brócolis.

- Qual é o seu quarto? Aiden perguntou.

Vivian apontou para a janela acima da varanda traseira protegida por uma tela, e ele suspirou audivelmente para provocá-la.

- Eu sentirei sua falta amanhã, Aiden disse. Havia rugas nos cantos de seus olhos quando ele sorria.

Ele era uma criatura calorosa e aconchegante.

- O que te fez escrever sobre lobisomens? ela perguntou, pensando na floresta escura em seu poema.

Aiden deu de ombros. - Eu gosto desse negócio todo – bruxas, vampiros, lobisomens. É excitante."

- Por quê?

- Eu não sei. Eu nunca pensei sobre isso. Porque eu quero ser como eles, talvez? Eu não quero ser como mais ninguém. Ele cuidadosamente permitiu que uma formiga avançasse lentamente de seu pulso até uma folha de grama.

Vivian riu. Qualquer um dos Cinco teria esmagado aquele inseto. - Eu não acho que você seria um bom lobisomem.

- Claro que eu seria. Ele pegou a mão dela e mordeu seus dedos de brincadeira. Os dentes dele liberaram minúsculos raios dentro dela.

Gritos roucos preencheram a floresta atrás deles, e corpos se movimentaram na vegetação rasteira. Ela puxou sua mão.

- O que é isso? Aiden perguntou.

- Meus primos, ela respondeu. - Malditos sejam.

Eles não podiam achá-lo aqui com ela. Não que ela não pudesse lidar com eles, mas ela não queria levantar perguntas que não poderia responder ao Aiden. E se ele os culpasse por terem-na feito ser castigada? Grande Lua, eles ririam.

- Eu tenho que entrar, ela disse. - Eu prometi não andar com eles enquanto estou de castigo.

Eles só vieram para vadiar aqui e irritar a minha mãe.

- Que família, ele disse, e tentou beijá-la.

Ela odiou afastá-lo. - Vai, vai, vai. Eles são encrenca.

Ele deu uma olhada para a floresta e ela viu preocupação em seus olhos, mas seus lábios assumiram uma persistente dureza.

- Por favor, pelo meu bem, ela disse, para salvar seu orgulho.

Ele hesitou. - Bem, tudo bem. Te vejo antes de se dar conta, ele prometeu, e foi-se pelo caminho lateral.

Sábado à tarde esticou-se para sempre, dourado de Sol e rico com o cheiro de madressilva.

- Venha conosco, Esmé implorou. A maioria do bando estava indo ao parque estadual para correr.

- Não dessa vez, Vivian disse. Ela queria ficar sozinha. Haveria brigas, ela sabia. Eles chamariam de brincadeira mas eles estariam testando uns aos outros, vendo quem tinha o que era preciso para a

Ordália. Ela não queria saber de lutas. Ela só queria os cheiros nítidos e as loucas estrelas. Havia um novo entusiasmo nela e ela queria abraçar a noite em a paz.

Você está encantada, ela disse à si mesma, e se esticou como um filhotinho feliz.

Em seu quarto ela trabalhou no painel. Ela pintou a si mesma em sua pele, observando os lobos correndo. Não parecia certo. Talvez ela devesse mostrar si mesma mudando, pronta para se juntar à eles.

Eu queria estar trocando de roupa para ir àquela festa, ela pensou, e abaixou seu pincel. Vermelho mancha va o céu, vagalumes adejavam fora de sua janela – pequenos devassos procurando por uma noite de amor – e as vozes do anoitecer ficaram mais altas. Os pelinhos nas costas de Vivian se ergueram, ávidos pela mudança. *Esperem um pouco*, ela disse à si mesma, *esperem até estar totalmente escuro*. Mas era difícil esperar pela noite na lua cheia.

Havia risadas abafadas no quintal adiante. O que agora? Um coro de vozes alardeantes quebrou o ar, afundando a música dos insetos.
- Auuuuu!

Auuuuu!

Ela meteu sua cabeça pa ra fora da janela. - Parem com esse uivado aí.

O uivado se dissolveu em mais risadas.

- Saia e corra com a gente, Vivian, Willem chamou. -

Por favor, por favor.

- De jeito nenhum, Vivian retrucou. Ela escalou o telhado e olhou para baixo. Finn parecia

enojado enquanto Willem espremia suas mãos tea-tricalmente. Ulf estava irritante como sempre, sal-tando de um pé para o outro como se quisesse mijar. Gregory sorriu esplendidamente radiante; seus dentes já estavam pontudos. - Vamos, Viv. Nós vamos nos divertir de montão.

Rafe acenou com uma garra. - A Lua é agradável nas suas costas, Viv.

Vivian podia sentir o lobo dentro dela se desenro-lando, mas ela riu de maneira irrisória.

- Não é a Lua que você imagina nas minhas costas.

Vá visitar suas vagabundas praticantes de felação e veja o que elas acham de você com seu pêlo. Elas provavelmente não notarão a diferença.

O afiado sorriso de Gregory ficou maior com essa sugestão e Ulf deu risada. *Grande Lua*, ela pensou.

Willem olhou para cima com olhos enormes e de-cepcionados. - Ah, Viv. Você nunca mais vem. Os coelhos estão ficando atrevidos. Um mostrou a língua pra mim noite passada.

Ela abrandou-se ligeiramente. Ela e Willem costumavam se divertir muito caçando coelhos.

- O utra hora, está bem, Willi? Mas não na Lua cheia.

Rafe colocou seu braço ao redor dos ombros de Gregory. - Vamos então. Essa vadia é arrogante demais para andar com a gente agora. Ela prefere os garotos-comida. A sua mãe não te falou para não brincar com a sua comida? ele gritou de volta à ela.

Willem lançou- lhe um olhar apologético, e Gregory soprou- lhe um beijo. Finn cutucou Ulf na traseira com uma bota, fazendo-o

guinchar. Quando eles alcançaram a obscuridade da floresta ela viu Rafe jogar sua camisa no ar e viu Finn inclinar-se à frente para ficar de quatro.

Ela se sentou no telhado da varanda, dando à eles muito tempo para irem embora. Eles geralmente corriam em direção à cidade para causarem danos nos escombros urbanos; ela iria correr rio acima por parques locais e vizinhanças tranquilas.

Um zunido prazeroso fluiu por ela. A noite começou a parecer diferente – os filamentos em uma folha eram enormes como uma floresta, as margens das árvores eram revigorantes. Ela se deitou para apreciar as estrelas.

Nós viemos daí? ela se perguntou. *Nós somos uma raça alienígena que foi abandonada? Talvez nosso poder de transmutação era um truque de sobrevivência, e agora esquecemos que nossa primeira forma não era humana.* Talvez crer na Deusa da Lua era apenas uma reverberação de uma verdade antiga.

As telhas debaixo dela eram ásperas e prazerosas para sua pele sensível. Ela já sentia o ranger inicial dos ossos se reformando, o disparo de tendões mudando.

Ela interrompeu o espasmo em suas vísceras; ela teria que ir embora em breve. Ela não podia mudar em um telhado à luz do luar. O que os vizinhos pensariam?

Bem no momento certo, ela sentiu o odor de um humano. Alguém dando um passeio noturno, talvez?

Houve raspagens aonde o cano de drenagem se esvaziava. Rato? Ela se agachou. Não, alguém estava escalando o cano. Ela ouviu um gemido de esforço abafado e o minúsculo *ching* de metal contra metal.

Ladrão? As luzes estavam apagadas, a caminhonete não estava, era noite de sábado. Possível.

Vivian rastejou-se para a beira do telhado, permanecendo-se abaixada. Seus olhos se estreitaram, suas garras cresceram, e seu sorriso era pequenino e malévolo. João, o Ladrão iria levar alguns golpes para casa.

Ela levantou sua mão para bater a medida que uma cabeça aparecia por cima da calha.

- Você! Ela moveu sua mão para trás.

- Vivian, você me deu um baita susto.

Aiden se puxou da calha para cima do telhado.

7

- Surpresa! Aiden disse.

Vivian engoliu um rosnado. *Não brinca.*

- O que está fazendo aqui? ela conseguiu falar enquanto se sentava nos quadris. Ela tremeu com o esforço de controlar a mudança.

- Eu achei que você ficaria feliz de me ver, Aiden disse.

- Você me assustou, ele murmurou, arrependida pela mágoa nos olhos dele.

Seu sorriso de veludo a perdoou. - Eu pensei que se você não podia ir até a festa, eu traria a festa até você. Ele engatinhou ao seu lado e deixou cair a mochila. Ela quase se afastou,

mas a riqueza de seu cheiro a manteve perto contra sua vontade. - Eu não estava esperando te encontrar no telhado, ele disse. - Eu ia bater na sua janela. Ele desfivelou a mochila e puxou uma garrafa de vinho.

Querida Lua, ele é um doce, Vivian pensou com an-gústia. Uma ligeira pontada a acertou no estômago, e ela mordeu a parte de dentro de sua bochecha, esperando que a dor a mantivesse sã. *Não um doce desse jeito,* ela gritou silenciosamente, encarando com olhos em pânico as firmes coxas redondas dele.

Depois do vinho vieram dois copos enrolados em uma bandana, então um pedaço de queijo, uma faca de plástico, e alguns guardanapos de papel que so-braram do Natal.

- C hique, né? Os olhos de Aiden brilharam em deleite.

Ela lambeu seus lábios nervosamente. - Adorável.

Você trouxe o jantar, ela ouviu si mesma dizer. Ela queria escapar para a floresta. *Seu tolo*, ela pensou. *Você não deveria ter vindo*.

Ela olhou para a Lua. Ainda estava atrás das árvores, sua luz compassivamente quebrada pela fo-lhagem, assim ela e Aiden estavam cobertos por uma sombra mosqueada. Ele podia ver alguma mudança nela? Aiden estava cortando pedaços de queijo na bandana, tagarelado. Ele não parecia notar nada errado.

Ela experimentou uma vertiginosa onda de dor e prazer e seu rosto se contorceu. Suas mãos voaram aos seus ouvidos e os sentiram empurrarem-se para além de seus dedos. Ela puxou afobadamente seu cabelo ao redor do rosto.

Como eu faço ele ir embora? ela pensou a medida que suas juntas começaram a estalar.

- Aqui está. Ele segurou um pedaço de queijo na boca dela e ela fez tudo que pode para não arrancar seus dedos. O queijo estava penetrante e ma-duro e aderiu-se à sua língua. Ela o fez descer com o copo de vinho que ele ofereceu.

- Ei, boba, você deveria bebericar, ele disse. - Eu não quero que você faça algo de que vá se arrepender mais tarde. Seus olhos sugeriam o contrário.

Seus lábios se levantaram no que ela esperou que fosse um sorriso; então ela se virou rapidamente. Como estavam seus dentes?

Ele se moveu para perto e colocou um braço ao redor dela. - Você escolhe um momento estranho para ficar tímida comigo, ele disse.

Seus ombros chacoalharam com uma risada silenciosamente por sua estupidez. Como ela pôde pensar que podia ficar íntima com um humano? Ela detectou uma ondulação inegável em sua espinha,

e uma dureza tomou- lhe os olhos e os cantos da boca. Ela testou uma idéia nova. *E daí se eu o machucar?*

- Vivian? Aiden sussurrou. Seu hálito era leve em Suas bochechas, perfumado com o vinho e queijo quentes.

Era um pensamento estúpido. Ela se dobrou e gemeu. - Eu sinto muito, eu realmente sinto muito.

- O que foi? Aiden perguntou, surpresa e preocupação em sua voz.

- Eu acho que estou pegando gripe, ela disse. Que idéia súbita. - Talvez você devesse ir. Eu não quero que você pegue.

"Mas alguém devia cuidar de você se está doente.

- Eu prefiro ficar sozinha, ela insistiu através de dentes cerrados.

Ainda assim ele não se moveu.

- Qual o seu problema, garoto? ela gritou. - Você *gosta* de ver as pessoas vomitando?

Os olhos dele se arregalaram.

Ela se sentiu uma imbecil. Ela mudou seu tom. - Por favor. Eu vou ficar envergonhada se você ficar.

- Mas – Um espasmo ondulou por ela e os ossos em seus joelhos se trituraram. - Vá! Por favor vá!

ela gritou, e lutou para chegar à janela como uma bêbada, suas pernas se recusando a obedecer. -

Eu vou passar mal.

Ela mergulhou em sua cama, rolou para o chão, e se arrastou como uma aranha para fora do quarto com suas articulações e dedos do pé. Ela alcançou o banheiro no final do corredor e bateu a porta atrás de si. Ela se trancou.

Do lado de fora da janela a Lua dilatada olhava de soslaio por cima do topo das árvores.

Ela estremeceu de dor, e lágrimas delinearam seu rosto felpudo. Ela nunca conhecera uma ocasião em que não quisesse a mudança, que não tinha gos-tado da mudança, mas agora ela estava nauseada por segurá-la. Ele não podia vê-la desse jeito. Ela não podia trair seu povo.

Houve um tapa gentil na porta do banheiro. - Você está bem? -

Ela tentou dizer *Sim, eu estou*, mas sua mandíbula não foi feita para falar e as palavras saíram como um rosnado abafado. Por que ele estava fazendo esse lindo dom parecer sujo?

- Bem, se você tem certeza que está bem...

"Hhhhhmmmmmmmm!" ela gemeu, esperando que soasse como uma afirmativa. Seus braços se alongaram, seus músculos se projetaram, e ela rasgou suas roupas a medida que sua pélvis ondu-lava sua carne. Ela nunca teve que esconder antes. Que crime prender seu lindo corpo. Era tudo culpa dele.

- O lha, tipo, me liga amanhã e me avise como você está. Espero que se sinta melhor.

Quando ela teve certeza de que ele se fora, Vivian silenciosamente abriu a fechadura com dedos pequenos e peludos Ela alcançou a maçaneta.

Mas e se eu for como Axel? ela pensou. E se eu sentir seu cheiro como o de uma presa quando eu estiver com meu pêlo?

Ela fechou sua mão, retrocedeu seu trêmulo punho, e se curvou como uma bola apertada e sacolejante no chão do banheiro. *Eu não vou sair*, ela prometeu. *Eu não vou sair*. Se ele soubesse, ela podia segui-lo e persegui-lo até seu refúgio.

Ela estremeceu em seu formato final, levantou seu focinho, e uivou frustração para o azulejo de porcelana. Sua voz ecoou como uma maldição.

Vivian piscou seus olhos com o Sol de manhã cedo. O som de uma porta de caminhonete batendo a acordara. Esmé e Rudy estavam de volta. Ela es-pirrou, espalhando um monte de poeira, e se engatinhou, rosada e nua, para fora de debaixo da sua cama, onde ela tinha passado a maior parte da noite. Ela estava exausta e dolorida de ter apertado seu corpo firmemente contra suas necessidades.

Eu vou ter que dizer à ele que não posso mais vê-lo, ela pensou. *Eu não posso me esconder dele toda Lua cheia. Ela tentou se sentir superior e empenhada, mas tudo que sentiu foi uma sensa-*

ção de afundamento em seu estômago. Ele tinha escalado sua janela, trazido -lhe vinho, pensando nela quando podia estar festejando. Ela se lembrou do cabelo dele fazendo cócegas na bochecha dela, sua respiração em seu pescoço, e estremeceu de liciosamente. Vivian alcançou seu robe, que descansava em um brilho cinza-e-azul de seda do outro lado da sua cadeira da escrivaninha, e arrastou uma escova por seu embaraçado cabelo castanho - amarelado. Não, ela disse à si mesma com firmeza.

Eu deixarei o pobre garoto em paz. Quanto tempo restava antes dos Cinco o aborrecerem por causa dela? Quanto tempo antes do bando intervir? Eles não ficariam sem líder para sempre. Logo haveria alguém a quem reportar. O último pensamento a aborreceu. Talvez ela não quisesse reportar a ninguém.

- Talvez Astrid esteja certa, Esmé disse enquanto Vivian entrava na cozinha.

- O que você quer dizer? perguntou Rudy de um canto, onde estava servindo café.

- Por que não permitem que as fêmeas compitam na Ordália? Esmé disse. Ela se sentou na mesa da cozinha. Tinha uma folha em seu cabelo, e Vivian teve inveja da noite de Esmé no ar livre.

- Dá um tempo! exclamou Rudy. - Não é óbvio? É

puramente físico. Fêmeas estão em uma categoria de peso diferente. Seus músculos não se desenvolvem na mesma intensidade. Por que arriscar ferimentos ou morte sem chance de vencer?"

Vivian pegou a xícara de café que pertencia a sua mãe das mãos de Rudy e se inclinou contra a bancada para bebê-la. Rudy revirou seus olhos, mas serviu outra xícara.

- Mas algumas fêmeas são mais espertas do que alguns machos, lutadoras mais astutas, Esmé argumentou.

Rudy colocou o café de Esmé na frente dela e se sentou. - Pare de ser inadequada, Esmé. É apenas um jeito de união justa e de proteger a nossa espé-

cie. Vocês fêmeas têm sua chance. Somente as fêmeas top de linha acasalam-se com o vencedor.

Ela tem que ser a mais forte e a mais esperta para assegurar nossa sobrevivência.

- É, ótimo, que chance. É um mundo machista, não é? Uma fêmea pode ser a rainha cadela mas *ela* não pode escolher seu rei.

- Você amava Ivan, não amava, maninha? Rudy perguntou. - Você não suportava a bagunça de cada nova garota que aparecia com um desafio apenas pelo status.

Vivian observou o rosto de sua mãe de perto.

Esmé olhou para baixo, mas não antes que Vivian visse seus olhos se suavizarem. - É, Esmé disse.

- E ele te amava. Você tinha o rabo dele entre seus dentes. Quem dirá que a rainha cadela não é a verdadeira líder do bando?

Sim, Vivian pensou. Mamãe sempre conseguia as coisas do jeito dela com papai. Mas e se ela quisesse o poder mas não ele? Ela não poderia tê-lo.

- Então você tem opções, disse Rudy. - Você não teve que lutar pelo líder. Uma fêmea

pode escolher qualquer outro companheiro contanto que ele a queira.

- Isso é gozação, Vivian disse, assustando-os. - O

acasalamento ainda teria que ser aprovado pelo bando, e a ela não é permitido nem mesmo parir sem a permissão do líder.

Que tipo de escolha é essa?

- Bem, Rudy disse, diversão em seus olhos. - Eu não sabia que tínhamos outra reb elde na casa.

Esmé riu. - Ela é uma adolescente, pelo amor da Lua. Ela tem que ser rebelde.

Vivian se enfureceu. Q uão facilmente eles despre-zavam seus sentimentos como um estágio pelo qual ela estava passando. Sua boca fechou em uma linha estreita.

Esmé sorriu e piscou para Vivian. - Não importa, querida. Estou certa que não iremos ousar negar- lhe quando você fizer sua escolha. Você tornaria as nossas vidas muito infelizes.

É? Vivian pensou. *Eu posso surpreendê-la.* Ela olhou para sua mãe e bebeu em silêncio.

Droga, não há razão para eu deixar que tradições do bando me dominem, ela decidiu. A Lei tem que nos manter seguros e fortes e capazes de dar à luz a uma criança saudável, e no entanto a Lei quer que despedacemos uns aos outros para achar um líder. A Lei é um monte de hipocrisia.

Em seu quarto, relaxada após uma chuva, Vivian ficou de pé na brisa de seu ventilador, apreciando o gelado ar em sua pele molhada. Ela sorriu preguiçosamente, imaginando dedos rastejando ao invés de gotas d'água. *Deve haver uma maneira de lidar com Aiden, ela pensou. Tem que haver.*

Mas estava Aiden bravo com ela depois da noite passada? Ela tinha arruinado sua surpresa. Os garotos que ela conhecera no passado teriam ficado putos. Mas então, ele não era como os garotos que ela conhecera, era? Esse era a idéia.

Ela andou pelo corredor ate o telefone.

8

- Por que ele tem que meter os pais nisso? Vivian resmungou enquanto revirava seu armário.

A família de Aiden faria o primeiro c hurrasco da es-tação para celebrar o fim das aulas, e Aiden havia chamado-a.

- Vai ser casual, ele lhe disse.

Casual! O que há de casual em ser avaliada por pais?

Estava muito quente para usar jeans, então ela agarrou um vestido sem mangas escarlate.

Pais gostavam de meninas de vestido, não é? Ela queria que eles gostassem dela, por ele. Ela agitou-se nos lençóis de algodão e prendeu o cabelo grosso para trás com pentes. Mas isso não significava que ela não poderia se vestir para ele também.

Rudy balançou a cabeça quando viu ela descendo as escadas. - Deus ajude o pobre bastardo, seja ele quem for.

Aiden buzinou do lado de fora, e ela se apressou em sair antes que Esmé pudesse ver com quem ela estava indo.

Ela estava satisfeita com o assobio baixo que Aiden deu quando a viu, e nem mesmo o beijo que ela lhe deu poderia tirar completamente o sorriso bobo de seu rosto.

Vivian podia sentir o cheiro de carvão assim que eles pararam no meio- fio na frente de uma grande casa de tijolos, coberta de hera. Aiden a conduziu por uma cerca de estacas branca e pelos degraus da cozinha que levavam ao jardim. Num pátio pavi-mentado quase aleatoriamente, um homem magro, começando a perder os cabelos

e usando um avental listrado estava cutucando as brasas sob a grelha.

- O i, pai! Aiden chamou.

O homem olhou para cima, balançando a espátula em reconhecimento, e então viu Vivian. Sua boca abriu um pouco mais, e ele levantou as sobrancelhas. Ele se recuperou rapidamente. - Você é Vivian?

- Prazer em conhecê-lo, ela respondeu.

- Bem, você é uma melhora, Sr. Teague disse, e riu.

- Pai! Aiden parecia mortificado.

- Ele normalmente vai pelo tipo de delineador e botas de combate, o pai de Aiden explicou. - Estou feliz que ele tenha trazido alguém normal, para variar.

As namoradas dele normalmente me assustam.

- Pare de envergonhar seu filho. Uma mulher atraente, mas velha que a mãe de Vivian, veio dos degraus da cozinha, trazendo uma bandeja. Uma garota magrela usando um short rosa, de mais ou menos treze anos, seguiu-a carregando uma garrafa de refrigerante embaixo de cada braço. A garota olhou para Vivian desafiadoramente.

- Esta é minha mãe, Aiden disse, - e minha irmã, Ashley.

- Ficamos felizes que você pôde vir, Sr. Teague disse, mas seu sorriso era frágil quando ela olhou Vivian da cabeça aos pés. Ela colocou a bandeja sobre a mesa de piquenique.

- É, disse Ashley. - Claro. Ela largou as grandes garrafas de plástico do lado da bandeja, então se atirou numa espreguiçadeira

e pegou os fones enrolados em volta da sua nuca e recolocou-os nas orelhas.

- Ashley, tem gente aqui, seu pai disse.

Ashley fechou os olhos em resposta, e a Sra. Teague suspirou, exasperada.

- Quer uma Coca? ela perguntou a Vivian.

- Sim, por favor. Ótimo.

- Como você gosta do seu hambúrguer? perguntou Sr. Teague.

- Mal-passado, obrigada, Vivian respondeu. Ela sentou na outra espreguiçadeira e cruzou as pernas.

Aiden sentou nas lajes ao lado dela. Ela podia perceber que o Sr. Teague estava a espiando. Aiden estava ocupado demais olhando para ela para perceber.

Os pais de Aiden eram educados, mas ela não se sentia bem-vinda ou algo assim; ela era mais como uma curiosidade. Ela se sentiu levemente preocupada. Eles o fariam mudar de idéia?

A refeição foi servida acompanhada de conversa fiada na mesa de piquenique. Aiden aproveitou toda chance que podia para tocar nela, roçando seus dedos nos dela ao alcançar um garfo, tirando migalhas de seu rosto, cutucando-a com o ombro quando fazia uma piada. Vivian reparou que a mãe dele desviava o olhar toda vez que ele fazia isso, como se sua afeição a incomodasse.

Vivian contou a versão editada de seu passado. Sra.

Teague estava emocionada com o conceito de gerenciar uma pousada camponesa. Ela teve a impressão que Esmé era muito chique. - Você tem que me apresentar à sua mãe, ela disse.

Claro, Vivian pensou. Eu sei que você amaria ir com ela até um bar de motoqueiros e entrar numa amigável queda de braço por um cara com "Chupe meu eixo de manivela"

tatuado sobre o coração.

- Espero que vocês estejam orgulhosos do poema de Aiden n'Ó Trompete, ela disse para mudar de assunto.

Ashley explodiu em risadas.

Sr. Teague espetou outro hambúrguer da travessa. -

Eu teria preferido uma foto do time no anuário. C

heirava a uma discussão velha.

Vivian esperava algumas palavras de apoio da mãe dele, mas nenhuma veio.

Aiden se concentrou em sua comida, mas ele estava corado. Vivian queria ir embora e levá-lo com ela.

Quando acabaram de comer, Aiden ajudou a mãe com a louça. A Sra. Teague parecia surpresa, e Vivian sabia que Aiden estava se comportando o melhor possível.

O Sr. Teague olhou de relance para sua filha, perdida novamente em seu walkman, antes de falar com Vivian. - Uh, então, o que uma garota linda como você está fazendo com meu filho? ele perguntou.

Ela estava tentada a dizer *Ele é ótimo na cama*, apenas para ver a cara do Sr. Teague, mas não o fez. - Ele também é muito bonito.

- Ele teria uma aparência melhor se cortasse aquele maldito cabelo. Eu acharia que uma garota como você sairia com alguém mais velho. Ele piscou para Vivian.

Como alguém da sua idade? Vivian pensou, repelida pela falta de lealdade ao seu filho. Ela lhe lançou um olhar envolvente. - Bem, alguns homens mais velhos são atraentes, ela disse numa voz propositalmente abafada, e viu ele estufar o peito como um galo, - mas eu não conheci nenhum já faz algum tempo.

Por sorte, Aiden e a Sra. Teague voltaram antes que o Sr. Teague conseguisse descobrir se ela havia o insultado ou não, e Ashley tirou os fones para perguntar num tom entediado se haveria sobremesa.

- Eu vou mostrar meu quarto para Vivian, Aiden disse. Ashley se alarmou. - O h, nossa.

- Você acha que é apropriado? sua mãe perguntou.

- Dê um tempo, ele resmungou. - Vocês estão todos aqui embaixo, não estão?

- Eu não sei por que você gostaria de mostrar esse quarto para alguém, o Sr. Teague disse.

- Mas não demore ou vamos mandar um grupo armado atrás de você. Ele riu embaraçadamente.

Aiden relaxou no momento em que ficaram sozinhos. Ele tocou-a com seu nariz e a beijou escada acima enquanto ela se contorcia e tentava não rir alto demais. Ela desejou que a família dele estivesse há milhares de quilômetros.

- Sinto muito ter mencionado o poema, ela disse.

Ele deu de ombros. - Tudo bem.

Os objetos de madeira em seu quarto estavam pintados de preto, bem como os radiadores e

o teto. As paredes estavam cobertas com pôsteres e ganchos dos quais balançavam coisas como ro-sários, um traje com franjas usado por judeus reli-giosos, e uma cabeça encolhida¹² falsa feita de uma maça. - Minha mãe não me deixou pintar as paredes de preto, Aiden explicou. - Ela disse que seria difícil o bastante pintar o teto quando eu finalmente saísse de casa, então dei um desconto.

12 [http://z.abo ut.co m/d/p sp/1 /0/f/K/-/-/dhfhead04.jp_g](http://z.abo.ut.co m/d/p sp/1 /0/f/K/-/-/dhfhead04.jp_g)

Aposto, Vivian pensou, imaginando a briga que eles deveriam ter tido. - Estou pintando meu quarto, também. Ela contou a ele sobre o painel.

Ele riu. - Acho que sua mãe não está muito animada, também.

Ela balançou sua cabeça. - Fofo, ela disse, exami-nando um modelo plástico do Godzilla que marcha-va pelo topo da sua cômoda preta, seguido por meia dúzia de Godzillas menores.

- Mãezilla, Aiden disse.

Perto da família Godzilla estava um monte feito de plasticina com um crucifixo no topo. Ela suspeitou que era pa ra ser uma sepultura. Uma pequenina mão de boneca saía da superfície, como um cadáver emergindo.

- Você tem um senso de humor deturpado, garoto, ela disse.

Aiden riu com ela. - Minha tia Sarah me deu a cruz.

É de prata de verdade. Ela acha que eu vou pro inferno.

- Por quê? Vivian perguntou. Parecia estranho que alguém de seu próprio bando o amaldiçoaria desse jeito.

- Ah, meu cabelo comprido, eu escuto música satã-

nica, e eu tenha uma curiosidade doentia.

Ela sugeriu à minha mãe que ela queimasse meus livros.

- Não!

- Sério.

Ela andou até lá para olhar aquela literatura perigosa na estante dele. A maioria eram romances de horror e fantasia, mas no fim da fila do meio tinha um *A Witches' Bible Complete* e *The Druid Traditi-*

[on13](#). Um livro de capa mole de Aleister Crowley estava aberta, virado para baixo na prateleira de cima.

- Você acredita nessas coisas? ela perguntou.

Ele parecia aliviado por não haver sarcasmo na voz dela. - Bem, na verdade é curiosidade.

Quer dizer, não deveríamos nos fechar para as possibilidades certo?

Então ele gostava de estar aberto as possibilidades, hein? Ele estaria aberto o bastante para aceitar a verdade sobre ela? Era possível. Ele ainda gostaria dela se soubesse?

- Você lê Tarô? ela perguntou, pegando um maço de cartas. Era o clássico maço Rider- Waite.

13 traduzindo: *A Completa Bíblia das Bruxas* e *A Tradição Druída*.

- Eu não aprendi ainda. Eu tenho um negócio sobre isso aqui, contudo. Ele remexeu por alguns livros.

- Tudo bem, ela disse. - Eu só estava curiosa. Minha tia-avó usa esse maço. Era mais fácil chamar Persia Devereux disso do que explicar. Um bando é como uma família, e todos os membros antigos são tias e tios. - Ela é muito boa.

- Legal. Sua tia lê Tarô. Que outras coisas bacanas a sua família faz?

Você não gostaria de saber? Ela pensou.

- Que sorriso irado. Ele colocou seus braços ao redor dela. - Você está tendo idéias agora que te trouxe ao meu covil da iniquidade?

Covil. Ela gostava da escolha de palavra. - E que idéia eu estaria tendo?

- Algo como isso. Os lábios dele encontraram os dela, e a mão dele deslizou para acariciar gentilmente seu seio esquerdo. Ela colocou sua própria mão em cima da dele e o fez apertar mais forte enquanto sua língua serpenteava na boca dele. Por que ele sempre tinha que ser tão malditamente bem educado?

Ele gemeu. *Assim é melhor,* ela pensou. *Solte-se, garoto.*

- Hora da sobremesa! A voz de Ashley ecoou escada acima.

- Ah, cara. Aiden beijou seu pescoço. - É melhor ir, ou ela vai vir e nos levar. Sua voz estava rouca.

Vivian amava ouvi-lo soar desse jeito. - Você desce, ele disse, soltando-a.

- Eu tenho que fazer umas coisas.

É, tipo jogar um copo de água gelada no seu short, ela pensou, e sorriu. - Te vejo logo, ela sussurrou, e se esgueirou de uma maneira que sabia que o deixaria lá por alguns minutos extras.

Depois da sobremesa, Vivian pediu licença. - Eu preciso usar o banheiro, ela explicou.

- Aiden, mostre à Vivian o banheiro no porão, sim, para ela não ter que perambular lá em cima novamente, a Sra. Teague disse.

Para me manter longe do quarto dele, você quer dizer, Vivian pensou. Quando Vivian descera, a Sra. Teague a encarou como se Aiden tivesse deixado marcas de mão por todo seu vestido.

Aiden levou Vivian por uma porta para dentro de uma oficina. Armas estavam penduradas na parede e numa bancada estavam espalhadas partes e ferramentas.

- O hobby do papai, Aiden explicou.

- Ele coleciona e restaura armas antigas.

Vivian ficou fascinada. - O que é isso? ela perguntou, apontando para um equipamento na bancada.

- Ele faz suas próprias balas para algumas delas, Aiden disse.

- Isso não é difícil?

Aiden balançou sua cabeça. - Não. Ele me ensinou.

Vivian ficou surpresa. - Eu nunca acharia que você gosta de armas.

- Eu não gosto. Isso foi há muito tempo. Ele costumava me levar para caçar, Aiden disse.

- Sabe, como pais e filhos realmente americanos'

devem fazer. Eu odiava. Tem que haver mais coisas a se fazer com seu pai do que sair e matar algo juntos.

Vivian não falou. Ela daria qualquer coisa para ser capaz de sair e matar algo com o pai dela de novo.

Isso a fez se sentir miseravelmente distante de Aiden. Ela pegou a mão dela da sua cintura. - Eu te encontro de volta lá fora, ela disse.

- Ah, é. O banheiro. Por aqui. Ele apontou para uma porta perto da escada.

Saindo do banheiro, Vivian ouviu vozes escada acima na direção da cozinha.

- Ela parece um tanto sofisticada para o Aiden, não acham? disse a Sra. Teague.

- Ela parece mesmo madura. Vivian pôde ouvir a insinuação na voz do Sr. Teague. Fez a pele dela eriçar-se.

- Você se cuide. A Sra. Teague não parecia entretida. - É melhor você ter uma conversa com aquele garoto.

Vivian ouviu o som de uma porta de tela fechando.

Ter uma conversa com ele sobre o quê? ela se perguntou. O que ela tinha feito de errado? Por que a Sra. Teague não queria uma companheira para o seu filho?

O resto da visita ficou arruinado para Vivian.

- Seus pais não gostam de mim, ela disse a caminho de casa.

- Esse é um bom sinal, Aiden disse. - Eles não gostam de nenhuma pessoa com a qual eu me importo.

Mas não eram só os pais dele.

Vivian tomou um longo fôlego. - As pessoas não foram amigáveis na escola, tampouco,

ela disse - Há algo errado comigo?

- Deus, não!

Aiden não disse nada mais por um tempo, mas bem quando ela achou que ele não tinha para acrescentar ao tópico, ele falou. - Você é, tipo, tão linda e legal e segura de si, eu acho que o pessoal da escola estava com medo de você.

- Com medo de mim? Vivian riu de surpresa. Aquelas pessoas não tinham senso o bastante para saber do que ficar com medo. Ela podia mostrar a eles algo assustador.

- Bem, sabe, Aiden continuou. - Com medo de que talvez você não tolerasse mortais inferiores, então para que se incomodar.

Eles pararam na frente da casa dela. - Então, você tem medo de mim? ela perguntou, tentando manter a diversão longe de sua voz.

- Apavorado, ele disse enquanto inclinava-se para ela.

Vivian o parou com um toque gentil. - Por que você não era como os outros? Por que você não me deu um gelo quando eu falei com você pela primeira vez?

Ele a estudou enquanto pensava. - Bem, tirando o fato de que você é a garota mais bonita que eu já vi, curiosidade, creio.

- Curiosidade?

Ele olhou para baixo para seu colo como se estivesse com vergonha de contar a ela. - Até

você desenhar aquele pentagrama na minha palma, então eu soube que poderíamos ser amigos. Que você podia ser... Ele mordeu seu lábio e lançou sua cabeça para trás, os olhos fechados. - Ah, cara. Isso soa estúpido.

Ele era tão amável. Ela inclinou-se e tocou a bochecha dele com a ponta de sua língua. - O quê?

- Que você pudesse ser a minha alma gêmea. Ele disse isso rápido, olhando para qualquer lugar exceto para ela. - Que eu podia expor tudo a você e você iria entender.

Vivian ficou surpresa. Ele estava expondo seu interior para ela. Um ataque de calor a encheu. -

Doce filhotinho, ela disse. - Exponha tudo e você certamente terá minha atenção inteira. A língua dela tocou o ouvido dele.

- Você está zoando, ele disse, seus olhos ansiosos finalmente encontrando os dela.

Ela sentou-se retamente. - Não, eu não estou. Eu esto u honrada, ela respondeu seriamente.

Ela não queria ferir os sentimentos dele.

Ele relaxou e o sorriso voltou aos seus olhos. - Te vejo amanhã? ele perguntou.

"E., Ela era a alma gêmea de Aiden? Vivian se perguntou em seu quarto. Ela não saberia se fosse?

Talvez se ela o flizesse seu companheiro de carne primeiro, então ela saberia.

9

Eles estavam sempre em festas, ou no cinema, ou curtindo na casa de alguém, sempre entre os amigos de Aiden, a Ameba.

Mesmo quando eles estavam juntos sozinhos ele ficava muito cuidadoso em quão longe ia, como se estivesse com medo de assustá-la. Isso a fazia sorrir. *Logo, querido, eu deixarei você saber o quanto eu não estou assustada*, ela pensou.

Então uma noite, quando ele a levou para casa, Aiden tinha notícias ruins. - Eu tenho que sair de fé-

rias com os meus pais. Ele corou de vergonha enquanto contava a ela. - Eu achei que conseguiria escapar disso, ele disse. - Eu sou velho demais para ser arrastado para a praia com a mamãe e o papai. Mas eles ficaram falando sem falar, sabe, sobre como logo eu irei para a faculdade e é a nossa última chance de ter férias em família juntos, blá, blá, blá. Ele sorriu ansiosamente para ela. - Eu vou sentir a sua falta.

- E vai perder meu aniversário, Vivian disse mau humoradamente, então imediatamente sentiu-se mal porque ele parecia tão abatido. Ela beijou sua bochecha, deixando seus lábios demorarem-se ali enquanto ela sussurrava algum tipo de desculpa. -

Não importa, traga-me uma concha ou algo assim.

Ela podia sentir a pele dele ficar quente enquanto ele respondia a agitação calorosa dos seios dela.

- Eu voltarei bem a tempo do 4 de julho, ele prometeu, deslizando seus braços ao redor dela. - Nós veremos os fogos de artifício no parque. Eu aposto que a Iguém vai dar uma festa. Alguém estava sempre dando uma festa.

Aparentemente não iria haver um auê no aniversá-

rio esse ano. Vivian encontrou presentes do Rudy na mesa da cozinha com uma nota explicando que ele ficaria fora até tarde e, depois de jogar sua própria contribuição, Esmé saiu zunindo para falar no telefone por horas. *Obrigada por ficarem por perto para ver se eu gosto deles*, Vivian pensou enquanto desembulhava uma blusa de seda. Uma vez seus aniversários tinham sido celebrados pelo bando todo.

Às oito horas naquela noite a campainha tocou. - Vá atender, Esmé chamou escada acima.

- É o meu encontro.

Ótimo, Vivian pensou. *Ela vai me deixar sozinha no meu aniversário.*

Mas quando ela abriu a porta os Cinco surgiram.

Eles a arrastaram de volta para a sala de estar com abraços e lambidas e mordidas e chupões e gritos de - Feliz aniversário! Gregory carregava uma grande sacola de papel lotada com pacotes.

Esmé correu escada abaixo, rindo. - Uma mulher deveria ter muitos homens ao seu redor no seu aniversário, ela declarou.

A campainha tocou novamente e Esmé foi atender dessa vez. Ela voltou com Gabriel.

Ah, entendi, Vivian pensou. *Traga o seu próprio bebê.*

Mas Esmé pareceu surpresa. Ela jogou seu cabelo para trás com longos dedos e conseguiu ondulá-los enquanto estava parada. "Gabriel." A voz dela ficou repentinamente rouca.

- Veio me levar à algum lugar bom. Ela cantou a última palavra.

- Eu vim desejar a Vivian um feliz aniversário, ele disse.

- Que legal, Esmé disse, deixando de lado o ronro-nar.

Grande Lua, ele estava fazendo política, Vivian pensou, como se tivesse que ganhar votos para a liderança ao invés de ganhar uma luta. - Beijando bebês? ela perguntou.

- Eu não a chamaria de bebê, ele replicou, olhando para ela com um sorriso.

Canalha, ela pensou.

Esmé correu até a cozinha e voltou com uma em-balagem com seis Cocas e dois pacotes de batati-nhas, os quais ela derrubou na mesinha de centro.

Essa era a idéia dela de ser uma boa anfitriã.

Rafe rolou seus olhos quando Vivian lhe passou uma Coca. Ele tomou um grande gole;

então, assim que ele achou que Esmé e Gabriel não estavam olhando, ele tirou um

frasquinho de seu bolso traseiro e acrescentou um fluído âmbar na garrafa.

Gregory despejou os conteúdos da sacola que carregava na mesa ao lado dos refrescos.

- Presentes, ele declarou desnecessariamente, e assentou sua figura desengonçada no sofá. Vivian notou que ele estava deixando as costeletas crescerem. Ele deixaria uma barba pequena crescer logo, ela pensou. Ele sempre copiava o Rafe.

Enquanto Esmé exclamava por sobre a baderna de pilhas de presentes, Ulf cutucava e acotovelava até que Rafe lhe deu o

frasco. Gabriel viu dessa vez.

Ele não disse nada, mas seus lábios levantaram e ele rangeu os dentes. *Quem morreu e o transformou em Deus?* Vivian pensou. Rafe olhou com raiva e audácia, mas ele deixou o frasco de lado. Ulf fez beicinho, seus cachos vermelhos caindo ao redor de seu rosto.

- Você não vai abrir seus presentes? Finn perguntou.

Vivian desistiu e pegou um embrulho. Dentro ela achou um sutiã estreito e rendado. - Não me diga, ela disse. - Vocês furtaram a Victoria's Secret. Os Cinco tiveram ataques histéricos, e Willem empurrou outro presente nas mãos dela. Esmé e os garotos uivavam de risada enquanto Vivian abria caixa atrás de caixa de roupas íntimas provocativas e transparentes.

- Experimente-as, Willem encorajou enquanto ela segurava para cima outro par de calcinhas com ba-bados.

- É, queremos ter certeza que elas servem, disse Finn, pegando-as de seu gêmeo.

- Nos seus sonhos, menino-lobo, disse Vivian.

O sorriso no rosto de Gabriel por causa das palavras dela a fez ferver. Ela podia rebaixar o Finn; ele não. O que ele ainda estava fazendo por aqui de qualquer jeito? Ele tinha feito sua aparição pública. Por que não ia embora?

Ela deliberadamente tentou fazer com que ele não pertencia ao ignorá-lo e dar beijos de agradecimento em todos os Cinco, apesar de suas sugestões zombeteiras e rudes. Gregory colocou uma música – o tipo pesado que os Cinco amavam – e ela dançou com eles todos exceto com Gabriel. Ela ficou surpresa ao descobrir que estava se divertindo.

Esmé irradiava contentamento. Ela nem pareceu desapontada quando Gabriel só dançou uma dan-

ça com ela. Ao invés disso ela ocupou-o esperançosamente com Jack Daniels com gelo.

Mais tarde, Vivian estava lavando alguns copos na pia quando ela sentiu alguém atrás dela. Braços se enrolaram ao redor dela. Mãos desceram para seus seios e os apertaram rudemente. Ela reconheceu a pequena tatuagem de aranha na mão direita.

- Cai fora, Rafe, ela disse, continuando a jogar água quente no copo que ela segurava.

- Vamos lá. Você ama isso.

- O diabo que eu amo.

- Eu não estou te vendo correr, ele disse, e ela sentiu o hálito quente dele no seu pescoço e os dentes dele testando a carne dela.

Vivian colocou o copo na bancada. Ela se girou lentamente ao redor dos braços acomodadores dele, cara a cara com seu olhar arrogante.

Seu sorriso se alargou. - Eu sabia.

Ela sorriu de volta para ele. Sua mão viajou pela coxa dele e os olhos dele ficaram vagos com luxú-

ria, seus lábios separados, esperando pelos dela.

Foi então que ela agarrou a virilha dele e espremeu.

- Auuuuuuuuu! ele puxou seu pulso com força com as duas mãos.

- Ah, vamos lá. Você ama isso, ela disse, apertando mais forte.

- Me solta!

Esmé chamou da sala de estar. - O que está acontecendo?

Vivian espiou na direção da porta. Ela ficou assustada ao ver Gabriel de pé ali. Os olhos

dele brilharam com risada e os dentes dele resplandeceram um branco.

Vivian soltou Rafe. - Nada, mãe. Só zoando. Hein, Rafe?

Rafe não disse nada. Ele se virou e engoliu uma lamúria de raiva embaraçada quando viu Gabriel.

Ele saiu da cozinha, seu rosto apertado de raiva.

- Você pode cuidar de si mesma, Gabriel disse, concordando em apreciação.

- E não se esqueça disso, Vivian respondeu. Ela pegou o cheiro travoso do suor dele enquanto passava por ele, e sentiu uma breve onda de medo misturada com o tinir inebriante de um doce desacato.

Talvez ele fosse golpeá-la por sua insolência. Ao invés disso ela ouviu uma risada gutural.

Ela não deveria ter encorajado os Cinco. Por toda a semana seguinte eles estavam na porta ou no telefone. Ela não corria com eles de noite, mas ela finalmente desistiu e passou um pouco do dia com eles. Na maior parte das vezes eles trocavam piadas com os ciclistas na frente do bar do Tooley.

Uma vez eles foram no shopping, e os Cinco fizeram um ao outro rir ameaçando garotas do ensino fundamental ao balançar línguas muito longas para elas. Vivian foi embora com nojo.

A disputada e o acotovelamento constante dos Cinco por nível a deixou nervosa. Foi um alívio pegar o telefone um dia e ouvir a voz de Aiden.

- Pronta pros fogos de artifício? ele perguntou.

- Baby, é você? ela replicou.

Ainda estava claro quando Aiden chegou na tarde seguinte. Ele parecia polido e bronzeado.

Vivian queria morder os botões da camisa dele.

- Eu senti sua falta, ele disse, e deu-lhe um pacote pequeno e brilhantemente embrulhado. Vivian o virou diversas vezes em suas mãos, admirando-o como se fosse uma jóia. Era essa

a concha que ela havia pedido? Ninguém fora do bando já tinha comprado um presente para ela. Qu-

ão refinado e cheio de promessa isso era.

- Você deveria abrí-lo, Aiden avisou gentilmente.

- Ah, é. Vivian partiu a fita com suas unhas e des-cascou o papel, lentamente saboreando

cada estalar. Dentro tinha uma caixa de veludo.

"Ooooh!" Ela acariciou sua veludez, atrasando mais um segundo, então abriu a caixa e achou um pentagrama brilhante de prata em uma corrente de prata.

Vivian ficou sem fala por um momento; então ela irrompeu em risada. Ele tinha lhe dado prata.

Quando unido com sangue dos tipo-lobo, prata queimava a carne como ácido, fazendo mais dano do que os poderes de cura

maravilhosos de seu povo podiam conter. Era por isso que balas de prata eram em geral letais não importasse onde ou quão estreito era o ferimento. Prata era segura o bastante para usar contanto que não tocasse num ferimento aberto, mas entre seu povo lutas eram comuns. Os tipo-lobo preferiam usar ouro, só por precaução.

Uma lenda contava do dom de duas faces da Dama Lua, que deu-lhes a habilidade de se transformar, mas também mudou sua luz para a prata que podia matá-los se eles abusassem do poder.

Aiden havia lhe dado um presente de duas faces: o sinal do seu povo feito de veneno.

Aiden parecia perplexo com a risada dela, depois magoado. - Não não gostou, ele disse.

Eu podia usar nos nossos encontros, pelo menos, ela decidiu. Isso parecia seguro o bastante. - Sim, eu gosto, ela disse solenemente. - É mais perfeito do que eu poderia dizer. Porque eu, também, tenho duas faces, ela pensou. E você devia fugir de mim o mais rápido que suas pernas podem carregá-lo.

JULHO

Lua dos Trovões [14](#)

14 assim chamada porque as trovoadas são mais frequentes nesse período.



10

Eles deixaram o carro de Aiden fora de sua casa; seria difícil achar um lugar para estacionar perto do campo da escola fundamental onde a amostra de fogos de artifício era organizada. O festival de Quatro de Julho estava acontecendo o dia todo, come-

çando com o desfile e continuando com palhaços, competições, corridas, e música. Os melhores lugares para se estacionar tinham sido pegos há horas.

- Vamos por trás, Vivian disse. - É mais rápido.

Eles cortaram pelo quintal dela e seguiram o rio corrente acima. O Sol estava descendo e a tarde estava dourada. Vivian inalou profundamente, como se ela pudesse sugar tudo e manter para sempre. A rica explosão de odor lançada por um dia de calor misturado com o espetacular cheiro salgado de Aiden a encheu de felicidade. Enquanto eles iam de encontro da moita para a borda de grama cortada ao lado do rio, Vivian sentiu o desejo de correr.

- Vamos, ela gritou, e foi-se embora cheia de alegria por respirar, seus membros tão fortes como se ela dançasse na lua.

Quando ela pulou uma parede para uma viela atrás de alguns apartamentos ele estava um minuto atrás dela. Ela esperou até que ele a alcançasse. Ele saltou por cima, usando ambos os braços, e ela ficou triste por ele não ter pulado como ela, tocando nada além do vento. Talvez ele não conseguisse.

Imediatamente ela queria dar-lhe um voo embrulhado numa linda caixa como o presente dele para ela. Ao invés disso, ela deu-lhe um rápido abraço duro, que o fez rosnar, depois rir.

A viela levava até uma ponte. Vivian saltou ao lado de Aiden, ansiosa para correr novamente. A respira-

ção dele estava árdua, mas ele não reclamou. Uma gota de suor estava na ponta do seu nariz. Ela lan-

çou sua língua e sugou-a.

- Eca! Aiden limpou seu nariz com as costas da mão, então sorriu.

- Você não faz exercícios o bastante, Vivian disse. -

Você devia correr mais frequentemente.

Aiden rolou os olhos. - É, certo.

- Não, vamos lá. Eu te ensino. Ela começou novamente num passo mais estável e devagar. Ele gru-nhiu atrás dela, mas ela escutou ele segui-la. Assim que chegara ao campo de beisebol ela dan-

çou ao redor dele, dando-lhe conselho sobre respirar e caminhar. Ela correu serenamente por um tempo, apreciando a sensação dele correndo ao seu lado. O rosto dele estava corado, e ele bafejava um pouco, mas ele aprenderia.

Um brilho estalou entre as árvores a frente e por um momento ela achou que os fogos de artifício tinha começado cedo demais, mas era só o Sol pousante preso nas janelas da escola, quebrado por folhas rodopiando em uma brisa repentina da tarde. Ela olhou para trás. O céu do oeste brilhando um vermelhão como se estivesse encharcado no sangue da noite, ela sufocou um uivo de alegria.

Ela tinha que correr livremente. Ela foi-se embora, guiada pela excitação para os braços da escuridão.

A grama chicoteou seus calcanhares; o pôr-do-sol lambeu seu rosto. Se ela corresse rápido o bastante ela podia escalar escadas

invisíveis até as estrelas. Ela alcançou a cerca com malha em forma de corrente de três metros e meio na parte de trás da escola e jogou-se para cima. Ela pululou sem um pensamento.

Quando Aiden alcançou ele fez um caos agitando-se para escalar a cerca, e ofegou e arrastou-se e escorregou.

- Quando você esteve num campo de treinamento?

ele conseguiu arfar quando ele caiu aos pés dela.

Ele parecia irritado mas não nervoso. - Ave. Eu não sabia que minha queridinha era a Rainha das Amazonas.

Queridinha. Ele a tinha chamado de sua queridinha. Ela tinha sido um belisco principal, uma velhinha, e um rabo de saia, mas ela nunca foi uma queridinha antes. A palavra borbulhou por ela como champagne. Ela jogou-se no chão, rindo. - Estou exausta, ela mentiu.

Ele tentou gentilmente pelear para colocá-la de pé mas ela continuava deslizando frouxamente de seus braços, e logo eles estavam rindo como filhotinhos tontos na grama. Os doces beijos molhados dele a fizeram ter certeza de que ele não estava nervoso, e ele estava sem fôlego novamente, mas por razões pelas quais não podia reclamar.

Eles andaram até a multidão reunida enrolados nos braços um do outro, seus lábios incapazes de se separarem.

A Ameba estava na beira do playground recoberto de piche e pedrinhas, escorregando no campo proibido onde as pessoas que trabalhavam nos fogos de artifício estavam localizadas. Alguns deles cum-primentaram quando viram Aiden e Vivian chegando. Kelly sorriu forçadamente, seus olhos vazios.

Ela se inclinou para sua trupe regular de risonhas e disse algo somente para os ouvidos delas. Vivian cerrou seus dentes na direção de Kelly, enrugando seu nariz, e sorriu maliciosamente quando Aiden puxou a para baixo junto dele com um cobertor tartã e acariciou com o nariz seu pescoço. *Olhe para mim, Kelly, Vivian tripudiou silenciosamente. Eu tenho ele. Você não. Que peninha.*

Um dos caras deu uma Coca para Aiden. Aiden bebericou, sorriu, e deu-a para Vivian.

- Toda sua se quiser. Eu tenho que dirigir mais tarde. Vivian tomou um longo gole. A Coca estava ba-tizada com rum e mandou uma deliciosa ondulação de fogo até seus dedos do pé. Ela bebeu um pouco mais e segurou a garrafa firme.

De vez em quando um policial de aparência cansada aparecia e mandava colocarem seus traseiros de volta no terreno, e a Ameba resmungava e movia cobertores pelo redor e dava um grande show de atividade e eventualmente não movia um centímetro.

- Ei, camarada! O melhor amigo de Aiden, Peter Quincey, chegou, golpeando as costas de Aiden e cumprimentando todos. Duas das risonhas descas-caram-se de Kelly e bajularam-no. As garotas sempre queriam tocá-lo e abraçá-lo.

Então Bingo e Jem apareceram, discutindo audivelmente sobre quais bandas eram podres. Logos eles envolveram todos.

- Ei, tenho que dar uma mijada, disse Aiden. - É melhor eu ir agora, antes que os fogos de artifício co-mecem. Ele levantou-se depois de beijar a bochecha dela.

- Então o que acha do The P urge? Jem perguntou a ela.

- Um bando de mariquinhas, ela respondeu. - Deviam afogar eles para livrá-los de sua tristeza.

Uma das risonhas soltou um berro de indignação e Q uince rugiu de tanto rir. Isso iniciou toda uma nova rodada de discussão. O rum fez Vivian sentir-se preguiçosa e indulgente. Ela realmente concordou com Kelly uma vez.

Um vagalume voo com dificuldade por Vivian com uma missão de amor e a claridade de su rabo anunciou que a noite tinha chegado. Como se todos tivessem percebido de uma só vez, a multidão aquietou-se em expectativa. Homens apressaram-se pelo campo, fazendo checagens de último minuto.

Aiden estava fora há um tempão.

Na quietude repentina, um coro de uivos ecoou como uma música distante nas árvores atrás dos banheiros portáteis.

Bingo sorriu maliciosamente. - Alguém está se diver-tindo.

- É, Vivian concordou, e os pelinhos em sua espinha pinicando. Ela encarou carracudamente as ca-beças da multidão. Aiden estava lá fora sozinho. O

sangue nas veias dela ficou gelado. - Eu acho que preciso fazer xixi, também, ela anunciou para ninguém em particular. Ela colocou sua garrafa no chão e apressou-se na mesma direção que Aiden tinha ido.

Ela contorceu-se por ilhas de famílias e amigos esticados com seus coolers e cestos e crianças, e tentou não pisar nos dedos e nas bebidas que se espalhavam nos caminhos que conduziam pela bagunça. Então ela estava do outro lado.

Ela podia sentir o cheiro dos toaletes antes mesmo de chegar perto. Eles tinham sido usados o dia todo, e agora o fedor grosseiro de produtos químicos misturado com urina e fezes

faziam um campo de batalha no ar. Seu nariz ficou trancado pela aversão enquanto passava pelas cabines de metal gravadas com a palavra *Toaleta Portável* em um laranja luminoso, procurando por sinais de Aiden, ou dos Cinco.

A tosse de alguém ecoou dentro de um dos sarcó-

fagos pútridos, mas era profunda demais para ser de Aiden. A porta do toaleta abriu, então fechou-se com um baque atrás de um estranho. O resto dos toaletes não parecia ocupado.

Ela ouviu um fraco movimento na floresta. E se ele decidisse que os toaletes fediam muito e tinha ido mijar na floresta? Ela teria achado isso sensível em qualquer outra noite, mas hoje, com os Cinco rondando... Vivian escapou silenciosamente para as árvores, seus olhos arregalados e luminosos. *É melhor que ele esteja a salvo*, ela pensou. Sem nem ao menos pensar, ela alongou suas unhas, e os músculos de seus membros apertaram-se com o poder. A Luz era somente uma lasca no céu do oeste. A floresta estava profunda com sombras. Em algum lugar atrás dela estava uma multidão ávida, esperando pela noite florescer com fogo, mas de algum modo as vozes estavam abafadas pela escuridão. Até mesmos os grilos prendiam a respira-

ção.

Um estalar estacato veio do rio – traques. Um cão latiu de longe. O suor pingou das axilas de Vivian até seus seios. Ela andou nas pontas dos pés, seus pés lembrando patas.

Houve um farfalhar a sua direita. Alguém estava passando entre os arbustos de rododentro.

Ele assobiava alegremente. Ela quase deu um suspiro de alívio, mas então ela reconheceu a voz.

"Rafe.

Ele congelou nas sombras. Algo quase tão grande quanto ele estava atirado em cima do seu ombro.

Ele agarrava-o com força possessivamente.

Vivian descobriu a música que ele estava assobiando. Era uma música dos Oingo Boingo. A letra era *andando com um homem morto em cima do meu ombro*.

- O que você tem aí? ela exigiu, medo palpitando em seu ventre.

Os braços de Rafe se apertaram ao redor de sua carga. - Nada. Ele deu um passo para trás.

- Seu merda. Ela avançou para ele. Seu coração golpeava com temor.

- É meu, ele rosnou. Ele deslizou o seu morto de seu ombro e deixou o cair em folhas velhas e mortas. Ele se agachou, pronto para o combate, na frente dele.

Grande Lua, eu estou certa, ela pensou. *É um corpo*. Aiden não, ela implorou. Ela mataria Rafe se fosse.

- Eu divido se você for boazinha comigo, ele acrescentou, uma nova nota de astúcia em sua voz.

- Me mostre, ela seduziu. - Quero ver se é digno do meu tempo.

- Ha, você está mentindo, Viv, ele brigou. Seus olhos brilharam e se estreitaram com malícia. -

Quer ver se é o seu menino-carne, Viv?

O imbecil estava brincando com ela. Ela deu outro passo rápido em frente mas ele a bloqueou, rindo.

Ela lançou-se para a direita, mas Rafe estava na frente dela novamente.

- A Vivi quer seu brinquedinho? ele zombou, e ela quis enfiar os dentes pontudos dele garganta abaixo.

Ela deu uma finta para a esquerda; então, antes que ele pudesse se recuperar, golpeou-o de frente e o derrubou. Na distância a multidão se animou com o primeiro trovejar de fogos de artifício. Ela lutar com Rafe enquanto ele se movia, dando cotoveladas em seu pescoço, dando joelhadas no seu es-tômago, e se arrastou até os arbustos.

Em uma explosão laranja de luz ela viu olhos castanhos vidrados com resplendor opalescente. Olhos castanhos em um rosto forrado de pele. Um grande cachorro com sua garganta aberta estava no chão.

Rafe ficou de pé, rindo. - Te enganei, não foi?

Sua risada foi ecoada das árvores, e o resto dos Cinco entraram de mansinho na clareira – Finn, Willem, Gregory, e um rápido Ulf. Seus rostos tre-meluziram com uma luz multicolor por um momento, entalhando-lhes sombras fantasmagóricas. Todos eles estavam observando, rindo dela?

A garganta aberta olhava lascivamente para ela, negra e coberta.

- C heiro de licioso, Viv? Rafe zombou. - Acha que gostaria de dar uma provadinha, já que não é o seu namorado?

Ela cuspiu uma praga nele enquanto se levantava.

Foi pontuada por outro estrondo no céu.

Ela andou até ele o mandou voando com murro no lado do rosto que d eixou marcas de garras.

Willem arfou, e Ulf correu de volta para os arbustos rindo histericamente.

Finn ajudou Rafe a se levantar enquanto Gregory olhava para frente e para trás entre Vivian e Rafe, nervosamente lambendo seus lábios.

Rafe limpou o sangue de seu rosto com as costas da mão. - Você acha que é diferente da gente, ele rosnou. - Mas não é. Nós sabemos quem *nós* somos, Vivian. E nós sabemos o que queremos. Nós não fugimos disso. Você é doente, Vivian, se acha que pode se fingir de humana."

Ele estalou os dedos. - Ulf, traga o seu traseiro de volta e ajude Grega carregar isso. Os Cinco caíram no silêncio atrás de Rafe e o seguiram para a floresta. Somente Willem olhou para trás.

- Estou *tão* impressionada, ela gritou depois deles.

Eu sei quem eu sou, ela pensou. Como ele ousar dizer que não sei? Eu amo ser uma loup-garou. Eu adoro a doce mudança e a beleza que isso me traz de noite. Quando eu caço, eu caço presas selvagens pelas leis da Deusa. Eu não mato bichinhos de estimação para me divertir.

O ruído de uma metralhadora acima dela fez ela olhar para cima para ver estrelas cadentes entre as folhas. Um assobio chilreante veio junto em seu calcanhar e uma fonte de fogo derramou vermelho no céu. *Estou perdendo isso, ela pensou.*

Ela correu de volta para a Ameba, contornando a multidão banhada pela cor. Ela achou Aiden esperando, e seu coração pulou ao vê-lo.

- Onde você foi? Aiden perguntou. Ele a abraçou.

- Eu poderia dizer o mesmo. Ela não o abraçou de volta. Agora que ele estava a salvo ela podia ficar nervosa com ele – por um

momento, de qualquer jeito, até que ele se esforçou para fazer as pazes com beijos. Então, enrolada nos braços dele, ela fez uuhs e aaahs com a multidão sem rosto ao redor dela, tornada um deles debaixo das explosões de luz de crisântemo.

Mas o perigo rondava a multidão na floresta, e ela rezou para a Luz para que todos que assistiam isso com ela voltassem para casa seguros essa noite. Os Cinco haviam matado um humano uma vez.

Eles ainda sabiam o gosto?

O trovão ficou mais alto. A noite estava cheia de assobios e sons ruidosos dos cometas feitos pelos homens. F umaça marcava o ar e estava aguda em sua garganta, e quando ela viu faíscas caindo, ela lembrou-se de outra noite mais de uma ano atrás.

O fogo foi minha culpa, também, ela pensou. Eu deveria ter contado ao meu pai que Axel e os Cinco estavam correndo selvagememente.

Ela enterrou seu rosto no ombro do garoto humano e pendurou-se nele para sufocar sua dor. Ele beijou o cabelo dela, e o tremor de sua risada vibrou no peito dela. Ele estava cheio de sangue correndo e sorrisos e sonhos – coisas que seu pai nunca teria novamente.

- Sinto muito, ela sussurrou, suave demais para ele ouvir, mas aqueles para quem ela falou estavam todos mortos.

11

No caminho de volta para a casa de Vivian, Aiden parou perto do rio. - Não vá para casa ainda, ele pediu, então eles fizeram um ninho na grama da altura do joelho e olharam para o céu.

- A meia noite não é mágica? Vivian perguntou, e esticou seus braços para as estrelas.

- Não mágica real, Aiden disse. - Eu gostaria que fosse. A vida é um aborrecimento na maior parte do tempo – nascimento, escola, trabalho, morte –

sabe. Eu gostaria que algo mágico acontecesse.

Você quer magia? Eu poderia te dar magia, ela pensou. - Que tipo de magia? ela perguntou. - Tipo achar uma porta para um mundo mágico? Ou uma moeda que concede desejos? Ou encontrar uma bruxa?

Aiden riu. - Todas as anteriores.

- E se ela for uma bruxa má?

- Talvez eu encontre o bem dentro dela.

- E quanto a vampiros?

- Eu não sei. Talvez tenha alguns bons, também.

- E quanto a lobisomens com tesão? Vivian disse.

Aiden deslizou seus braços ao redor dela. - Agora você está sendo boba.

Eles afundaram no longo pelo do prado do rio, en-laçados um no outro. O cheiro de doce relva esmagada encheu o ar.

- Você é selvagem, Aiden murmurou embriagada-mente na fenda entre os seios dela antes

de beijar o sinal de nascença ali.

"Um- hmmm." Vivian acariciou o cabelo dele, rejubilhando-se pela maneira na qual ela o embebedou por quere-la.

Ele beijou a boca dela, e ela retornou o beijo ferozmente, pressionando arduamente contra ele, segurando-o firmemente pela camisa. Seus dedos acharam um círculo atrás do bolso dele – a beira enrolada de uma borracha envolvida em uma folha metálica. Uma excitação correu por ela tão afiada e deliciosamente que por um instante ela achou que estivesse se transformando.

Com dedos trêmulos ela desabotoou a camiseta de Aiden. Ela fez movimentos suaves com suas mãos pelo abdômen firme e pelo peito dele. A carne dele estava pegando fogo e era ah tão suave e alienígena ao toque dela. Ela testou pescoço dele com seus dentes e tentou não morder forte demais. A respira-

ção dele ficou alardeante.

Um coro de uivos ecoou rio abaixo. Uma bomba de cereja [15](#) estourou a distância.

Ou era uma arma? Vivian congelou.

- Ai! Suas unhas. Aiden recuou.

Ela rapidamente guardou suas garras. - Sinto muito.

Eu..."Aiden riu maliciosamente e pegou-a novamente. - Sua mulher selvagem.

Vivian sentiu uma vibração no chão. Ela lutou para ficar de joelhos enquanto Aiden esperou e murmurou em protesto. Na noite uma massa escura corria pela grama, vindo na direção deles.

15 no original, *cherry bomb*. É um tipo de fogo de artifício: http://www.d_yberryfireworks.com/C_hinaCherryBombCrackers.jp_g

http://www.d_yberryfireworks.com/C_hinaCherryBombCrackers.jp_g

- O que foi? Aiden perguntou e ficou de joelhos ao lado dela.

- Não é nada, ela disse, e jogou seus braços ao redor dele e o levou ao chão. *Não pode ser o bando*, ela pensou. *Eles não correriam na cidade*. Mas haviam muitos para ser só os Cinco.

Aiden rodou para ficar em cima dela, e ela tentou fingir interesse. Ela tinha que mantê-lo ocupado. Se ele visse o que caçavam hoje a noite, ele talvez entrasse em pânico e corresse; se ele corresse ele virava presa.

A grama assobiava cada vez mais alta como se uma tempestade se aproximava. Sem voz eles vieram – muitas patas suavemente trovejando. Eles passaram a direita.

- O que... Aiden se sentou.

Vivian serpenteou um braço ao redor do pescoço dele e o arrastou de volta. - Fique abaixado, ela disse a ele. - Cachorros. Eles ficam loucos em bandos.

Aiden pareceu assustado. - Jesus, são muitos.

O almíscar deles encheu o ar – cheiros familiares.

Astrid estava na liderança. *Maldita cadela*. No que ela estava pensando para liderar uma corrida tão ampla pelo meio de Riverview?

Depois de Astrid vinha Lucien Dafoe, o pai de Rafe, fedendo a bebida. Rafe estava rapidamente empurrando-o para fora. O resto dos Cinco estavam lá, mas também haviam outros, na maioria companheiros da idade de Astrid, sem anciões, e todos machos. Ulf estava na retaguarda. Ela conseguia ouvir ele ofegar com uma respiração asmática.

Então eles passaram, correndo corrente acima, devorando a noite.

- Uau, Aiden disse. - Por um momento eu achei que fosse a caça selvagem [m16](#) – Herne, o caçador [17](#),

perseguindo alguns amaldiçoados.

Ela conseguia sentir os arrepios no braço dele.

- As pessoas não deviam deixar seus cachorros soltos desse jeito. Talvez devêssemos chamar a carrocinha.

- A essa hora da noite? Vivian disse.

Ele sorriu graciosamente. - Acho que não.

Um grito veio rio acima.

- Assustaram alguém. Aiden riu.

16 um mito folclórico europeu. Diz que um grupo fantasmagórico de caçadores persegue cavalos e cães violentamente pelos céus ou no chão; é um jeito corriqueiro de explicar tempestades.

17 é um cavaleiro fantasma cuja aparência é notável por ele ter chifres em sua cabeça.

Ao contrário de Aiden, ela conseguia escutar alguém lutar na orla. O coração dela pulou em sua garganta, mas o bando não virou-se para seguir o humano.

- Nós devíamos dar o fora daqui, ela disse. - Eles podem voltar. E quem sabia o que eles fariam se tivessem sede de sangue? Ela tinha que mandar Aiden para casa.

Aiden deu risada. - Não é típico de você ficar nervosa.

- O que você sabe sobre como eu sou? ela repreendeu. Ela ficou arrependida instantaneamente, mas mesmo assim irritada por ele parecer tão censura-do. Ele não podia retrucar? - Sinto muito, ela disse.

- Mas eu não acho que é seguro.

Ele tentou puxá-la para baixo para ele novamente, não querendo desistir, mas o feitiço fora quebrado, deixando-a frustrada e nervosa. - Eu tenho que ir para casa, ela mentiu, removendo as mãos dele e se levantando. - Minha mãe vai se preocupar.

- Ah, cara, Aiden disse. Ele ficou de pé desajeitadamente, ajustando suas roupas. - Tudo bem, ele resmungou, e ela o viu tocar seu bolso ligeiramente como se dando adeus aos seus planos.

Droga. Droga. Droga, ela pensou.

- O que você quer dizer, contar a Gabriel? Vivian exigiu.

Eram duas da manhã e Rudy tinha acabado de chegar em casa. Esmé ainda estava a Lua sabe onde.

- Por que ele? Ele não ganhou a Ordália ainda. Ela tinha decidido não ficar em silêncio se visse coisas erradas novamente, mas ela não esperava contar a Gabriel.

Rudy marchou pela sala de estar. Sua robusta forma compacta e seu caminhar firme deviam ter sido confortantes. - E o que você espera que *eu* faça?

- Fale com a Astrid. Fazê-la parar.

Rudy riu amargamente. - Sem chance.

- Então por que ela escutaria o Gabriel, então? Vivian perguntou.

- Porque ela o respeita.

- Porque ela quer transar com ele, você quer dizer.

Rudy encarou-a com olhos cinzas penetrantes que a fizeram se sentir envergonhada. - Ela o respeita porque tem medo dele. O poder é a única coisa que Astrid entende. Ela não tem certeza de até que ponto ele irá. Ele parou. - E nem eu.

- Então por que contar a ele?

- Pelo que eu sei, ele é a única opção que você tem agora. Não podemos usar um líder que quer governar com seu cérebro mas não com seus dentes.

Vivian ficou de pé. - Meu pai liderava com seu cérebro; você quer dizer que ele não era um bom líder?

Rudy correu uma mão calejada pelo seu cabelo.

Seus olhos pareciam tristes. - Seu pai foi o melhor líder que poderíamos ter tido quando o tivemos, mas agora é tempo de eferescência. Nós precisamos de um líder que entenda o poder de sua mandíbula.

- Estou cansada da violência.

Rudy assentiu. - Mas não importa do que estamos cansados, todos temos que suportar o mesmo.

Você nunca teria mudado os Cinco tão silenciosamente da Virginia Ocidental se Gabriel não tivesse chutado a audácia deles.

É, pensou Vivian. Ele os tinha levado nas ruínas carbonizadas do quintal da pousada quando eles estavam travando uma guerra estúpida e desespe-rançada contra a cidade. Rafe estava golpeado brutalmente e os outros sangravam, mas não havia um arranhão em Gabriel. Ele tinha ameaçado matar qualquer um deles que se movesse três passos do comboio que ia para Maryland. Untado com cinzas, ele tinha se empertigado subsequentemente, e ela havia odiado-o por isso, mesmo que ela pró-

pria teria batido nos Cinco se pudesse. Seu pai estava quase morto, e Gabriel estava tomando o controle. Ele não era um líder; seu pai era um líder. Seu pai tinha dignidade.

- E quando vocês todos chegaram, Rudy continuou, - Gabriel foi um dos primeiros a encontrar um emprego e colocar todo o seu dinheiro para que os outros se assentassem enquanto ele dormia no chão das outras pessoas ou na floresta.

E cara, ele cheirava a isso, ela pensou. Nada como um soldador sem lugar para se banhar.

- Então você vai apoiar Gabriel na Ordália e não entrar nessa por conta própria, ela disse.

- É, acho que sim. Agora, hora de ir para cama, querido. Tarde demais para fazer qualquer coisa hoje a noite.

A moto preta e prata de Gabriel estava no estacionamento do bar do Tooley na noite seguinte, exatamente como Rudy tinha adivinhado. Rudy entrou para achá-lo enquanto Vivian esperava do lado de fora, seus braços cruzados, seu pé batendo.

Um par de motoqueiros em jaquetas jeans cortadas em cima de peitos nus saíram do bar. O altão olhou duas vezes para ela. Ele

agarrou sua genitália e mandou um convite muito específico a ela. O outro riu como se fosse a piada mais engraçada que ele já tivesse escutado, e seu estômago sacolejou.

Ela mostrou o dedo do meio para eles.

- Ei, você não é muito amigável, o motoqueiro alto reclamou, mudando de direção para andar lentamente em direção a ela. O sorriso tinha deixado o rosto dele. - Você não tem respeito?

Seu amiguinho arrastou-se atrás dele. Seu sorriso era malvado.

Ah, merda, Vivian pensou.

- Mas te digo uma coisa, talvez possamos nos beijar e fazer as pazes, disse o motoqueiro alto.

- Eu prefereria beijar um caracol, ela disse, seu temperamento incendiando. Ela se arrependeu de suas palavras quando ela viu as mãos dele fecha-rem-se em punhos. O anel de caveira dele brilhou ameaçadoramente.

Ela sentiu suas pernas criarem saliências com o primeiro estágio da mudança. *Controle-se,* ela se instruiu. *Somente o bastante para acrescentar alguns músculos.* Ela não duvidava por um momento que ela podia atacá-los se se transformasse completamente, mas ela não podia fazer isso agora, podia? Um par de bons e fortes tapas faria ele mudar de ideia.

- Vejo que conheceu minha irmã. Vivian reconheceu o rosnado gutural de Gabriel.

O motoqueiro a lto congelou por um segundo, um olhar de pânico em seu rosto; então ele se virou. -

Ei, Gabe! Sua irmã, cara. Uau. Uma garota realmente bonita. Eu tava justamente contando a ela.

É. Sua irmã. Uau.

- Ah, vamos, Caveira. Temos uma festa a ir, seu amigo chamo u. Quando eles viraram a esquina, Gabriel e Rudy se acabaram de rir.

- Eu podia lidar com isso, Vivian disse, aborrecida com o divertimento dele.

- Eu sei, querida, ele respondeu, surpreendendo-a.

- E em qualquer outra hora eu teria alegremente ficado e observado, mas Rudy me disse que você tem novidades para mim.

- Eu vou bater nele outra hora, então, ela disse.

Eles andaram mais para o estacionamento escurecido. - Então, o que é – irmãzinha? ele perguntou.

Ela queria cortá-lo por manter essa porcaria de papo de irma, mas o olhar fumegante em seus olhos a fez engolir sua resposta sarcástica.

- Astrid capitaneou uma corrida pelo rio ontem a noite, ela disse.

- Ela capitaneou, não capitaneou? Seu tom era casual mas ela viu um ligeiro tique em sua bochecha.

- E quem estava nessa corrida?

Enquanto ela listava-os ele escutava com a cabeça curvada, acariciando a pequena cicatriz em seu lá-

bio.

Houve silêncio quando ela terminou. Ela olhou para Rudy, mas ele estava observando Gabriel, um olhar preocupado em seu rosto.

Finalmente, Gabriel falou. - Acho que vou fazer uma visitinha a Senhorita Astrid, ele disse suavemente.

Ele olhou para cima e suas pupilas capturaram o brilho de um poste de luz distante – eles brilharam vermelhamente.

O que eu comecei? Vivian pensou.

12

Vivian derrubou sua sacola de compras de novas tintas na base da escada. Ela caiu, e um tubo tamanho econômico de carmim queimado, gordo como uma salsicha, rolou e bateu gentilmente no chão de madeira de lei na beirada do tapete do corredor. A casa estava tão silenciosa que o estrondo tranquilo da breve passagem do tubo ecoou em seus ouvidos. *Onde está Esmé?* Vivian se perguntou. Segunda era seu dia de folga, mas nenhuma música retumbava pela casa, e nenhum cheiro de jantar flutuava no ar.

A resposta de Vivian veio quando ela entrou na sala de estar e tomou um susto ao achar sua mãe sentada no chão cercada por fotografias, mais caindo de uma caixa de sapato virada de cabeça para baixo ao lado dela.

Esmé olhou para cima com lágrimas em seus olhos. - Eu não conseguia lembrar do rosto dele, ela disse.

Vivian afundou no chão ao lado de Esmé, sua boca tensa com preocupação. Havia fotos de seu pai es-pelhadas por todo o tapete: Papai rindo, Papai cortando madeira, Papai na cozinha da pensão, fazendo molho.

- Eu tentei tanto esquecê-lo para que perdê-lo não doesse mais, Esmé disse, - e então hoje eu pensei nele e não consegui vê-lo. Foi como se eu tivesse desligado uma parte de mim e me invalidado. Como se eu olhasse para um espelho e não conseguisse ver o meu reflexo. As lágrimas rolaram por suas bochechas.

Era doloroso para Vivian ver sua mãe tão chateada.

Ela não sabia o que era pior, a dura jóia brilhante que sua mãe tinha se tornado esse ano, ou a mulher de coração partido ao lado dela agora. Ela não conseguia pensar em nada para dizer. Ao invés

ela escolheu uma foto de si mesmo com três anos, com macacão da OshKosh e nada mais, do lado de seu pai enquanto ele arrancava ervas daninhas do jardim. Ela estava - ajudando ele, e ela ainda conseguia ouvir em sua mente a voz paciente dele dizendo, - Não, doçura, não esse. Ele dizia isso continuamente.

- Papai teria arrumado tudo, não teria? Vivian disse.

- Nós não estaríamos tão encrocados se ele estivesse por perto.

Esmé balançou sua cabeça. - Eu não sei.

O choque cortou Vivian como uma faca afiada. - É

claro que ele teria. Ele saberia como manter Astrid na linha. Ele impediria qualquer coisa ruim de acontecer.

- Mas ele não impediu, impediu? Esmé disse. - A pensão pegou fogo. Pessoas morreram.

Se ele vivesse, ele seria desafiado por incapacidade.

- Isso não é verdade! Vivian gritou.

- Você sabe que é verdade, Esmé disse. - Em sua pele de lobo ele era tão forte quanto qualquer um deles, mas ele era uma pessoa gentil de muitas formas. Ele se sentiria tão mal sobre falhar que ele provavelmente daria lugar a outra pessoa sem lutar.

Esmé estava certa, mas por um momento Vivian odiou sua mãe por dizer isso.

Esmé não viu a raiva de Vivian; ela estava distraidamente movendo as fotos pelo tapete como se ela pudesse ler o futuro nela como em cartas de Tarô. - Talvez Rudy tenha razão. Nós precisamos de um tipo diferente de líder agora. Um que não hesite em machucar se ele precisar, pelo bem de todos.

Ela esticou um dedo trêmulo e tocou os dedos de um rosto que estaria em qualquer lugar agora, sempre, exceto em um quadrado de papel Kodak.

- Mas no seu tempo, ela sussurrou, - ah, ele foi o melhor.

Os ombros de Esmé levantaram com soluçoSimp-

tentes e a raiva de Vivian murchou. Ela colocou seus braços ao redor de sua mãe, enterrou seu rosto no cabelo de Esmé, e chorou com ele em um dueto dissonante. Esmé agarrou-se a ela.

Não havia nada que elas pudessem fazer. Ele se fora e o mundo era uma paisagem alienígena.

- Vamos sair, Esmé disse abruptamente, passando as costas da mão por seus olhos.

- Vamos nos animar. Ela agarrou Vivian pelos ombros, então plantou um beijo rápido no nariz de sua filha. - Nós vamos nos levar para jantar. Nós merecemos. Ela ficou de pé. Vivian, momentaneamente confusa pela mudança de humor de sua mãe, não respo ndeu.

- Vamos no Tooley's e vamos ver se alguém do bando está lá, Esmé disse. - Mas eu só tenho dinheiro para hambúrgueres.

- Eu não posso ir, Vivian disse. - Eu sou menor de idade.

- Bobagem, Esmé insistiu. - Contanto que você não beba, ninguém vai te jogar para fora.

Especialmente já que você definitivamente vai me-lhorar a decoração. Esmé sorriu orgulhosamente para sua filha. - Você se parece exatamente como eu.

Vivian não pode evitar rir. Esmé voltara ao seu velho eu arrogante. Talvez seria engraçado.

Talvez ela gostasse da selvageria e da provocação no bar local. Talvez ela gostasse da sensação de sua palma contra as bochechas de algum tolo novato que simplesmente ficaria de boa. - C laro, mãe.

Vamos botar pra quebrar.

- Está combinado, Esmé disse. - Agora eu tenho que lavar meu rosto. Eu sei que devo parecer uma merda.

Na porta, ela parou e virou-se para Vivian. Havia um ligeiro tremor em seu lábio inferior.

- Obrigada, minha preciosa, ela disse.

Havia um amontoado de pessoas entre as mesas e cabines no Tooley's; alguns motoqueiros estavam no bar, e quatro homens reuniam-se em volta da grande tela de televisão assistindo os Orioles perdendo. Nada do bando, Vivian pensou até que elas foram cumprimentadas por um uivo entusiasmado de uma sombria cabine do canto.

- Cuidado, Bucky, Esmé avisou, mão no quadril, mas Vivian sabia que ela teria ficado decepcionada se ele não tivesse notado.

- Você num tá trabalhando hoje a noite, rosnou o dono, Terry O'Toole, de trás do bar.

- Que tá fazendo aqui?

- Não consigo me separar de você, doçura, Esmé disse, e deslizou ah tão doce e furtivamente em uma cadeira.

Vivian viu Tooley corar ligeiramente, e viu o tremor de satisfação em seus lábios. - Ela num vai bebe, ele retrucou, apontando para Vivian com um pano de prato.

Vivian deu de ombros. - Eu não. Ela sentou-se com sua mãe e cruzou suas pernas de um jeito que sabia que as faria parecer ter um quilômetro de distância.

- Eu sei que você tem menos que vinte e um, Tooley acrescentou, como se alguém tivesse discutido com ele, e ele começou a polir as manchas de água de um copo que ninguém olharia perto demais de qualquer jeito.

- O i, Brenda, Esmé disse para a garçonete que apareceu. - Nós gostaríamos de dois gorduras num pão com todos os acompanhamentos. Um chope para mim e um Shirley Temple para o meu bebê.

- Na verdade uma Coca, Vivian disse. Brenda piscou. - Quer que eu batize ela?

Vivian balançou sua cabeça. - Nem. A velhinha precisa manter seu trabalho.

- Velhinha! Esmé gritou, e Brenda foi embora rindo.

Não foi até elas estarem limpando as migalhas de suas bocas que mais membros do bando chegaram, alguns ainda bocejando das sonecas pós-trabalho, outros prontos para acordar o diabo. Tooley's era o lugar para se ir, o lugar para descobrir onde a festa era.

A maioria dos tipo-lobo veio até a mesa de Vivian e Esmé e as cumprimentou. Não havia um novo líder ainda, e Esmé era a rainha viuva. *E um pedaço de mau caminho, também*, Vivian pensou. Ela podia ver nos olhos dos machos e nos sorrisos apertados de suas companheiras. Uma fêmea a solta era uma criatura perigosa; ela podia desafiar outra cadela por um macho que ela desejava. Alguns

dos olhos dos machos vagaram em Vivian, também, e ela envaideceu-se ao pensar em ser uma ameaça. Ela e Esmé trocaram olhares de compreensão, seus lá-

bios cheios, curvados, e arrogantes, O grupo ao redor da TV estava grande agora, inchado pelos ti-po-lobo. Dois eram machos que tinham corrido com Astrid. Uma celebração aconteceu. O jogo tinha virado.

Vivian notou um par de motoqueiros vagueando na mesa dEles. Eram os mesmos dois da outra noite -

Caveira e seu aliado. *Eles nunca aprendem*, ela pensou.

Antes que os motoqueiros chegassem na mesa Bucky estava lá com dois de seus amigos – companheiros da idade de Esmé ainda em seu apo-geu. Eles se aproximaram, seus punhos apertados para fazer seus bíceps encherem, e eles sorriam com um convite cheio de dentes. Os motoqueiros desviaram e se dirigiram para a saída ao invés.

Não era segredo que machos geralmente ganhavam qualquer briga de bar no Tooley's.

Quando os motoqueiros atingiram a porta ela abriu de supetão e eles partiram afobadamente para seus lados.

Lucien Dafoe entrou tropeçando. Ele estava uma zona. Sangue cobria metade de seu rosto e ainda pingava de um corte em sua testa. Ele agarrava seu braço esquerdo, que balançava inutilmente ao seu lado. A frente de sua camisa estava em farrapos, e o que quer que a tivesse retalhado também tinha retalhado seu peito. Algodão grudava nos ferimentos como papel-machê.

Esmé levantou-se e Vivian com ela, suas garras desembainharam, o coração golpeando. Quem quer que os atacassem, ela estaria pronta. Ao redor da sala o bando ficou de pé.

- Que diabos aconteceu com você, cara? Caveira perguntou. Os outros motoqueiros olhavam boquiabertos pela porta. Ele se encolheu quando um de-mônio rosnante entrou com tudo - Astrid.

- Seu covarde! ela gritou com Lucien. - Seu merda!

Os motoqueiros olharam um para o outro, choque cedendo lugar para risos.

- O que está acontecendo? Tooley ficou em frente ao bar, um cicatrizado e velho taco de beisebol em suas mãos. Um par de clientes regulares foram para trás dele. - Eu não quero vocês causando problemas no meu estabelecimento, Tooley disse.

- Calma, cara, disse Bucky. - Negócios de família.

Ele apontou um dedo para os motoqueiros e eles saíram com pressa.

- Eu vou pegá-los por rirem, Lucien gritou atrás deles. Era mais um choramingo que uma ameaça.

O bando foi atraído ao redor da sala e circulou Astrid e Lucien.

- Vamos, disse Esmé, agarrando o braço de Vivian apertadamente com animação, e elas se juntaram aos outros.

Duas mulheres humanas escaparam com pressa pela porta. Um homem arrastou-se atrás delas, lan-

çando olhares curiosos para trás. Alguns dos outros ao redor do bar pareciam que ficariam felizes em seguir.

- Quem fez isso? Esmé perguntou a todos.

- Quem você acha, sua cuzona? Astrid esgarrou, e Vivian quis bater nela.

- Gabriel, Lucien disse, quase berrando. - Aquele imbecil, Gabriel.

Um zunido arrastou-se no círculo.

Eu sou responsável pelo estado em que ele se encontra? Vivian se perguntou. Ela se sentiu ligeiramente doentia.

- Por que Gabriel faria isso? Bucky exigiu.

- Porque ele está louco com o poder, Astrid disse. -

Ele quer nos forçar a segui-lo. Você ia

querer um líder que nos trataria desse jeito?

Vivian teria concordado com ela em qualquer outra ocasião, mas fora Astrid quem arriscara expôr o bando todo. Isso era pior que ser um valentão. Ela não podia capitânizar uma corrida daquele tamanho nos subúrbios e esperar que ninguém notasse, e se os humanos notassem... Vivian olhou ao redor para os humanos ansiosamente. Aqui era pú-

blico demais. Esmé ecoou seus pensamentos. -

Esse não é o lugar, Astrid.

- Quem liga para o que você pensa, cadela? Astrid respondeu.

- Eu ligo, disse Bucky. Seus olhos estavam estreitos e perigosos, seu rosto recém-barbeado agora estava levemente sombrio. Mais da metade do círculo murmurou em acordo.

Lucien agarrou seu lado, gemeu, e desmoronou no *chão*. Ele ficou sentado lá parecendo vagamente surpreso, uma bolha de sangue no canto de sua boca.

- Um de vocês não vai levá-lo ao hospital? Tooley alertou.

- É, vamos, Vivian concordou. Eles deviam cair fora dali antes que alguém chamasse a polícia. Eles não iriam ao hospital, contudo; eles o levariam até a tia Persia.

Um dos amigos de Bucky colocou suas mãos debaixo das axilas de Lucien e o puxou para cima.

Bucky agarrou as pernas de Lucien. Eles o carregaram até a porta.

A porta onde Gabriel estava parado.

Bucky parou com tudo. - Ei, cara, ele disse silenciosamente.

Gabriel simplesmente assentiu. Ele ficou lá por mais um momento, silencioso e obscuro contra o clarão dos postes de luz do lado de fora. Seus olhos insondáveis captaram as pessoas ao redor da sala, desafiando alguém a provocá-lo.

- Não é saudável se divertir com Astrid agora, ele finalmente disse em seu rosnado subterrâneo. - Eu não aconselharia.

Vivian checou os outros que tinham corrido com Astrid. Seus rostos estavam pálidos e amargos.

Ela quase sentiu pena deles.

E agora? ela pensou, mas quando olhou de volta para a porta, Gabriel tinha ido embora.

13

- Onde você vai, tão bonita? , Esmé perguntou.

- Eu estou indo encontrar o Aiden , Vivian lhe falou.

O sorriso deixou a face de Esmé. Querida, eu sei que você está só para alguém da sua idade, mas eu gostaria que você tivesse cuidado. Se você quer abanar seu rabo, abane para um dos Cinco.

- Os Cinco são idiotas.

- Mas eles são nossos idiotas. Você sabe o que esperar deles.

- Eu sei o que esperar de Aiden. Ela pensou nas carícias suaves dele e seu sonhos mágicos.

- Mas ele nunca a conhecerá, não realmente.

Vivian abriu a boca para falar, mas em seguida a fechou.

Esmé deve ter lido o argumento nos olhos dela. -

Nem mesmo pense em contar a ele sobre você , ela disse. - Isso seria a coisa mais estúpida você já fez na sua vida. Se o Bando descobrisse, você seria expulsa caso viesse a trazer algum perigo ao covil.

Você gostaria de perder todo o mundo que você ama e se preocupa, e ficar sozinha no mundo? E

se o que você fizer conduzir a morte...

Vivian andou para a porta. - Eu não quero um discurso.

- Querida, eu só estou preocupada , Esmé disse. -

Eu sinto arrepios toda vez que vejo aquela prata ao redor seu pescoço.

Os dedos de Vivian voaram ao pentagrama. Ela o tinha usado para todos os encontros desde que Aiden tinha dado a ela.

- Escute , Esmé disse. - Nós estaremos nos mudando logo. A vida voltará ao normal novamente, ela seguiu Vivian ate a porta. - Você terá sua escolha de homens. Você é linda. Não desperdice com alguém que não o pode apreciar.

- O que a faz pensar que ele não pode me apreciar?

Vivian deixou a casa batendo a porta. Era um desses dias cozinhando em vapor quando ar entope a garganta como algodão molhado. *Lua sangrenta*, pensou Vivian. Ela desejou não ter insistido para que Aiden não a pegasse, mas ela quis mantê-lo longe da casa dela. O cheiro quente da calçada queimou o nariz dela; o sol chamuscou o topo da sua cabeça.

Mas a frente, pela Dobb's Córner S tore ela colidiu com Rafe, com dois pacotes de seis cervejas cada, em seus braços.

Ele usava uma camiseta N ine Inch Nails e parte do cabelo dele foi puxado para cima em um topete, ele parecia algum chefe pagão.

- Indo para um evento formal, então? Vivian lhe perguntou.

- Consegui um mel , Rafe disse.

Ela girou os olhos. - E quem é ela quando ela está consciente?

- Você verá , e le disse, rindo.

Não valia o mistério. Ela caminhou contente por ele estar distraído de sua insistente perseguição por ela.

Em tempo, ela alcançou Aiden, a camiseta dele grudada as suas costas e o cabelo molhado na nuca. Ela empurrou os óculos de sol *leopard-splotched* para cima do nariz dela pela milionésima vez. Conforme ela caminhava para a entrada, Aiden veio apressado para fora. Antes que a porta se fe-chasse, ela ouviu o pai dele gritando.

- Não pense você pode fugir disto, meu rapaz.

Aiden agarrou o braço dela. - Venha , ele urgiu, e a arrastou para o carro dele. Excitada pelo aperto firme dele, Vivian abriu a porta e se colocou para dentro. Aiden deu a volta correndo e entrou no assento do motorista.

A porta da frente abriu novamente. O pai de Aiden encheu a entrada, a face dele quase roxa. - Volte aqui, rapaz.

Ele moeu as engrenagens, e eles saíram apesar dos protestos soando do carro velho.

Aiden bateu com um punho no painel. "Maldição!

Vivian saltou. Ela nunca tinha o visto deste modo.

Ela fr iccionou os dentes dela contra o passeio em-purrando e agarrado os lados do assento dela. Ela estava segura que o carro se sacudiria e ficaria aos pedaços, mas ela deixou Aiden extravasar a raiva dele.

Ele analisou uma faixa de entrada do centro comercial, batendo no freio, e então contra a porta. F inalmente ele estacionou em um espaço em frente a uma espalhafatosa fila de lojas dominadas por promoções com cartazes colados por suas vitrines.

- Isso foi algum passeio , Vivian disse.

Aiden a olhou, embaraço nos olhos dele. - Eu sinto muito.

- Então, qual é a história? Vivian perguntou, tentando soar casual, e o dando permissão para mentir se isso o fizesse se sentir seguro.

- Meus pais querem que eu veja um psiquiatra.

As sobrancelhas de Vivian arquearam. - Oh?

- Eles pensam que eu sou estranho.

- Meu querido , ela disse, enquanto alcançava o joelho dele. - Eles ainda não viram estranho.

Ele sorriu e cobriu a mão dela com a sua. - Obrigado.

Vivian não tinha percebido como a raiva dele tinha o deixado tenso até que ela teve a visão do sorriso no rosto dele.

- Então, o quanto estranho eles pensam que você é? ela perguntou, esfregando uma gota de suor do nariz dela.

- Eles pensam que eu sou um Satanista.

- Um o que? Vivian foi divertida.

- Um Satanista. Só porque eu estou interessado no desconhecido. Eu quero dizer, como alguém poderia aprender qualquer coisa se eles não fossem curiosos? Como os cientistas fariam descobertas? Eles são tão pequenos. Eles estão chateados porque eu sou diferente deles. Todos nós temos o direito de ser diferentes, não temos?

Vivian acenou com a cabeça em concordância.

Mas ele realmente percebeu como as pessoas podem ser diferentes, ele quem escreveu sobre trocar a pele para uma pele de animal luxuosa? Ele lhe concederia o direito a ser diferente? - De onde tiraram isto? Ela perguntou.

- Minha tia lhes enviou algum livro estúpido sobre registros de adolescentes que escutam metal pesado e se suicidaram. Isso e um folheto chamado

- Dez Sinais Que Seu Filho Vendeu a Alma dele ao Diabo.

Vivian caiu na gargalhada antes de mesmo que ela pudesse se controlar. - Mas isso é ridículo.

- Eu sei. Eu nem mesmo gosto de metal pesado.

Nem sequer Aiden pôde suprimir um sorriso agora.

- Você sempre me faz sentir bem, Vivian. Você nunca me julga. Você me aceita.

Vivian passou os dedos dela no cabelo dele e puxou os lábios dele para os seus. "Sim", ela sussurrou um momento antes dos lábios deles se encontrarem. Quando ele vai perceber o quão longe ela o aceitaria?

As garras dela fizeram promessas nas costas dele.

O calor de estufa do carro fez o corpo dele maravi-lhosamente pungente. Ela desejou que eles estivessem em algum lugar, em qualquer outro lugar, além do assento dianteiro do carro dele. Devia ela esperar ele sugerir que eles achassem algum lugar excluído? *Ao inferno com a espera*, decidiu ela. *Eu o levarei até o rio.*

- Você não vai entrar? , uma voz perguntou.

Aiden se afastou abruptamente, e Vivian olhou e viu Kelly observando ao lado da janela do motorista.

- Uh, oh sim, Kelly, só um minuto , diss e Aiden.

- Onde? Vivian perguntou, enquanto tentava esconder a irritação dela.

- Para pizza, claro , respondeu Kelly. Ela gesticulou para o Mama Lúcia's P izza bem em frente ao estacionamento deles. O sorriso dela era muito doce.

Vivian fitou por cima do ombro de Aiden. Ela soube que Aiden também se sentia envergonhado para partir agora. *Eu posso matá-la por isto*, ela pensou a Kelly.

Kelly deve ter lido os pensamentos dela. Ela se apoiou para longe do carro. - Vindo?

- Acho que é melhor nós entrarmos , Aiden disse relutantemente.

Dentro, um subconjunto da Ameba se sentou ao redor de duas mesas que tinham sido colocadas juntas, embaixo de ventilador de teto que apenas movia o ar grosso.

- Ei, Vivian , Jem disse. Vivian decidiu que o corte de cabelo dele não era tão ruim desde que você se acostumasse.

Outros chamados a saudações, e Bingo brindou Vivian com a Coca-cola dela.

- Nossa, Vivian! Continua linda! Peter Q uincey exclamou como se estivesse surpreso, e a menina que estava com ele o bateu no braço.

A gangue falou sobre vídeos enquanto comiam, Aiden e Q uince discutiam bobamente sobre algo que tinha acontecido na escola primária anos atrás. A coxa de esquerda de Aiden apertada firmemente contra a coxa direita dela, e ela ansiou para estar só com ele. Ela enrolou o cabelo dela em cima da cabeça, esperando pegar uma brisa no pescoço, do ventilador. Não havia nenhum alívio do calor.

Ela pensou novamente na margem do rio, mas percebeu agora que idéia estúpida isso tinha sido.

Ela não podia estar segura de que os Cinco não estariam rondando por lá.

Eles pararam ao lado de fora da pizzaria depois que comeram, enquanto discutiam que filme eles poderiam ir ver. O céu no oeste era um bravo-vermelho, e o calor não partira com a noite. Um cinema com ar condicionado soou bem a Vivian. Ela os acharia um canto escuro agradável.

Uma motocicleta rugiu na via de acesso e parou em frente a uma loja de auto-peças, na parte de baixo da alameda. Ela o reconheceu imediatamente.

Gabriel, retirando o capacete e silenciando a máquina que rosnava.

Ele a viu, elevou as sobrancelhas ligeiramente, e ficou sentado, enquanto a encarava com um olhar inescrutável na face dele.

Então o que! Ela lhe falou silenciosamente e se virou.

- O que você acha Vivian? Aiden perguntou. " *Killer Death Robots* ou *Sloppy Love History*?"

Antes que ela pudesse responder, viu um olhar de apreensão no rosto de Kelly, e Jem deu um passo para trás. Mãos firmes desceram nos ombros de Vivian.

- Gabriel , ela disse sem virar.

- Oi, bebê , veio a voz estrondosa dele em algum lugar sobre a cabeça dela.

Aiden parecia aborrecido e confuso ao mesmo tempo. - Um amigo de minha mãe , ela lhe falou. -

Tira suas mãos de mim , disse para Gabriel.

Ao invés disso, as mãos dele se apertaram nos ombros dela, e ela sentia a respiração dele na bochecha dela enquanto ele aproximava mais a cabeça dele. - O deixe ir , ele sussurrou na orelha dela. Então a pressão das mãos dele cedeu.

Ela virou e o viu caminhando para a loja de autopeças. *Como ele ousava?*

Houve um silêncio de minutos; então Bingo zumbiu a opinião dela. - Hummmmm. *Buns of Steel*, ab-solutamente.

- O que foi aquilo? , um dos engraçadinhos perguntou meio ofegante.

- Um idiota , Vivian disse, pondo o braço dela ao redor de Aiden.

- Ele não a tem aborrecido, tem? , Q uince perguntou, enquanto fazia um punho.

Vivian foi tocada pela preocupação dele.

- Não, ele só me irrita, ela disse. Q uince não duraria um segundo contra Gabriel.

Aiden apertou o braço de Q uince e o balançou afe-tuosamente. - Vamos caras , ele disse.

- Nós temos um filme para ver.

14

Quando Aiden ligou na noite seguinte ele trouxe no-tícias ruins. "Não conte para ninguém", ele, implorou. "Eles não vão querer que eu fique por baixo, não vão entender. Os caras não crescem.

Oh, sim, pensou Vivian. Para quem eu iria contar?

Ela não se imaginava com os Ameba sem Aiden a levar para sair com eles. - Quanto tempo? ela perguntou.

- Até que eu possa conseguir que minha mãe diga para meu pai que me deixe em paz.

Como ele podia lhes permitir o restringir dessa maneira? Vivian pensou. O que estava errado com ele? Ninguém poderia aprisioná-la. - Isso é terrível, ela disse. - O que você vai fazer?

- Pintar meu quarto, supostamente, ele respondeu.

- Meu pai empilhou uma pirâmide de latas fora de minha porta. Ele disse que vinte e cinco revestimentos deveriam ser suficientes.

- E sobre o trabalho?

- Oh, ele deixou isso com o tempo cronometrado. A voz de Aiden era frágil. - Eu posso ir trabalhar mas se eu chegar em casa cinco minutos atrasado, ele liga para os tribunais para me declarar oficialmente um menor incontrolável.

Vivian não estava certa sobre o que ele quis dizer, mas a ameaça soou terrível. - Ele pode fazer isso?

- Deus sabe, Viv, mas eu não tenho vontade de testá-lo. Eu pensei que ele se - iluminaria quando se aposentou do exército. Grande

chance. Às vezes eu desejo saber se ele não fosse dispensado do Vietnã antes de eu nascer, se eles não enviari-am para casa uma réplica de um robô.

Vivian riu. - Isso lhe faria um cyborg.

"Han?

- Meio o humano, meio robô.

Aiden deixou sair o som de uma risada, mas foi cortado por alguém o chamando ao longe.

- Tenho que ir. Casa dos pais , ele disse, e Vivian se achou segurando uma linha morta.

Vivian estava surpresa quando Bingo apareceu na porta dela aquela noite.

- Pensei que você poderia gostar de alguma companhia agora que seu namorado esta sendo *censu-rado* , Bingo disse.

- Como você soube? Vivian perguntou.

- Eu telefonei para saber o que rolaria a noite e o velho dele me disse", Bingo respondeu.

- Bem, de fato", ela continuou, - o que ele disse foi, Ele não passará nenhum tempo com vocês, estranhos, até que ele conserte seus atos.'

Vivian riu. Ela reconheceu o tom de voz.- Quer entrar? , Agradecida por Esmé estar no

trabalho. Ela poderia confiar em Rudy para ser um cavalheiro.

Bingo colocou a cabeça dela pela porta e deu uma olhada. - Casa limpa , mas eu estou com Jem no carro e uma pilha de vídeos.

"Quer vir a minha casa e assistir uns filmes com pipoca?"

Vivian hesitou. Ela não teria Aiden para se esconder atrás dele. E se ela não soubesse se entrosar?

E se ela fizesse alguma bobagem? *Mas isto é o que você queria sua covarde*, ela disse a si mesma.

Ela ignorou a agitação no estômago dela e acenou com a cabeça. - Sim. Obrigado. Eu adoraria.

- Ali, eu disse a Jem que você viria , Bingo disse triunfante.

Vivian desejou saber por que Jem tinha pensado que ela não iria. - Deixe-me pegar minha bolsa , ela disse.

Os pais de Bingo estavam em casa o que explicou o porquê da Ameba inteira não ter ido.

- Eu lhes falei Que era o dever deles sair, para que assim eu pudesse dar festas selvagens, mas eles não escutaram , Bingo disse enquanto ela nos conduzia escada acima para um quarto pequeno que tinha sido feito especialmente para o uso dela.

A - toca de Bingo , disse Jem, estalando os dedos magros.

- Minha mãe disse que ela entendeu minha necessidade por privacidade, mas ela ficaria danada se eu fosse entreter meninos em meu quarto", Bingo explicou se jogando sobre uma poltrona. "Ponha aquele ali", ela ordenou, jogando um vídeo a Jem que quase derrubou a pipoca, mas obedeceu ser-vilmente. "Como se eu não pudesse fazer as mesmas coisas com que ela esta preocupado aqui", ela disse a Vivian, e piscou.

Vivian começou a pensar ela não precisa preocupar sobre manter o nível de conversação, mas o que sentia Jem sobre a vinda dela

junto? Ficou claro logo, porém, que Bingo e Jem eram somente amigos.

O filme era maravilhoso - totalmente tipo [B18](#) - e Bingo e Jem imediatamente começaram um comentá-

rio sarcástico com o que estava acontecendo. - Ei, 18 Filme B- de baixo orçamento

cara, eu estou tendo um dia de cabelo ruim , Jem disse em um falso como um zumbi com aglomerações de cabelos e miolos bamboleado pela tela.

- Eu posso ser o presidente do Clube de Cabelo para Zumbi , Bingo acrescentou, enquanto parodia-va um comercial de televisão famoso.

- Mas eu também sou um cliente , Jem e Vivian replicaram juntas.

Os três começaram a rir.

- Sua vida é um dia de cabelo ruim , Bingo disse a Jem, e eles gritaram com risadas novamente. Vivian teve que esfregar lágrimas dos olhos dela.

- Você esta certa, menina , Bingo disse, e uma inundação de calor surgiu por Vivian.

Na metade do filme o telefone tocou. Bingo interrompeu o DVD e agarrou o receptor.

"Sim? Ah, oi, Kelly.

Vivian endureceu.

- Ah, estamos assistindo um filme, Bingo disse."Sim? Não. É mesmo? Sim, eu ouvi falar.

Liguei para a casa dele. Sim, novamente. O pai dele é uma real *picada*."

Era óbvio que o assunto era Aiden. Vivian apanhou um dos DVD's e tentou olhar como se ela não estivesse escutando, mas as próximas palavras de Bingo a fizeram olhar em cima de qualquer maneira.

"Bem, por que você não pergunta a ela, Kelly? Ela esta sentada bem aqui, próxima a mim." O tom dela era zombeteiramente doce. "Adeeeus", Bingo disse em resposta a qualquer coisa que Kelly disse ao outro lado da linha, e ela desligou.

"Aquela menina pode ser uma cadela", Bingo disse.

"O que ela disse?" Jem perguntou. Vivian nunca teria perguntado. Ela esperou pela resposta de Bingo cautelosamente.

Bingo arremessou uma mão para cima como se estivesse repetindo as palavras de Kelly.

"Ela era como, 'eu aposto que Vivian não estará saindo este fim de semana', só que ela soou feliz sobre isto, sabe? Ela pensa que você não tem nenhum amigo ou algo assim. "Ela tem ciúmes , Jem disse, enquanto alcançava o controle remoto.

"Ah, cara!" Bingo respondeu, então para Vivian,

"Ela era assim para mim antes de você ter vindo, você sabe. Eu sempre fui amiga do Aiden, só que quando a Sra. Eu- primeiro decidiu reivindicar, de repente eu era o inimigo, e nem mesmo estava competindo.

- Vamos assistir ao filme , Jem disse.

"Aiden é muito doce", Bingo continuou, ignorando Jem. "Ele estava quase tendo alguma coisa com ela, só porque era mais fácil do que

dizer não e ferir os sentimentos dela.

"Ela não é tão ruim", Jem disse, enquanto começa-va o filme novamente. "Homens!" Bingo disse. "Eles pensam com isto." Ela agarrou a virilha dela. Jem riu. "Você é cruel. Bingo fez uma careta¹⁹. "Sim, você ama isto.

Na tela um cientista pôs a cabeça cortada de um zumbi em uma panela e fluiu um nutriente

para sustentar isto. Os lábios do zumbi zigueza-guearam e seus olhos rolaram. "Mmmmmm! o "Aju-dante de Zumbi, Jem disse. "Estoure no forno e cozinhe. Bingo somou a própria interpretação dela.

"Agora, querido, use seu lixo de zumbi. "Boa", Jem concordou alegremente.

19 Fez um ruído com a língua entre os lábios

Vivian se acomodou atrás, nas almofadas. Isto era ótimo. Ela tinha uma aliada. Que poderia imaginar?

Ela estava tendo a maior diversão que ela já tinha tido com qualquer um há tempos, e eles nem mesmo estavam no *Bando*. *Nós podemos ser amigos*, ela pensou. *Não precisa ser eles e nós*.

Mas e se eles a vissem na forma de lobo dela? Eles estariam fugindo rua abaixo como esses adolescentes na televisão.

"P are, espere", ela disse para um zumbi que per-seguiu algumas crianças abaixo uma ruela. "Vamos jogar Scrabble²⁰.

Jem e Bingo se acabaram de rir.

15

20 Scrabble- palavras cruzadas

As árvores no Parque Estadual Gaskill estavam de-coradas com gotas de chuva cristalinas, e trovões ainda ecoavam fortemente no céu. O ar estava com uma espessa neblina que o calor do dia vaporizou da relva na cinzenta luz do crepúsculo.

Figuras cortavam através das árvores e surgiam na clareira- aos pares, sozinhos, em grupos. Vivian os assistia chegar de um tronco caído onde ela se acomodou. Alguns tagarelavam animadamente, em tons excitados, outros entraram silenciosamente. A maioria tinha caminhado uma longa distância após duas horas dirigindo, os seus carros, vans, ou bicicletas foram estacionadas ao longo de estradas solitárias, em clareiras escondidas e pistas esquecidas - em qualquer lugar para não atrair a atenção de um Park Ranger²¹.

21 Guarda florestal

Lucien Dafoe, apoiando-se entre dois amigos, queixava-se em voz alta que ainda estava muito machucado para lutar. Vivian fez cara de desprezo.

Seu povo cicatriza mais rápido que isso.

"Espero que alguém chute o rabo dele", disse Lucien, acenando com a cabeça para Gabriel, que estava rindo com um amigo. "Alguém não tão fresco sobre onde e o que nós podemos caçar."

Gabriel tirou sua camiseta e jogou-a no chão. Seu corpo era esculpido, uma - máquina lubrificada , re-to, retirado de um pôster de filme de ação. Vivian capturou seu cheiro de almíscar na umidade, quente - o cheiro de poder e excitação, misturado com o

cheiro forte de sabão barato. Fez a pele sensível, na parte de trás do pescoço dela se arrepiar. Mas acima, entre os arbustos, estavam Willem, Finn, Gregory e Ulf. Ulf olhava além de seus companheiros, ignorando as gargalhadas e os socos bem-humorados. Seus ombros finos estavam rígidos, seus punhos apertados ao seu lado. Vivian seguiu seu olhar e viu duas figuras enredadas na sombra de um carvalho branco. Se a lógica não a tivesse tocado, ela pensaria que estavam se devorando. A mulher se afastou, rindo, e deixou o homem para trás, seguindo depois dela. Ela entrou na clareira e se revelou sendo Astrid. Era Rafe quem seguia ela, sua boca ainda estava meio aberta e úmida, do toque da língua dela.

Rafe e Astrid! Vivian olhou de volta para Ulf e compreendeu a tensa fúria sobre o seu rosto. *A vadia*, Vivian pensou. Ela não se importa com quem ela machuca. Ulf agora, e Rafe mais tarde, se ela ganhasse as cadelas após a Ordália e ganhasse o direito de reclamar o novo líder como seu companheiro.

"Você viu isso?" Esme sentou ao lado de Vivian no tronco e acenou na direção de Astrid. "Sim", respondeu Vivian. "Ela é velha o suficiente para ser mãe dele."

Os lábios de Esme se contorceram; em seguida, ela tentou ficar séria. "Deus, Mãe, você não aprovar, não é?"

Esme fez careta. "Não. Só pode causar problemas."

Ela parou, voltando a sorrir. "A maioria de nós só fantasia sobre ele."

"Mãe!"

Vivian não teve chance de continuar. Renata se juntou a elas. Seus shorts estavam abertos, e uma penugem de peles cor de caramelo já cobria a barriga dela. "Astrid vai causar sangue entre os cães jovens um dia." Ela limpou o suor de cima do lábio superior com

uma mão estreita com longas, muito longas garras. "Eu vou matar aquela gata de rua se ela prejudica o meu filho."

"Não se preocupe, Rennie," Esme a confortou.

"Gregory é o mais sensato desses tolos." Vivian torceu o nariz. "Isso não é dizer muito."

Esme a cutucou com o cotovelo e Vivian se calou.

"Então," disse Renata à Vivian. "Você vai dançar a *dança das cadelas*? Você já tem idade suficiente".

"Não", Vivian rebateu. Ela não estava prestes a fazer uma exposição de si mesma para ganhar favores de qualquer cretino musculoso que ganhasse.

Esme riu. "Ela não gostaria de magoar sua velha mãe, não é querida? Ela vai me encorajar a ganhar."

Grande chance, Vivian pensou. Mais provável morrer de constrangimento.

Um zumbido de interesse surgiu em torno da clareira. Com o primeiro vislumbre do pálido luar sobre os topos das árvores, Orlando Griffin chegou e com ele Rudy. Eles agiriam como árbitros esta noite, para ver que a Lei foi cumprida. O Bando se reuniu em torno deles para esperar a palavra de Orlando. Vivian, Esme, e Renata se juntaram aos outros.

Vivian notou alguns rostos estranhos. *Palavra da Ordália*, Rudy disse. Alguns lobos solitários sempre aparecem. Um deles era grande e mal- encarado loiro com uma cicatriz em sua bochecha. Ela se perguntou se ele era suficientemente forte para enfrentar Gabriel.

O acompanhante do loiro, um homem magro, parecia mais interessado em capturar o olhar da Esme, do que na própria competição em si. Ele tinha um sorriso atrevido e Esme fez um caloroso som gutural de interesse. Quando ela não deu as costas para ele, ele se aproximou e se apresentou como Tomas. Ele disse risonho para Esme "cair na real"

quando ela perguntou se ele estava indo se juntar a eles.

"Tenho muito carinho pela minha bunda magra para me arriscar lutando com esses brutos", disse ele.

"Eu não quero liderar um Bando. Prefiro caçar sozinho. Exceções podem ser feitas, no entanto, acrescentou ele, piscando para Esme.

- O cínico", Esme disse depois que ele saiu para falar com Orlando sobre ajudar o árbitro, mas ela se contorceu com prazer.

Orlando levantou os braços e os últimos ruídos de-sapareceram. "Eu vou recitar a Lei", disse ele.

"Quando um líder morre pelos dentes de um lobo, então, o desafiante lidera o Bando. Quando um lí-

der morre por obra do destino, em seguida, a Or-dália é chamada, pois somente o mais forte e mais rápido pode liderar. Todos os adultos dispostos podem permanecer e lutar, e lutar irão, enquanto permanecerem. Mas quando a primeira gota do seu sangue é derramada, o lutador tem de se manter à parte. O último par tem que lutar até a morte, se nenhum deles se render antes disso. Assim fala a Lei.

"Irmãos, mos trem seu respeito pela Lua".

Os machos começaram a se separar da multidão, tirando as camisas, abrindo os zippers, mas a sua migração foi interrompida por uma outra voz.

"E irmãs", disse Astrid. Ela marchou até Orlando, e Vivian estava indignada e encantada ao mesmo tempo.

"Você esta enganada", disse Orlando educadamente.

"Eu não estou enganada," ela insistiu. "Recite a Lei de novo, velho. Todos os adultos dispostos a permanecer e lutar. Onde é que ela diz que as fêmeas

meas estão excluídas?"

"É tradição," Orlando rosnou, e o poder de sua juventude queimou nos olhos dele. "Nenhuma mulher vai lutar. Este não é um jogo, Astrid. O primeiro sangue também pode ser o sangue da vida, especialmente quando o seu adversário tem o dobro do seu tamanho."

Astrid inchou indignada, preparando-se para cuspir seu próximo argumento, mas Vivian nunca descobriu o que era, porque Gabriel disse.

"Deixa ela".

"O quê?" Vivian arfou, em conjunto com o murmúrio de espanto que passou por todos ao redor.

A mandíbula de Orlando caiu de surpresa, e um sorriso de triunfo fez o rosto de Astrid parecer diabólico.

"Ela está certa", explicou Gabriel. "A Palavra da Lei não elimina as fêmeas, embora a tradição exista por um bom motivo. Mas a ousada senhorita Astrid é bem-vinda para uma demonstração prática do por quê.

Vivian podia ver no rosto de Astrid a confusão entre o orgulho em ser chamada de ousada, e a raiva pela dispensa de Gabriel "Ela não

tem chance de ganhar", disse Vivian para a mãe. "Porque é que ela está fazendo isso?"

"Eu aposto que posso adivinhar", sussurrou Esme.

"Ela pensa que se ela puder derrubar alguns machos, que ela já terá o comando sobre nós. Isso vai ser uma demonstração de força muito mais im-pressionante do que bater em umas fracas cadelas.

Gabriel olhou firmemente para Orlando, à espera de sua decisão. Orlando finalmente falou. "Alguém se opõe?"

As pessoas olharam umas para as outras, mas ninguém respondeu. Orlando balançou a cabeça, com um certo pesar. "Assim seja", disse ele.

Houve uma perturbação do outro lado do círculo de Vivian. Rafe saiu a frente, o resto do Cinco atrás dele. "E quanto a nós, então?"

A expressão de Orlando cresceu trovejante. "Será que você disputa a palavra de um adulto agora?" ele perguntou.

"Sim", respondeu Rafe, prendendo seus polegares em seu cinto.

Os olhos de Ulf passaram ao redor do círculo nervosamente; os outros meninos brilhavam com o desafio.

"Ter tesão não o torna um adulto, menino", disse Gabriel, e alguns dos homens riram.

Orlando acenou- lhes calma. "A Lei é específica nes-te sentido, Rafael. Osso e carne, carne e osso, um homem leva tempo para crescer. Dois- cinco- dois (252) é o número de luas que leva para um homem crescer. Até então, ele não é o adversário de um homem, e um homem não pode obrigá-lo a lutar."

"Isso é vinte e um anos para vocês estudantes lentos", salientou Bucky. Finn deu- lhe dedo.

"Como eu sei que você não inventou isso?" Rafe disse para Orlando. Um rosar coletivo subiu ao redor do círculo. Ulf encolheu-se.

"A voz da lei nunca mente", a Iguém gritou.

"Desista," alguém gritou, e outros tomaram os gritos até Orlando levantar os braços novamente.

Sharp, um velho com luzes prateadas cravadas em seu rosto enrugado, disse em uma expressão sombria e antiga como se tivesse a lua em si. "Esta é a lei, você obedecerá ou morrerá."

Os machos moveram-se silenciosamente através da multidão para os Cinco, circulando-os. Ulf olhou de um lado a outro, seus dentes trincando em pãni-co. O sorriso afetado deixou o rosto de Gregory e Finn. Vivian então não pôde ver mais nada além de costas largas e ombros que obscureciam sua vi-são.

"Vamos, Rafe", ela ouviu a voz de Gregory pedir. "O
utra hora, ok?"

"Sim", Willem se juntou a ele "Vamos ter outras chances."

Houve silêncio por um minuto.

Finalmente Vivian ouviu fa lar Rafe. "Vai se fuder!".

Foi uma maldição de derrota.

A urgência do muro de machos relaxou, e Vivian pegou um vislumbre dos Cinco passando através da multidão.

Gabriel bateu nas costas de Bucky e disse algo que o fez rir. Os homens voltaram- se para sair do círculo, como se isso fosse uma

pista. Bucky passou de uma piada para outra.

Quando Raul passou por sua esposa, Magda, ele agarrou-a e beijou-a profundamente. Um grito agudo fez Vivian se virar para sua direita e ver Rolf e Renata em um abraço semelhante. Esme encarou o solo, e Vivian sabia que ela desejava alguém para beijar e desejar sorte.

"Vamos", sussurrou Vivian, puxando a mãe pela camiseta.

Quando eles chegaram à beira da clareira, Esme puxou sua camisa sobre a cabeça dela. Vivian arrancou sua própria blusa e os shorts deslizaram do corpo dela. Em nenhum momento elas ficaram completamente nuas, como os outros que se reuniram em um semicírculo de frente para a clareira.

Os combatentes alinharam-se no centro da clareira, as costas para a multidão, os seus rostos para a lua crescente. Astrid, de pé ao final da fila, parecia absurdamente pequena ao lado dos outros, como uma criança imitando seus anciãos. Havia dezesseis machos em linha, e alguns deles eram desconhecidos de costas. Não havia como confundir Gabriel, no entanto. Ele era meia cabeça mais alto que o mais alto deles, e só o loiro recém chegado se aproximava da largura dos seus ombros.

Esme estava jogando quem é quem. "Aquele é Jean ao lado de Raul," ela disse a Renata. "Eu re-conheceria aque la bunda pequena em qualquer lugar."

Renata segurou o riso. "S hhh!"

Por um momento, apenas o ranger e o barulho de insetos encheram o ar. Então um murmúrio come-

çou na floresta em volta da clareira, sob a lua crescente.

Foi se aproximando, mais e mais, e com ele um grunhido. Uma pálida figura tomou forma na escuridão, e se mostrou ser Pérsia Devereux vestida em vestes prata. Em suas mãos ela levava uma tigela de prata, tão madura e tão cheia como a lua. Ela cantou uma canção que gemia macio como o pulsar do coração da besta. Tia Pérsia estava longe, mas a música chegava aos ouvidos de Vivian. Ela a influenciava.

A velha mulher ofereceu a cada lutador a tigela.

"Beba da Lua", disse ela. E conforme ela passava para o próximo, as costas forravam-se, os membros se torciam, orelhas brotavam tufo de pelos.

Vivian sentiu a resposta em sua coluna - dor aguda, dor-doce- e uma corrida de sangue quente, em suas veias que varreu a suas mãos e pés, fazendo suas unhas explodirem e crescerem.

Tia Pérsia chegou a Astrid por último. A mulher solitária já estava com a pele de um vermelho desbotado, embora ela ainda tivesse dedos para segurar, ela lambeu da tigela com o seu focinho como uma Deusa egípcia se alimentando. Assim que Astrid levantou a cabeça, uma parte do líquido negro escorreu sobre o seu lábio, Tia Pérsia gritou uma gutural palavra em uma língua antiga e jogou a tigela sobre cabeça dela.

Vivian uivou respondendo a palavra que ela tinha aprendido como um filhote.

Ela esperou que o centro explodisse, mas os machos intensificaram as voltas como se dançassem para uma bem conhecida canção, e Gabriel abateu a linha, as pernas dele desenvolvendo-se. Ele curvou-se e esticado o braço, ele socou uma vez, duas vezes. "Primeiro sangue", ele rosnou em tons de oco o eco da sua cavidade bucal mudando.

Astrid cambaleou e em seu focinho, pingos vermelhos, saiam do rosto da mulher em choque. "Merda!" Ela gritou com lábios humanos e, em seguida, completou a mudança buscando pela garganta dele. Ele se jogou a seu lado desvencilhando-se.

Rudy e o magro estranho, sem ter feito a mudan-

ça, correram para recuperá-la e tentaram arrastá-la do campo de combate. Ela escapou de suas garras, lacrimejando ao lado de Rudy. Outro macho pulou em cima dela e ela rasgou sua garganta, enviando-lhe um grito de surpresa de volta. Os outros machos a observaram rosnando em desafio, inseguros sobre o que fazer, até que Gabriel a agarrou e atirou-lhe mais uma vez mais no chão, e seja lá o que for que ele gritava em seu ouvido enquanto ele a derrubava, a fez desmoronar. Ele se levantou e foi até ela, mostrando seus dentes caninos longos, enquanto ela rolava em suas costas e mostrava sua barriga, os olhos estreitos com raiva.

Quando ele andou alguns passos, ela se esquivou, saindo da clareira, ficando a alguns metros de onde estavam as outras mulheres.

Vivian, tal como o resto, assistiu Astrid ir rosnando.

Ela sabia que se Astrid tomasse uma decisão errada iriam ser todos contra ela. Astrid sabia também.

Ela fingiu aceitar a derrota com as patas sobre o seu nariz, mas uma crista de pele abaixo na sua coluna ainda estava eriçada.

Um gemido cortou a noite.

Vivian girou para ver um velho lobo, uma criatura-cinzenta venerando a lua, uma pilha de vestes pratas em seus pés.

Os machos, todos em suas peles, responderam –

profundos latidos.

Em seguida, a clareira eclodiu em uma borbulhante, e confusa massa de pelos.

16

Quatro machos foram eliminados antes que Vivian pudesse ao menos piscar duas vezes. Cuspidos do redemoinho de pelo, eles tropeçaram ziguezagueantemente para rotas separadas para as laterais com costelas sangrentas. Um arrastava uma perna danificada. Outro brotou do retumbado e fugiu para a floresta, com o rabo entre as pernas.

Rudy e Tomas, ainda apenas parcialmente transformados, mergulharam para arrastar um estranho malhado de debaixo de garras briguentas. O estranho ficou deitado imóvel debaixo dos arbustos, mas ele ficou em pelo, então ele ainda estava vivo.

O restante teceu um intrincado nó céltico. O objetivo era ferir e não ser tocado. Ser ferido seria ser desqualificado. Mandíbulas estralaram, patas dan-

çaram, corpos dispararam, então rolaram para o lado.

Vivian notou os irmãos, Raul e Rolf, em lados opostos da briga. Eles se evitaram se conseguissem. Bucky não tinha tais escrúpulos em relação aos dois companheiros com que ele geralmente andava. Ele simulou um ataque em um, então desviou e afundou seus dentes na garganta do outro. Gabriel pegou o primeiro de surpresa quando ele desviou do ataque falso de Bucky, e rasgou um buraco em seu ombro; então Gabriel virou suas presas de volta para o estranho loiro, que se retraiu rapidamente.

Bucky derrotou seu oponente. Eles rolaram, uma massa rosnante de pelo e espuma, mas Bucky manteve seu controle, forçando seus dentes pela grossa pele. Ele deve ter sentido gosto de sangue, porque ele soltou seu aperto, arrastou-se nas quatro patas, e

ergueu seu focinho em um breve rosnado triunfante. Vivian se encontrou rosnando, também. Ela o engoliu com surpresa.

Bucky girou para proteger suas costas. Não era sábio saborear a vitória por muito tempo. Seu amigo derrotado escapou pela beirada da clareira, sua barriga próxima ao chão.

No centro, Gabriel e o estranho loiro se circularam cautelosamente, seus pelos eriçados e seus dentes expostos. Rolf avançou lentamente sobre eles, tendo como objetivo um cinza que estava momentaneamente solto, suas laterais elevadas.

Isso fora um erro.

O loiro disparou, atacou brutalmente o nariz de Rolf, virou-se de volta para Gabriel com uma pulsa-

ção raivosa.

Enquanto isso, alguém pegou Raul; Vivian não sabia quem, mas ela viu Jean esconder o cinza, que só tinha chegado tão longe por pura sorte.

Gabriel e o loiro ainda se circulavam com um andar duro. Seus lábios estavam enrugados em máscaras e ódio; seus músculos tremiam com o estresse da restrição. Gabriel atacou, errou, cambaleou, e estava de volta nas quatro patas antes que os dentes do loiro atingissem o ar.

Bucky reuniu dois outros estranhos como ovelhas.

Jean se juntou à ele. Eles não tiveram muito trabalho com o par desconhecido, e o coração de Vivian golpeou com a beleza de sua simetria feroz.

Então eles tinham somente um ao outro a quem re-correr.

Eles se confrontaram diretamente, suas mandíbulas apartados por risos. Bucky deu uma olhada em Gabriel e no loiro, e então de volta para Jean. Ele inclinou sua cabeça e Vivian sabia que ele dissera,

- Somos só nós, colega, a não ser que você queira se meter entre *eles?*

Jean deliberadamente levantou sua perna e jogou um pequeno jorro de urina na direção deles. A mensagem era clara: - Tô me mijando de medo²².

Vivian sorriu para a provocação, sua boca aberta exibindo os dentes.

²² a expressão original é 'piss on that', que é algo como 'bata com força/prá valer'.

Eles se separaram, viraram, pegaram velocidade; eles saltaram e se encontraram suspensos no ar.

Bucky bateu em Jean obliquamente e caiu sentado de pernas abertas em cima dele. *Agora uma mordida rápida*, Vivian pensou, *e Jean estará fora.*

Mas Jean partiu para a garganta de Bucky. Bucky deu um solavanco. Ele perdeu a estabilidade e o riso deixou seus olhos. Jean tentou livrar-se enquanto Bucky estava com a guarda baixa, mas Bucky encontrou a barriga de Jean debaixo de seu queixo. Ele enterrou seus dentes no estômago de Jean. Jean gritou. Foi aquele som ou o cheiro de sangue, mas Bucky enlouqueceu. Ele rasgou e rasgou e rasgou, enquanto Jean berrava.

Vivian cambaleou com choque enquanto as tripas de Jean se espalhavam no chão. *Mas eles estavam rindo*, ela pensou. Ela procurou ao redor por al-guém para fazer Bucky parar, mas eram todos estranhos para ela, com espuma em seus lábios e as línguas estendendo -se, perdidos na matança, encorajando Bucky a

continuar. Os olhos deles roubaram a lua prateada e a deixaram vermelha.

Um arrepio passou por ela, apesar do ar quente e ácido. Gabriel e o loiro circularam o par no chão com suas caudas erguidas. O loiro choramingou e deu mordidinhas com seus dentes como ele se desejasse se juntar, mas Gabriel torceu seu nariz para o cheiro de carnificina e rosnou. Era seu direito de matar, seu ou do loiro, não de Bucky. Ele arrastou Bucky para fora por sua nuca e o jogou de lado.

O loiro disparou. Ele pegou a garganta de Bucky com sua mandíbula e o chacoalhou violentamente.

Vivian viu surpresa nos olhos de Bucky. *Ele vai morrer*, ela pensou. Mas Gabriel pulou no loiro por trás, e o loiro soltou-o com um uivo. Bucky caiu em cima do corpo de Jean e se esparramou na terra encharcada com sangue. Jean estremeceu em sua

forma humana. Ele debateu-se, então ficou deitado parado - imóvel, uma carne arui nada.

O loiro virou-se para Gabriel, os dentes expostos.

Ele não iria ceder. Ninguém pensara que ele cederia. Haveria outra morte antes que a noite terminasse.

Eles foram de encontro um ao outro como pelos ro-lantes e raivosos, se separaram, então se encontraram novamente, os ferimentos abrindo em suas peles como se eles fossem frutas maduras explodindo. Vivian não ligava para quem vencesse. Ela não queria assistir mas não conseguia parar. Por que eles tinham que transformar sua beleza em algo odioso? Que tipo de pessoas eles eram se matavam seus amigos? Que tipo de pessoas convidavam estranhos para um ritual de morte? O

prazer de correr e a doce, doce noite não eram o bastante?

O fim veio repentinamente, bem quando ela achou que a luta continuaria eternamente enquanto ela era reduzida a cinzas pela vergonha.

Gabriel agarrou firmemente um punhado de pelos grossos do loiro e saltou por suas costas, e a cabe-

ça do loiro se virou de modo impossível. Vivian escutou um estalo. Os olhos do loiro se projetaram.

Ele ficou imóvel. Gabriel soltou, e então o loiro caiu no chão, sua cabeça reclinando. Uma gota de sangue correu de seus lábios. Como era fácil, como matar uma galinha para o jantar de domingo. Repulsa contorceu como uma enguia no estômago de Vivian e finalmente ela conseguiu fechar seus olhos.

Ela ficou de pé silenciosamente enquanto os nos-nados aumentavam ao redor dela, mas ela não conseguiu ocultá-los – o latido trovejante de Gabriel; o sino rachado e fúnebre de Orlando; o tenor espiralado de Rolf e Raul. A canção era triunfante, faminta, apaixonada. O soprano de sua mãe subia a alturas escandalosas, e os jovens a imitavam, seus assobios agudos rapidamente ficando rouco.

Até mesmo os Cinco estavam de volta, suas vozes malvadas e ásperas. O bando chegou mais per-to para sentir pelo no pelo. O cheiro de sexo estava a toda volta. Crias seriam paridas hoje à noite. Vivian colocou seu rabo entre suas pernas.

Então Esmé gritou e os olhos de Vivian abriram-se de supetão.

Esmé girava em círculos como um filhote perseguindo sua cauda. Ela bateu em suas costas quando Astrid sentou de pernas abertas em cima dela, o focinho enterrado na juba de Esmé.

Vivian encontrou sua voz e uivou uma reclamação, procurando em rosto atrás de rosto por um sinal de ajuda, mas os outros se

afastaram e formaram um círculo. Raiva tomou-a. O pelo se eriçou no final de sua espinha e na parte detrás de suas pernas. Essa era a fêmea que tinha acasalado com o líder deles, tinha sido uma rainha, e eles a deixaram ser encurralada por aquela cadela vermelha traidora. Astrid a rodopiava como um touro de rodeios e eles não levantaram um dedo ou garra para ajudá-la.

Astrid mudou seu aperto e Esmé berrou.

Suspensa no ar, Vivian se perguntou quem tinha controle sobre seu corpo. Ela acertou Astrid dura-mente, mas a cadela vermelha continuou com seu aperto e derrubou Esmé também. Vivian foi balan-

çada com um estrondo de dentro. Esses rosnados eram dela? Tudo que ela conseguia ver era o focinho agarrando o pescoço de sua mãe e os olhos amarelos de Astrid. Vivian foi direto para o rosto.

O focinho de Astrid ficou manchado com sangue. E

ainda assim ela continuou. Vivian se empurrou entre Astrid e Esmé para forçá-las para longe uma da outra. E ainda assim Astrid continuou. Vivian fixou sua mandíbula no focinho de Astrid e chutou suas pernas. E ainda assim Astrid continuou, seus olhos amarelos zombeteiros. Debaxo delas Esmé chora-mingava, então se engasgou e arfou.

Sua traqueia, Vivian pensou. Está fechando.

Vivian pranteou. Ela atacou a alma maligna que ameaçava sua mãe – o mal que ria com rancor em seus olhos amarelos. Levou sete golpes para acertar o ângulo perfeito: Seus golpes fracassados acertaram ossos protetores, então um canino enterrou-se numa superfície dócil, que ficou imóvel por um segundo, então estourou como uma uva amarela. Astrid soltou.

Ela rolou para longe, gritando para acordar os mortos.

Vivian não deu uma trégua. Ela não podia confiar em Astrid. E se a cadela estivesse fingindo? Ela intimidou fortemente a fêmea choramingona, e como fora previsto Astrid ergueu-se mostrando seus dentes e garras. A fúria de Astrid não fez bem algum à ela. Ela não estava tão forte. Ela não estava tão rá-

vida. Vivian nunca sentira tanto poder antes. Cantava por ela. Ela conseguia rasgar a pele do lobo na lua, mas ela ficou satisfeita por rasgar da de Astrid ao invés. Ela conseguia saltar sobre ela, ela conseguia rolar sobre ela, ela conseguia comê-la centímetro por centímetro, e o terror crescendo no olho restante de Astrid a encorajava a continuar. Ela fez um ferimento no flanco de Astrid, a fez ir para esquerda e direita, então circulou-a, fazendo-a dançar uma apertada pirueta tonteante.

A cadela vermelha arfou por ar, e a sujeira grudada em seu rosto gotejava preto na luz da lua. Ela estava fraca, ela tinha perdido, Vivian queria matá-la só por isso.

Ao redor dela, um por um, o bando levantou um uivo. Ficou mais alto, e mais alto, até que chegou até as estrelas. Vivian balançou sua cabeça. Ela desejou que eles parassem. Por que eles tinham que fazer essa algazarra agora? Ela se agachou para saltar.

Então um corpo ficou no caminho, então outro, e outro. Ela estava dentro de um círculo de lobas em movimento. Ela girou para esse lado, para aquele lado, perplexa. Elas circularam ela como se jogassem um jogo de criança – tia persia, Jenny, Renata, Magda, Minerva, Odessa, Sybil, Flávia, mais e mais e mais. Ela queria pular sobre suas cabeças e pegar Astrid, mas agora ela não conseguia se lembrar para que lado ir.

Então elas pararam.

Além delas Vivian conseguia ver os machos, parados tão silenciosamente quanto. Todos os olhos estavam nela. *O que eles querem comigo?* ela pensou, e o temor lentamente substituiu a

raiva. Ela desejava fugir, mas estava presa na noite grossa e translúcida como uma mosca em âmbar.

Eu fiz algo horrível, ela decidiu. Eu arruinei a Ordá-

lia. Seu coração contraiu-se com medo. Como eles puniriam isso? Mas ela ergueu sua cabeça e os desafiou com seus olhos. Eu defendi os meus semelhantes quanto vocês não o fizeram, ela pensou.

Ainda assim o sangue em sua língua tinha um gosto amargo. Ela era tão má quanto eles. Estava dentro dela também – a sede de sangue, a necessidade de matar. E onde estava Esmé, de qualquer jeito? Morta na turfa molhada, sem dúvida. *Talvez eu mereça o que quer que eles adotam como justi-*

ça. Ela bateu suas patas dianteiras. Façam o seu pior, ela pensou.

Mas a bravata não a impediu de contrair-se quando tia Persia deu um passo para dentro do círculo. A próxima coisa que aconteceu foi embaraçosa. Tia Persia se agachou no chão, suas orelhas achatadas. Ela rolou de costas e apresentou sua barriga.

O que ela está fazendo? Vivian pensou em choque. Então uma por uma as outras fêmeas seguiram o exemplo de Persia, apresentando suas barrigas, expondo suas gargantas, prestando homenagem.

Ah, não. Ah, não. Vivian olhou ao redor com confusão frenética. Isso é algum tipo de pesadelo? *Não sou eu, ela queria gritar. Eu não sou rainha alguma.*

O que tinha acontecido com a cerimônia? Ela pensara que a dança das cadelas começaria com algum rito formal, não um ataque traiçoeiro. Ela não planejara fazer parte dele. Mas uma fêmea depois de seus dezesseis contava como adulta. Ela agachou em horror e enterrou seu nariz entre suas patas.

Isso não podia estar certo. Ninguém mais tinha lutado. E quanto às outras fêmeas?

Rapidamente ela as catalogou – velhas demais, jovens demais, já acasaladas, frágeis demais. Ela nunca parara para pensar antes, ela estivera tão de-terminada a evitar a competição, mas quando nenhuma fêmea estranha chegara houvera apenas três possíveis competidoras.

Uma língua sua ve lambeu seu nariz, e com ela fluiu o doce hálito familiar que a fazia pensar em comida quente e camas aconchegantes. Um focinho cutucou o seu. Ela abriu seus olhos. Esmé. A salvo. O desalento esquecido por um momento, ela ficou de pé e empinou alguns passos animados.

Mas Esmé deu um passo para o lado, o círculo partido, e na direção de Vivian, pelo bando esperançoso, marchou Gabriel, seus músculos insinuantes ondulando, seu pelo escuro revestido pelas estrelas.

Vivian congelou. Sua felicidade pela segurança de sua mãe esvaiou. Ela tinha acidentalmente se no-meada a parceira de Gabriel.

Ele ficou de pé perante ela, sua mandíbula separada por um sorriso mostrando os dentes.

Ela encarou seus olhos azuis-gelo enquanto ele esperava ela admitir seu domínio.

Um rosnado suave ergueu-se na garganta dela.

Nunca, ela pensou. *Você não me fará* oferecer a minha barriga. Eu não o escolho conscientemente.

Ele sorriu ainda mais amplamente pela desacato dela e lambeu seus lábios.

Ele saborearia o desafio, não? Bem, para coroar uma rainha você deve pegá-la primeiro.

Ela saltou por ele pelo corredor que ele já tinha aberto, pelo túnel de pelo e para a floresta.

Ela correu como o Lobo do Norte feito de estrelas no céu, que com um longo passo saltou pelo topo da Terra. As gramas Que ela esmagava deixaram o ar pungente com liberdade. Mas atrás dela ela ouviu o trovejar da perseguição de Gabriel.

17

Vivian subiu nua pela janela do quarto caindo em sua cama. Ela tinha mudado para sua forma humana no meio dos arbustos do quintal antes de escalar o cano de escoamento para o alpendre do telhado. Apenas um brilho rosado tingia o céu no oeste. Ela esperava que os vizinhos, não levantassem cedo de suas camas.

Parecia uma eternidade desde que ela correria para a Ordália. Ela deve ter voado como o vento para perder Gabriel, mas ela não tinha parado para pegar fôlego até que os sons da perseguição dele tivessem silenciado. Ela tinha se escondido em uma caverna perto de uma crista rochosa até que ela tivesse certeza que Gabriel não a havia rastreado e, depois, tinha ido para casa. Ela nunca correu para tão longe assim antes. A viagem tinha tomado a noite toda.

As palmas das mãos e plantas dos pés dela estavam sangrentas, e seu corpo doía. Delicadamente ela se limpou no banheiro e entrou no chuveiro.

Ela deixou a água bem quente correr encharcando seu corpo, seu rosto e os cabelos, como se estivesse tentando lavar as últimas doze horas para longe. *Como eu pude fazer isso com Astrid?*, ela se perguntava, mais e mais.

Esme e Rudy ainda não haviam chegado em casa, mas não deviam estar muito atrás dela, ela tinha certeza. Após a celebração, eles teriam que ficar tempo o suficiente para enterrar os mortos em um local isolado, então eram conduzidos de volta. Ela ligou o ar condicionado em sua outra janela e trancou sua porta. *Como eles podiam deixá-la se comportar desse jeito? Como poderiam realmente aprovar?*

Ela puxou o lençol sobre a cabeça dela, mas não conseguia dormir. Ela seria realmente obrigada a se tornar parceira do Gabriel, ou ganhar a sua primeira luta apenas - dava a preferência , por assim dizer? Será que ela poderia delegar o papel? Talvez ela pudesse nomear Astrid. Ela sorriu meio histérica.

Lua Sangrenta, porque Gabriel a quer?

Agora, que ele é líder do Bando, mesmo algumas das cadelas comprometidas acasalariam atrás dos arbustos com ele. Ele poderia ir para uma das outras comunidades e facilmente voltaria com uma esposa.

Vivian abriu os olhos rápido, com entusiasmo. Isso seria o que ela iria sugerir. Certamente o Bando não aceitaria o seu acasalamento contra sua vontade, aceitariam? Ela relaxou e seus olhos fecharam novamente. Sono envolvendo-a.

Quando Vivian acordou estava escuro lá fora. A casa estava silenciosa. Ela tinha dormido o dia inteiro. Ela lembrava vagamente de despertar muito cedo, quando alguém deu pancadinhas na maçaneta.

Deve ter sido a voz da Esme que ela tinha ouvido chamar seu nome. *Vou levantar-me em um minuto*, disse ela, então rolou para o lado, caindo na in-consciência.

A próxima vez que ela abriu os olhos era de manhã, e houve uma insistente batida na porta de seu quarto.

"O quê?" Ela respondeu irritada. "Está de pé?" Es-me perguntou. "Não."

"Temos que conversar." "Não, não temos."

"O Iha, está tudo bem", disse Esme. "Você está envergonhada por ter fugido. Todos compreendem."

Você ficou desnorтеada com o que aconteceu.

Você é jovem. Você está acostumada a meninos.

Um homem é um assunto completamente diferente. Mas você é mulher suficiente para lidar com ele, eu sei que você é querida. Você é minha garota."

Cara, será que ela entendeu mal a história? , Vivian pensou. Não se incomoda em me dizer como esta Astrid, e se eu a tiver aleijado para a vida toda.

Não me diz como Bucky esta lidando com o fato de matar um amigo.

"Eu não entrei em competição nenhuma de propó-

sito, e eu não quero o Gabriel, então, vá para o inferno, mãe" ela finalmente respondeu. "Vivian!" Es-me pareceu mais magoada do que irritada.

O telefone tocou. "Ok, ok," Esme disse. "Eu vou te deixar sozinha para se acostumar com a idéia. "Ela saiu para responder ao insistente som.

Vivian jogou um vidro pelo quarto. Ele quebrou sobre a moldura da janela. Ate mesmo a mãe dela estava a entregando alegremente a um compromisso que ela não queria. Todos os dias Vivian saia do quarto de la, somente quando tinha certeza que Es-me estava em outros lugares. Ela sabia que deixaria sua mãe louca. *Bem feito*, ela pensou. *Se eu não tivesse que salvar o rabo dela, eu não estaria nesta encrenca.*

O telefone parecia tocar insistentemente. Intrometi-dos bastardos, Vivian pensou. *Eles não têm a sua própria vida sexual para mantê-los ocupados?* Ela aumentou o volume da televisão para abafar o toque, mas passava apenas um estúpido *game show*, e um

programa no qual, mulheres gordas queixa-vam-se de que seus namorados não as aceitavam como elas eram. Ela desligou a TV com desgosto.

Vivian encarou seu inacabado mural com uma espécie de corrida de lobo, e os pêlos finos sobre parte de trás do pescoço dela se arrepiaram. Ela se perguntou se tinha tinta suficiente para apagá-lo, mas uma dor forte de perda passou por ela só em pensar. *Nah*, disse ela. *Esses eram os bons tempos. A harmonia. Essa é a coisa que quero lembrar.* Um sentimento de saudades despertou para o bem-aventurado esquecimento que penetrava através dela quando ela pintava, e ela chegou a levantar um pincel da jarra sobre a sua mesa, mas a aderência ainda feriu seus dedos machucados. *Eu tenho que ir buscar água*, ela percebeu. Ela jogou o pincel para baixo.

Um rangido sobre a entrada advertiu que Esmé estava perto dela novamente.

"Aquele rapaz está no telefone", Esmé disse do lado de fora da porta.

Ela falava do Aiden, Vivian supôs.

"Diga-lhe que estou doente."

Esmé foi embora sem discutir. *E lá rapidamente o teria dispensado*, Vivian pensou. *Ela só me disse por que esperava que o telefonema fosse me tirar do meu quarto.*

Após Esmé sair para o trabalho, Vivian tentou telefonar para Orlando Griffin e descobrir que opções ela tinha sob a Lei do bando. Não houve resposta. Ela bateu o telefone no gancho. Então, Rudy chegou a casa, e ela não queria ligar com ele por perto. Ela ficou aliviada quando ele optou por dormir cedo e a deixou sozinha com a HBO. Ela ador-meceu sobre o sofá de propósito, para que ela

pudesse falar com rispidez com Esme quando a mãe dela fosse acordá-la para ir para a cama.

Rudy saiu cedo no sábado para andar de bicicleta antes que a temperatura aumentasse até 32°

graus²³, e Esme dormiu até tarde, como de costume, então, Vivian se encontrou sozinha enquanto descia as escadas. Ela tentou telefonar para Orlando, mas novamente não houve resposta.

"Onde na Terra aquele velho lobo foi?" Vivian murmurou para si mesma. Ela pensava que pessoas mais velhas ficavam quietas e possuíam rotinas.

O telefone tocou, e ela atendeu antes que o barulho pudesse despertar Esme; então ela própria se amaldiçoou silenciosamente. E se fosse Gabriel?

23 90° F no original

Não era. "Oi, Vivian. Sente-se melhor?" Aiden tinha ligado novamente.

Por um momento ela sentiu-se fora de sincronia com o mundo. Sua voz era tão normal, tão inocente.

"Na verdade não", ela mentiu. "Eu ainda me sinto meio fraca."

"Resfriado?" "Sim".

"É uma merda", disse ele. "É ainda pior adoecer durante o verão."

"Sim. Ainda de castigo?" ela perguntou.

"Sim. Mas vejo alívio à vista. Meus pais vão sair amanhã à noite. Vão rever velhos amigos.

Pessoas que irão mantê-los fora até tarde. Entendeu? Heim, heim? Quer vir?"

"E a sua irmã?" Vivian perguntou. A irmã dele parecia o tipo que delata em um segundo. "Vai a uma festa do pijama".

"Isso é conveniente. "

"Nem diga. Então, o que você acha?"

Ela hesitou. O convite foi tentador ao extremo; em qualquer outro momento ela não iria pensar duas vezes, mas com o que ela tinha feito a Astrid ela se atreveria a ficar sozinha com ele, ainda que desejasse muito isso? Ela achava que tinha o controle de si mesma, agora ela já não estava certa.

"Por favor, por favor, Viv. Estou com saudades." A voz de Aiden era calma e sedutora, como se ele estivesse com a cabeça sobre um travesseiro, ao lado dela. Despertou desejo nela. "Sinto falta dos seus dedos", ele continuou, "sinto falta dos seus pés, das suas panturrilhas, dos seus joelhos, das suas coxas, sinto falta do seu... intelecto."

Vivian riu. Como poderia esse rapaz engraçado e doce despertar a violência nela? Ele não era como Astrid. "O lha, vou te ligar amanhã, e digo para você como estou me sentindo", disse ela.

"Cedo, ou eu não poderei suportar."

"Cedo", ela prometeu.

"Legal".

Vivian ainda estava sorrindo quando ela caminhava para a sala, mas o que ela viu tirou o sorriso largo de seu rosto. "Como você entrou?"

Gabriel espreguiçava-se em uma poltrona. "Rudy".

Mesmo em repouso, ele parecia poderoso, e ela manteve a distância. Ela notou o branco de uma gaze sob a bainha de sua camisa, e o resplande-cente rosa e branco de novas cicatrizes em seus braços. Ela pensava nos danos que ele poderia infligir e tremeu.

Gabriel forçou um sorriso preguiçosamente. "Não fique chateada com ele. Eu ordenei".

Sim, pensou Vivian. E eu aposto que você adorou fazê-lo. "O que você quer?" ela perguntou.

Gabriel levantou suas sobrancelhas. "Eu pensei que você soubesse."

"Bem, você não pode tê-lo", Vivian rangeu. "Então vá". Por dentro ela estava tremendo. Ela saiu da sala para a cozinha, onde ela bateu na torradeira aberta, então agarrou uma fatia de pão e começou a cortá-la com uma faca serrilhada.

Gabriel veio atrás dela e colocou suas mãos sobre ela, acalmando seus movimentos. O calor dele chamuscava dos joelhos dela até o topo da sua nuca. "Você vai se cortar dessa maneira", ele murmurou, a respiração no cabelo dela.

"Quem se importa?" Ela pensou brevemente em cortar a mão dele, mas abandonou a idéia. Ele era muito maior do que ela e não se importava em bater em fêmeas.

Ele tomou o pão e a faca dela, e ela abaixou a cabeça debaixo do braço dele e deixou o calor dele para trás. Ele cortou o pão com cuidado. "Torra-do?" Ele estava tão calmo, tão irritante.

"Não."

Ele colocou a rosca na torradeira aberta e pressionou a alavanca. "Claro."

Ela dobrou os braços em torno do seu peito e olhou furiosa para ele. "Então. Você vai?"

"Nós podemos ir devagar", disse ele. "Você pode aprender a ficar comigo. Descubra o que eu sou, tudo sobre mim. Você não sabe, pode gostar do que vai encontrar. "

"Não conte com isso", disse ela.

Ele reforçou o seu rumo casualmente, diversão cintilando em torno de seus lábios. Ela esticou os olhos para verificar uma maneira de fugir.

"O u ..." Suas mãos lançaram-se, agarrando-a, e ela se debatia em seus braços, enquanto ele a segurava firmemente. "Nós podemos fazê-lo rápido e violentamente." Sua boca desceu sobre a dela e sua língua quente separou os lábios dela. Ela foi para trás, mas ele apanhou o cabelo dela na sua mão e a apertou contra ele. Ela empurrou seu peito e lutou em seus braços, mas ele não iria deixá-la ir.

Raios, ela pensou, formando lágrimas. Não quero feroz, quero gentil.

Quando ela tentou o joelho em sua virilha, ele saiu por sua própria iniciativa, com riso em seus olhos.

"Você se acha o garanhão [24](#), não é?" disse ela.

"Não sou?" e le perguntou.

Ela saiu da cozinha para a sala de jantar.

Ele seguiu-a. "Eu vejo que estou obrigado a cortejar você em todos os cômodos da casa." "Não é prová-

vel", ela respondeu.

"Estou ansioso para os quartos", disse ele.

"Vá para o inferno!"

Seu sorriso desbotando. "Eu vou te cortejar", disse ele. "E eu não vou desistir. Vou esperar por você como eu esperei fora daquela caverna, e eu vou segui-la como eu te segui aquela noite ate sua casa, mantendo-a segura. Vou esperar por você porque você esta destinada a ser minha", sua voz cresceu rouca com desejo - "e porque você valerá 24 no original, "such a stud"

a espera. Adeus, Princesa Lobo. Deixe- me saber quais ações devem ser feitas para conquistar você".

Quando ele saiu, ela ainda podia sentir seu cheiro dominando o quarto, assim como ele

reivindicava dominar a vida dela.

"Eu vou escolher o meu companheiro", ela jurou, e caminhou para o telefone.

18

"E se eu fosse uma criatura mágica?" Vivian perguntou para Aiden. Ela podia ouvi-lo respirando no outro lado da linha. Ela desejava que o batimento de seu coração fosse tão lento e estável.

"Que tipo de criatura mágica?" ele perguntou.

"E se eu pudesse me transformar em alguma outra coisa?"

Aiden riu. "Como uma selkie [e25](#) num conto de fada escocês?"

"O u... Como um lobo," ela disse.

"Você seria uma loba muito bonita," ele disse.

Ela sorriu. "Eu sou.

"E, Senhorita Loba, o que você quer de mim?" Ele perguntou.

"Eu quero que você pense sobre o que eu acabei de te falar, " falou para ele. "Vou te encontrar hoje à noite, e transformar isso em realidade.

Era depois das nove, e a preguiçosa e sufocante noite zumbia com os cochichos dos insetos e se sa-tisfazia com todo o perfume. O calor do dia ainda 25 Selkies são criaturas que podem se transformar de focas em humanos.

não tinha sumido por comp leto, e Vivian se livrou do material úmido de seu vestido assim que atravessou a estrada principal e entrou nas três ruas alinhadas da vizinhança de Aiden.

Medo palpitava em seu peito. Ela estava desafiando as Leis do bando. *Mas ninguém precisa saber*, ela pensou. *Só Aiden e eu. Que*

mal pode haver nisso?

Ela sabia que Aiden pensou que ela estava brincando no telefone naquela manhã. Ela sabia que teria que mostrar para ele para fazê-lo acreditar. Mas se ela começasse a fazê-lo pensar sobre sua forma depois da transformação, isso talvez o ajudasse a aceitar de maneira mais fácil quando ela de fato se transformasse. Ela imaginou o olhar maravilhado em seu rosto quando ela se transformasse diante dele.

Ele poderia até sentir um pouco de medo primeira-mente, mas e le a amava, não amava? Ela podia ver em seus olhos. Ele saberia que ela nunca seria capaz de machucá-lo. Ele a amava e ela o amava. Ela tremeu de excitação. Ela nunca tinha transformado esses sentimentos em palavras antes. *Eu quero dividir minha vida com alguém com quem eu me importo*, ela pensou. *O que os dá autoridade para me dizer a quem amar?*

Mas e se o bando descobrisse? Será que ela e Aiden teriam que fugir juntos? Certamente ele iria querer quando descobrisse que ela estava prometida a outro. Ele não suportava as regras de seu pai.

Ele não iria querer ficar. Eles poderiam ir para bem longe. Eles não morreriam de fome. Ela caçaria pelos dois.

Ela começou a rir abruptamente. Ela soava como um daqueles romances que Esmé consumia como pipoca. Aiden precisa va de seus pais para pagar uma faculdade. Ela não queria arruinar a vida dele.

Mas ela queria alguém que pudesse apreciar por completo a beleza do que ela era. Ele entenderia porque ela não queria fazer pouco da vida, ou usar sua força para comandar outros. Ele entenderia que apenas ser era o suficiente.

Talvez até houvesse a possibilidade de *ele* se transformar. Ela nunca soube de algum caso deste tipo, mas *havia lendas* -

sobreviva a uma mordida de um lobisomem e um humano se transforma em um; beber água da pegada de um lobisomem; passar um remédio mágico - lendas eram normalmente baseadas em um quê de verdade. Ah, ele amaria aquilo.

Ela sabia que amaria. Ele queria tanto ser especial.

Mas ele não tentaria mandar nela, ou sujar sua nova habilidade com sangue e poder. Ele seria seu verdadeiro parceiro.

Ela caminhou pelo caminho ornado por flores até a casa de Aiden. Ela parou para respirar fundo e recitar uma oração para a Lua. A Lua protegia os amantes. Uma gota de suor escorreu pelo decote baixo da roupa apertada de algodão suave que usava.

Suas batidas na porta ecoavam as batidas de seu coração disparado.

"Está aberta," Aiden falou de dentro da casa. "Conte até dez e só então entre." Havia excitação e segredos em sua voz. Ele ecoou seu humor como se fosse a alma gêmea dela. Seu entusiasmo quanto a ele fez seus medos desaparecerem.

Ela estava curiosa e impaciente, mas cedeu às vontades dele. Ela contou vagorosamente, então alcan-

çou a maçaneta, e a porta da frente abriu facilmente. Ela mudou do espesso calor da noite para um corredor escuro preenchido com um ar frio e discreto.

Ela nem se preocupou em procurar no primeiro andar. Ele não estaria lá. Ela entendeu seu jogo. Em vez disso, ela subiu as escadas silenciosamente. Ao passo que foi subindo, a essência doce de maçã dele encheu suas narinas. Ela sabia exatamente onde ele estava.

Ela se aproximou do quarto dele indiferentemente, apreciando o deslizar suave do algodão em suas coxas. Ela estava torturando tanto a si própria quanto a ele, prolongando a expectativa com um prazer torturante. *Pro inferno dizer logo de cara tudo para ele*, ela pensou. *Talvez eu o ame primeiro*.

Um ar quente cheio de vapor que imitava a noite pairava no lado de fora de uma porta. Ela entrou pela porta e viu um banheiro, a banheira ainda cheia. Ele não tinha que se banhar para ela. Ela teria devorado seu suor, o lambido dele, e se esfregado em seu corpo perfumado até que ela se tornasse a essência dele. *Não importa*, ela pensou. *Eu o farei suar mais*.

Um delicioso tremor percorreu por ela. Ela se ajoelhou ao lado da banheira, então abaixou sua cabeça e lambeu uma gota. A água tinha o gosto dele. *Eu vou pegar você*, ela pensou com satisfação.

Ela sussurrava um refrão de uma música popular com palavras travessas ao par que se aproximava do quarto dele. Na porta do quarto dele ela parou.

"Ainda estou no caminho errado?" ela falou alto, e esperou por um momento. Ela alcançou a maçaneta. Abriu a porta. "O u estou no caminho certo?"

Ela deixou a porta escorregar de sua mão e bater gentilmente contra a parede e ficou parada na entrada do quarto. Seu triunfo se transformou em admiração assim que viu as velas. Um sortimento vari-ado de todas as formas, tamanhos e cores cobria cada espaço livre. Havia pelo menos umas cem.

Elas brilhavam como estrelas e t ransformavam o quarto dele em uma gruta brilhante.

"O nde você conseguiu tudo isso?" ela perguntou sem respirar.

"Ah, eu roubei," Aiden respondeu. Ele estava em sua cama e, aparentemente, nu embaixo dos len-

çóis.

"Eu espero que você precise delas para te manter quente," ela disse.

Ele ruborizou e desviou seu olhar do minucioso olhar examinador dela, provavelmente se perguntando se ele tinha calculado mal.

Ela sentiu um aperto familiar na espinha. *A transformação?* ela pensou. *Agora?* Seus joelhos estalaram. Estaria a Deusa dizendo para ela não perder tempo fazendo amor? "É uma maneira encantadora de te encontrar," ela falou para Aiden, e sua voz tremeu. Aiden sorriu apesar de seu rosto ruborizado.

Ele provavelmente tomou erroneamente o tremor na voz dela como sentimento. Uma onda percorreu a carne de suas costas. "Esse é o ambiente perfeito para a mágica que eu estava planejando te mostrar hoje à noite." Mas ela tinha esperado ter mais tempo para prepará-lo.

O sorriso dele cresceu.

"Você queria mágica, não queria?" ela perguntou, sem esperar por uma resposta. Ela estava sendo compelida, como se a lua cheia pairasse no céu.

"Você queria que algo especial acontecesse, mas nunca pensou que aconteceria. Bom, eu posso te mostrar o que você nunca tinha visto antes. Algo lindo, e selvagem, e além da imaginação.

Os olhos dele se fecharam parcialmente e seus lá-

bios se separaram em expectativa.

Vivian riu. "Não, bobinho. Eu quero te mostrar no que eu posso me transformar." A excitação tomou conta dela, agora que não havia mais volta.

Ela tirou seus sapatos com um chute, então agarrou sua roupa e a levantou, se balançando

um pouco para passar o vestido por sua cabeça. Ela jogou seu vestido para o lado e ficou só de calcinha.

Aiden deixou escapar uma curta respiração, mais suspiro que gemido.

Ela abaixou a calcinha até seus joelhos e a deixou escorregar por suas panturrilhas. Tirou-as e a vermelhidão da transformação queimou como uma erupção ardente em seu peito. Suor escorreu por seu rosto apesar do ar fresco.

Aiden esticou se us braços para ela. A respiração dele ficou mais pesada; seus olhos queimavam com febre. Ela queria se entregar ao desejo dele; isso seria muito mais fácil que explicações; mas o corpo dela tinha outros planos. "Não ainda," ela disse e estremeceu.

"Quando eu me transformar de volta. Primeiro eu vou te mostrar meu segredo.

Ele franziu as sobrancelhas e abriu a boca para falar, mas ela o mandou ficar quieto.

"S e lembra do seu poema Mudança do Lobo'?" ela perguntou. "Esse é o seu poema.

O coração dela disparou. Ela flexionou suas mãos ao par que elas se enchiam com suas patas; ficou na ponta dos pés enquanto eles enrijeciam. Mas quando ela sentiu a primeira espetada de pêlo em suas costas, ela teve uma precipitação de dúvida. E

se ele não a amasse em sua pele de lobo? Estaria o ódio ancestral impregnado fundo demais em todos eles? Ela olhou para fora para tomar força da esvoaçante lua crescente. Não, ele veria a beleza.

Uma sacudida de doloroso êxtase tomou conta dela, e seus braços envolveram seu ventre. Aiden se sentou na cama. "Você está bem?" - Ela sorriu para ele através do seu cabelo bagunçado. Um dente afiado furou seu lábio. "Está tudo bem," ela disse. "Espere e verá." Sua voz tinha um quê de gutural.

Um arrepio que fazia cócegas por causa do pêlo se deu em seus ombros e deslizou por seus braços.

Seus cotovelos estalaram. Aiden parecia confuso.

A transformação chegou rápida. Seus braços alongaram, suas pernas encurtaram, suas juntas se re-formaram. Ela pronunciou um clamor gutural de prazer quando sua espinha prolongou-se em uma cauda, o osso rapidamente se cobrindo com carne, e então pêlo. Ela sentiu os rangidos, o tritramento assim que sua mandíbula se estendeu, e seus olhos agora viam os arco-íris ao redor de cada chama das velas. Ela se virou para ver o espanto e prazer de Aiden.

O rosto de Aiden estava branco na tremeluzente luz das velas, seus olhos arregalados. Ele encolheu seus braços e suas pernas para perto do próprio corpo. Desastradamente ele se moveu para longe dela, esmagando as próprias costas na cabeceira da cama. Sua boca se abriu como um corte, e dela veio um abominável choramingo. Nu e como um verme, ele encolheu-se na cama como se tivesse tido a visão de um pesadelo de um paciente de um hospício. Ele fedia a medo.

O coração palpitante dela se tornou frio em seu crescente peito quente. Ela tentou reverter a transformação, mas seu corpo não a ouvia. "Não," ela o chamou. "Eu não vou te machucar." Mas da mão que ela estendeu num gesto de amor cresceram garras.

Ele gritou.

"Espere," ela disse. "Eu sei. Eu sei. Eu estou estranha agora, mas no fim é muito bonito." Mas as palavras saíram num grunhido vazio de uma boca que não fora feita para falar. A saliva manchou seu focinho com o esforço.

Assim que ela completou sua transformação, Aiden começou a chorar, lágrimas silenciosas percorrendo abaixo sua face abatida.

A amargura do ódio a si própria cresceu nela. Como ela podia ser tão tola? Em conjunto com o nojo que sentia dela mesma havia o desprezo pelo medo de Aiden, e então culpa porque ela tinha causado isso.

Seu coração se partiu por causa dele, porque ele tinha medo, porque ele não conseguia ver a beleza, e então se enfureceu com ele porque ele a fez se sentir suja.

Eu vim aqui pra você me confortar, ela rosnou. *Eu achei que você entenderia.* Mas ela podia dizer pela expressão do rosto dele que tudo que ele via era uma besta selvagem. *Eu não sou como eles,* ela chorou.

Ele bateu a mesa ao lado da cama, seus olhos no rosto dela.

Olhe, eu sou amável, ela lhe implorou. Ela choramingou e balançou a cauda como um cachorro.

Ele arremessou uma caneca na cabeça dela.

Não! ela uivou quando a caneca se partiu na parede atrás dela.

Ele a odiava. Ele a detestava. Ela lhe trouxe dor. Ela não pertencia aqui. Ela não pertencia a lugar algum.

Ela tinha que ir embora.

O caminho mais rápido era a janela. Ela não se importava com o que havia lá em baixo. A última coisa que ela se lembrava era de um despedaçamento, e ela voou pelo ar entre brilhantes cacos de vidro.

19

Vivian acordou com o gosto cobre de sangue na boca. Ela franziu as sobrancelhas e gemeu, então abriu os olhos. Ela fechou- os rapidamente quando uma brilhante luz do dia enviou uma punhalada de dor através de seu crânio. Sua cabeça pulsava com o resultado.

Ela estava no quarto dela, disso ela tinha certeza.

Ela poderia dizer que ela estava nua e descoberta em sua cama, o lençol torcido em torno de suas pernas, mas ela não podia se lembrar de como ela tinha chegado lá.

O ar estava com um cheiro muito espesso, muito confuso para separar e identificar. Doía tentar. Porque todo seu corpo dói? O que ela fez na noite passada?

Aiden! Ela lembrava a forma como ele se contraiu por medo dela. "Doce Lua", ela lamentou.

Mas e depois?

Ela tinha saltado da janela dele, ela sabia- foi à coisa mais louca e estúpida a fazer - mas a Lua brilhou sobre ela, e ela bateu no chão correndo. E isso é tudo o que ela se lembra - correr, correr, correr.

Foi só isso? Ela pensou ter visto o rosto de Rafe lá, em algum lugar. O u foi um sonho que ela teve?

O quarto era insuportavelmente quente. Ela gostaria de ligar o ar condicionado, mas todos os músculos diziam: "Não se mexa!" Ignorando a cautela, ela moveu- se um pouco, e embrulhou seu estô-

mago. *Ok, ok, vou simplesmente descansar aqui*, disse para si mesma. *O calor não é tão mau*. Talvez se ela tivesse sorte ela adormeceria novamente e não teria que pensar ou sentir.

Ela não estava com sorte. Ela se viu amargamente acordada e nauseada com a lembrança dos acontecimentos no quarto do Aiden se repetindo de novo, e de novo na cabeça dela.

Eu sou tão estúpida, ela pensou. Tão estúpida. Estúpida. Estúpida.

Ela tentou colocar esse momento no passado e seguir para os eventos adiante, mas a noite era como um buraco negro, do nada, sem referências e que a trazia de volta à cena no quarto do Aiden. O

tempo havia passado que era tudo que ela sabia, e um pedaço de sua vida tinha sido rasgado e retirado enquanto ela tinha sido negligente e se movia em desespero. Era como se ela não existisse durante esse tempo. Seria aquele - nada como um -

nada da morte? Ela tentou imaginar uma eternidade de não estar com nenhuma consciência sobre certos momentos nunca mais. Ela tremeu apesar do calor.

Ela tinha ouvido falar disso acontecendo, uma mudança que vem tão violentamente que levava o lado humano, e o lado animal reinava supremo. Isso foi em histórias, no entanto, e desencadeadas por grandes paixões como ciúme ou raiva. Ela nunca conheceu ninguém com quem realmente tivesse ocorrido. E - a náusea subiu novamente pelo movimento espontâneo - normalmente algo terrível acontecia durante o apagão.

Não seja idiota, disse ela. É óbvio que as histórias eram baseadas na realidade, mas as partes terríveis estavam ali porque *eram* histórias.

Ela estava pegajosa, áspera e desidratada. *Preciso de um banho*, ela pensou. Ela se imaginou flutuante em uma banheira cheia de água e gelo. A imagem era tão confortante que pensar nela quase a emba-lou de volta no sono, mas também despertou uma sede torturante.

Ela abriu os olhos novamente, desta vez lentamente e só metade, e espreitou pelas fendas. Sua ca-beça ainda doía, mas se ela se movesse com cuidado talvez ela pudesse aliviar a dor. Agora a água da torneira do banheiro prometia ser mais doce que ambrosia²⁶. Ela sorriu levemente como o pensamento, e sentiu algo rachar e esfarelar em torno de sua boca. Ela levou a mão aos lábios e encontrou uma crosta áspera lá. Ela inspecionou os dedos e viu flocos cor de ferrugem. Um baque oco aumentou o seu tempo dentro dela.

Devo ter mordido meu lábio, no salto, ela pensou.

É isso. Ou talvez eu tenha caçado um coelho. Sim.

26 Ambrosia, o manjar dos deuses do [O limpo](#), era um [doce](#) com divinal sabor, segundo a [mitologia](#)

[grega](#)

E no interior obscuro de sua mente, uma outra voz gritava, *Que não seja humano*.

Ela sentou-se, ignorando a dor lancinante que surgiu com o movimento, e o suor frio que escorreu de suas costas. Ela olhou para baixo e concluiu que ela estava com listrados vestígios de sangue. Os lençóis foram manchados com ele, seco e marrom no meio da evidência de vômito. Ela podia cheirar o sangue claramente agora no meio do suor, vômito e lágrimas. Era inconfundível. Era *humano*.

Ela levantou-se do lado da cama e fracamente agarrou uma parte do lençol e limpou a sua boca. "O h, doce lua. O que eu fiz?" lamentou ela. Em seguida, um calafrio passou por ela. *Não Aiden?*

Ela arrastou u- se para fora da cama, envolvendo-se com o lençol, e um pouco perdida pisando na pis-cina de seu vômito. Na porta ela percebeu- *Eu não posso ir ate o telefone assim. E se Ésme me ver?*

Ela agarrou o seu roupão da parte de trás da porta e fugiu para o banheiro, atingindo

a privada, a tempo de vomitar novamente.

Seu chuveiro não foi a banheira doce de sua fantasia. Ela limpou a sua pele esfolando como se tentasse apagar até o fantasma da mancha, e lavou o cabelo até as raízes magoado o couro cabeludo.

Muitas lágrimas caíam pelas bochechas dela. *Eu não posso ter feito,* disse ela.

Eu não o machucaria, não importa o quanto ele me machucou. Mas ela não tinha certeza. Ela pegou o telefone no corredor do andar de cima, envolvida na toalha.

"É você, querida?" Es me chamou do seu quarto.

"Sim, mamãe", respondeu relutantemente Vivian. As palavras saíram como um grasnado. "Você está doente?" Esme perguntou.

Profundamente doente, Vivian pensou. "Sim, mãe."

"Então volte para a cama", respondeu Esme, e acabou com a ordem com uma inadequada risada.

Grande lua, ela tem alguém aí com ela. Pela primeira vez isso não incomodava Vivian. Pelo menos iria manter Esme fora do caminho.

Vivian pegou o telefone e, em seguida, entrou em pânico. *O que posso dizer se o pai dele atender? "*

Oi, aqui é Vivian, Aiden está morto?" Ela engoliu uma risada histérica e discou os números. O receptor tremeu em sua mão, e o toque de chamada gritava através dos frágeis tecidos do cérebro dela.

C hamava, e chamava. *Eles estão na delegacia,* ela pensava.

Ou o hospital. Seu pai identificou o corpo agora.

Então alguém respondeu. "Olá?" Foi Aiden.

Vivian bateu o telefone. "Ah, obrigado, obrigado, obrigado", ela sussurrou para a Lua.

Mas se não era sangue do Aiden, de quem era?

Ela encontrou um short novo e uma camiseta limpa e se vestiu, ouvindo as notícias em uma estação de rádio, mas tudo que ouviu eram intermináveis pla-cares de beisebol. Depois que ela limpou o chão com sua toalha, ela empacotou junto com os lençóis e arrastou o lote abaixo e jogou tudo na máquina de lavar. Ela sintonizou no local canal de notícias e assistiu a notícias sobre outro tiroteio no centro, o assédio sexual no governo federal, e algum estúpi-do show de barco no centro de conferência.

Então, enquanto ela tentava engolir um pouco de cereal, uma sirene gemia através da ruas estreitas, seguida, por outra, e outra. Ela empurrou a sua tigela para longe e chegou a porta a tempo de ver uma ambulância passar, seguida por uma motocicleta policial. Ela saiu logo atrás deles.

O calor do ambiente murchou seus pulmões enquanto ela corria, e o mundo era uma explosão branca de sol. Ela podia ouvir a sirene morrendo mais a frente e rádios crepitando. Ela virou-se à direita

na mercearia Dobb's e saiu no Tooley's bar, na esquina do próximo quarteirão, rodeado por mil luzes piscando. Parecia que cada policial de três municípios próximos estavam ali . Dois carros de bombeiro rugiam como dragões esperando pelo almoço, e havia um caminhão do esquadrão de salvamento desocupado ao lado da ambulância.

Uma multidão estava se acumulando.

Ela tropeçou na calçada rachada, coberta de musgo, arfando. Sua mão trilhou ao longo dos tijolos da barbearia como se a aspereza pudesse lhe trazer de volta a realidade e lhe dar um pouco de equilíbrio.

Quando ela alcançou a rua transversal, um dos bombeiros deixou sair um grito agudo e ela vacilou.

Expeliu uma vez, e depois saiu pegando distância.

Ela viu que a restante atividade parecia estar centrada em torno da porta de trás do bar, que abriu as portas para um pequeno pátio contendo uma lixeira.

Assim que ela atingiu o tapeceiro da frente do parque, uma policial pendurou um plástico amarelo em volta de toda a entrada. Doce Lua, Vivian pensou.

Eu fiz isso? Ela deu a volta e apertou seu rosto contra a vitrine imunda.

Atrás dela veio um barulho de botas de saltos e um tilintar de correntes. Ela moveu-se para enfrentar o barulho e viu os Cinco. Os gêmeos e Gregory quase dançaram, eles estavam cheios de elétrica excitação.

"Inferno, Vivian. Você parece horrível", disse Finn.

Ela virou a cara para ele.

"Ooooh, ela é tão durona", respondeu Gregory. Willem se meteu.
"Deixe-a em paz."

"Melhor não deixar Gabe sabe que você ainda é doce com ela,"
Gregory disse a ele. "Sim. Ele vai chutar seu traseiro", disse Finn.

Willem cuspiu no seu gêmeo. Finn esquivou por pouco.

Rafe não tinha falado uma palavra. Ele só a encarava com um olhar de diversão presunçoso em seu rosto. Ulf ficava ao lado dele inquieto.

"O que aconteceu aqui?" Vivian perguntou grosseiramente.

Ulf finalmente falou. "Eles encontraram um corpo atrás da lixeira."
Sua voz era estridente. "Um cara".

Vivian sentiu um frio fixo no seu intestino.

"Nós não chegamos a vê-lo", disse Willem a ela.

"Mas há uma grande quantidade de sangue."

"Um rio maldito levou pe lo ralo", Gregory acrescentou com deleite.
"Eu ouvi algum policial murmurando sobre animais selvagens. "Ele gargalhou com alegria.

Do outro lado da rua uma ambulância arrancou discretamente. Um dos carros da polícia a seguiu.

Lucien Dafoe virou a esquina. Isso não surpreendeu Vivian; Lucien era o melhor cliente do Tooley's

. Ele inclinado contra a porta-batente da entrada do bar e sorriu apesar de toda a atividade. Ele deveria ter o bom senso de parecer chocado mesmo quando não esta se importando.

Vivian então percebeu que Rafe tinha lhe feito uma pergunta. "O quê?"

Rafe cruzou os braços e levantou a cabeça. "Eu disse, *você viu alguma coisa, Viv?*" "Hein?"

"Aqui em baixo. Última noite. Vi *você na sua pele-lobo debaixo da ponte. Você ia por este caminho.*"

O sol chamuscou-lhe a cabeça, deixando o seu crânio em chamas. Sua língua ficou espessa, e era difícil de falar. "Eu?" Ela tentou parecer indiferente.

Rafe riu, mas os olhos dele pareciam frios e ansiosos.

"Tem alguma coisa para nos dizer, querida? Algo que deveríamos saber? Huh?"

" *Você está cheio de merda, Rafe.*" Ela tinha de fugir antes de o tremor dentro dela denunciasse. Ela não podia deixá-los ver o seu pânico. "Não há mais nada para ver aqui."

Tenho certeza que Esmé vai encher-me de detalhes antes do próximo turno dela." Ela virou-se para ir embora.

"Não pense que *você é alguém melhor do que nós, Viv,*" Rafe falou depois dela. "Nós vimos o que *você fez a Astrid.*"

Ela caminhou de volta do jeito que ela tinha chegado, no calor afiado como faca, do verão

branco, através de um bairro com exóticas como a paisagem dos seus sonhos.

Não fui eu. Não pode ter sido eu, ela pensava.

Mas o sangue que ela havia limpado de baixo das suas unhas a proclamava uma mentirosa.

20

Quando Vivian acordou no domingo, o ar em seu quarto estava frio e doce, e a luz do sol que passava entre suas cortinas era pálida e inocente. Ela conseguia ouvir o rádio tocando suavemente no andar de baixo. *Foi tudo um sonho*, ela pensou, e tomou um longo e profundo fôlego. Aiden ainda a amava. Não houvera sangue algum em seu rosto.

No momento em que ela entrou na cozinha, Vivian soube que estivera mentindo para si mesma. Havia círculos escuros debaixo dos olhos de Esmé e seu cabelo foi aleatoriamente puxado para trás com uma única escovada. Ela ainda estava de camisola. -

Está se sentindo melhor, querida? Esmé perguntou vagamente, e encarou a distância enquanto bebericava seu café.

- O que foi? Vivian perguntou, temendo a resposta.

- Eles acharam um corpo atrás do Tooley's na manhã de sábado.

Ninguém tinha dito a Esmé que ela estivera na cena, Vivian percebeu. - Então? ela disse, seu cora-

ção socando.

Esmé abaixou sua caneca. - O cozinheiro que achou o corpo o descreveu para mim, ela respondeu. - A não ser que algo tenha escapado do zooló-

gico, o assassino foi um de nós.

Vivian tentou parecer chocada. - Quem faria isso?

- É isso que precisamos descobrir, porque se continuar acontecendo será como Virgínia Ocidental toda de novo.

- Mas essa é a cidade, Vivian disse. - Eles acharão que é um psicopata.

- Talvez a polícia e os jornais identifiquem como um psicopata, Esmé respondeu. - Mas há sempre al-guém que consegue somar um mais um e chegar aos lobisomens. E se ele se achar um herói?

- Talvez não aconteça novamente, *Eu não deixarei acontecer*, Vivian pensou.

Esmé balançou sua cabeça. - Eu gostaria de pensar que sim, mas não funciona dessa maneira.

Vivian lutou contra o pânico. - O que quer dizer?

- Uma vez que alguém passa do limite e prova, não consegue parar. Aconteceu em Nova Orleans. Foi por isso que o bado se mudou para a Virgínia Ocidental há alguns anos. E então aconteceu lá, também. Seu pai dizia que podíamos viver em paz contanto que ficássemos com os nossos próximos. Ele estava errado. Agora eu me pergunto se podemos viver em paz. As histórias que os humanos contam dizem que somos amaldiçoados. Talvez eles estejam certos.

A boca de Vivian estava seca. Ela mal conseguia falar. - Mesmo que o assassino seja visto, mesmo que ele seja seguido e pego, eles não saberão que há outros, saberão?

- Eu não sei, Vivian. Eu não sei onde isso irá dar.

Nós não somos invulneráveis. Você deveria saber disso depois do que viu.

Vivian se segurou desesperadamente no modo como Esmé dizia - ele continuamente; a palavra colocava uma agradecida distância

entre ela e o corpo. Ela não conseguiria aguentar a vergonha se sua mãe soubesse. E se ela tivesse trazido à morte ao seu povo, tudo porque ela pensou que um humano poderia amá-la?

A campainha tocou.

- Maldita Lua, Esmé disse, balançando seu cabelo. -

É o Gabriel.

A voz de Vivian ficou presa em sua garganta. - O

que ele está fazendo aqui?

- Não se preocupe, Esmé retrucou. - Não é para cortejá-la, Senhorita Esnobe. Ele quer saber o que eu descobri ontem à noite.

Então por que ele não te perguntou pelo telefone?

Vivian pensou. Como ela poderia encarar Gabriel, que sempre parecia ver através dela?

- Deixe-o entrar enquanto eu me arrumo, Esmé ordenou.

Quando Vivian abriu a porta ela ficou aliviada de ver Rudy estacionando na entrada.

Gabriel se virou para cumprimentá-lo antes que ela tivesse sido obrigada a falar. Rudy deu um tapa nas costas de Gabriel e o conduziu para dentro.

Ela ia desaparecer escada acima, mas Gabriel a chamou de volta. - Você devia estar por dentro disso, também.

O que ele queria dizer com isso? Ele sabia de algo?

Esmé desceu as escadas usando um curto vestido de verão. Mesmo o desastre não a continha se Gabriel estava envolvido. *Você não o*

estava oferecendo para mim, mãe? Vivian pensou.

Eles se acomodaram na sala de estar, onde Esmé descreveu em detalhes as condições do cadáver.

Vivian não queria ouvir, mas ela não podia fazer nada para calar as palavras. *Eu não faria isso*, ela pensou. *Eu não poderia*. Mas novamente ela se lembrava do sangue em seus lençóis.

As pessoas no bar acham que o assassino era um cão com raiva ou um gato grande que alguém mantém como bichinho que se soltou, Esmé disse.

Vivian falou em voz alta sem querer. - Talvez seja isso o que os policiais achem. Ela se lembrou que Gregory tinha mencionado um policial resmungando sobre animais selvagens.

- O especialista forense deles vai ficar bem confuso quando tentarem identificar algum cabelo, saliva ou sangue que podem achar, disse Rudy. - E o tamanho de qualquer ferimento de mordida não fará o menor sentido.

- Isso é bom ou ruim? Vivian se perguntou em voz alta.

- Depende se for um acidente isolado ou não, Gabriel respondeu. - Na noite em que Astrid liderou uma corrida pelo rio, ele disse, alfinetando Vivian com gelados olhos penetrantes.

- Eles mataram alguém?

- Não. A intensidade de seu olhar a assustou, e a palavra saiu rápida e defensiva.

- Ninguém com quem eu falei até agora ouviu sobre outro corpo misteriosamente aparecendo, tampouco, Gabriel disse. - Então se não acontecer novamente, talvez fiquemos bem. Talvez após um tempo, quando eles não puderem identificar o assassino, a polícia

possa classificar isso como um incidente único com o qual eles possam assustar os recrutas no turno da noite. Enquanto isso, eu vou ordenar que ninguém saia em seu pelo se possível. A polícia vai estar procurando por um animal grande.

Esmé parecia que queria protestar, mas não ousou.

- E se acontecer de novo? Rudy perguntou.

Gabriel olhou com cara feia. - O nosso trabalho é não deixar acontecer.

- Nós precisamos saber quem impedir, primeiro, Rudy disse. - Tem alguma ideia?

- Algumas, Gabriel respondeu.

- Astrid? Esmé sugeriu.

Gabriel deu de ombros. - Nesse momento ela tem um alibi para a noite toda, não que eu coloque muita fé na palavra do Rafe.

Esmé girou seus olhos. - Ainda a papa-anjos, hein?

- E quanto ao pai de Rafe? Rudy perguntou. - Lucien frequenta o Tooley e bebe suas refeições. Ele está sempre se metendo em brigas como aquele motoqueiro Skul e seus amigos.

Vivian se lembrou de Lucien observando a polícia, sorrindo.

- Não, Gabrie l disse. - Uma briga seria alta. Alguém teria ouvido. Isso teve que ser rápido. Ele não estava esperando a morte e nunca teve a chance de gritar.

Vivian tentou imaginar a matança, com medo de que de repente se visse ali, mas desesperada pela verdade. Ela poderia derrubar um estranho total daquela maneira, sem raiva, sem causa?

- Eu podia entender se esse fosse um inverno rigo-roso há algumas centenas de anos, e nós estivéssemos famintos, Gabriel disse, seus olhos brilhando de raiva. - Mas essa não foi uma matança por comida, foi por prazer – um prazer que poderia condenar a nós todos. Eu estarei observando; outros observarão por mim; e quando eu tiver certeza de quem fez isso eu farei ele pagar.

Suas palavras atingiram Vivian com a força de um golpe, e por um momento ela não conseguia recuperar seu fôlego.

Gabriel ficou de pé e marchou pela sala. Vivian o observou com um frio temor. Seus braços eram poderosos; eles poderiam quebrar um pescoço com um golpe. Suas pernas eram longas, e mesmo através de sua calça jeans ela conseguia sentir os músculos e tendões que possibilitariam que ele perse-guisse ligeiramente a presa. Quando ele estava em sua pele, era um animal massivo, sombrio e cruel.

- Eu entendo a vontade de matar tanto quanto qualquer um de nós, ele disse ferozmente, e Vivian acreditou nele. - Mas deve ser controlada. Não há mais natureza para se esconder. Não podemos correr em bando nas montanhas onde viajantes ficam desaparecidos por meses, não há florestas negras que se esticam por dias, e já fazem muitos séculos desde que comandávamos pequenos reinos na sombria Europa central como se fôssemos deuses.

O Homo sapiens está em toda parte, eles nos supe-raram, e o *Homo lúpus* deve viver ao lado deles. Por mais que desejemos, não podemos matá-los. Fazê-

lo é nos colocar em perigo. Ele pausou. - As vezes eu acho que vivemos mais do que deveríamos.

Ele deseja os velhos tempos, Vivian percebeu com uma congelante fascinação. Ela se perguntou se parte dessa raiva pelo assassino era porque ele não podia se dar ao mesmo luxo. Ela reconhecia profundamente dentro de si mesma o mesmo brilho vermelho de

desejo por uma época onde o instinto não estava preso e a jovem Lua achava mais fácil perdoar. Ela estremeceu e desviou o olhar.

- Sinto muito isso tê-la assustado, Gabriel disse, e ela percebeu que ele estava de pé perto da sua cadeira, estudando-a. Seus olhos estavam mais gentis do que estiveram há poucos momentos.

- O que faz você pensar que eu estou assustada?

- Vivian, posso sentir em você. Ele se abaixou e acariciou levemente sua bochecha com dedos que podiam facilmente esmagar sua garganta. Ela não ousou recuar. - Sinto muito você ter perdido o seu lar na Virgínia Ocidental. Eu acharei outro para você, e em breve, eu prometo. Eu a deixarei a salvo.

Ela quase riu.

21

Vivian esparramou-se no sofá e deixou que as lá-

grimas secassem em seu rosto. Tudo o que ela fez nos últimos três dias foi assombrar a sala, ouvindo as músicas mais miseráveis que ela conseguiu encontrar se afundando nos problemas²⁷. À noite ela se trancava em seu quarto e se confortava com chocolate. Seus sonhos eram cheios de escuridão e sangue.

O CD acabou, deixando-a em severo silêncio, permitindo que o mesmo velho pensamento se repetis-²⁷ Algo como estar na - fossa se em sua cabeça. *Como ele pode não me amar?*

Ela agarrou o pentagrama que ainda estava em volta de seu pescoço. Ninguém nunca havia dispensado ela. Até mesmo Gabriel queria ela. E tudo que ela queria era um ser humano pálido, de cabelo mole com olhos escuros enormes que não a queria.

Ela sabia agora que o que ela fez foi tudo um grande erro - um estúpido, estúpido engano. Ela deveria ter desfrutado dele enquanto ela podia e nunca deixá-lo saber que ela era diferente. E se ele fez alguma idiotice? E se algo de terrível aconteceu por causa dela?

E pior, o que ela tinha feito depois que deixou a casa dele?

"O que há de errado?" Esme disse, voltando para casa para encontrar Vivian exatamente no mesmo lugar em que estava quando Esme havia saído.

"Aquele rapaz rejeitou você?"

Vivian se afastou. Ela não podia negá-lo, mas ela não queria falar sobre isso, porque então ela teria que fazer um grande esforço de inventar uma ra-zão. A verdade, naturalmente, era - irrepetível .

"Que cinismo dele", Esmé proclamou, mas ela pareceu aliviada. "Que idiota! Ele não consegue ver a sorte que teve? Homens! Eles são unSimbecis. Não importa a espécie. Não teve nenhum telefonema para mim?" Acrescentou ansiosamente.

Vivian balançou a cabeça.

"O h, querida, eu sei que você sente péssima", Es-me disse. "Mas ele não vale a pena. Não poderia ter durado, você sabe disso. Você pode fazer melhor. Muito melhor. Você poderia ter Gabriel - al-guém com quem você pode ser você mesma. Você teve o seu gostinho de rebelião, agora é hora de cair na real."

Vivian não estava com energia para argumentar.

Ela pensou que poderia ser ela mesma com Aiden, e agora ele estava com medo dela.

"Vou fazer algo para o jantar", Esmé disse. "Aposto que não anda comendo. Que tal uma cerveja?" Ela saiu para a cozinha.

Esmé nunca ofereceu- lhe cerveja. Foi um suborno.

Cerveja fez Vivian pensar no Tooley's. A morte atrás do bar tinha sido notícia durante toda a semana. Aiden deve pensar que Vivian era a responsável.

E se ele contou a alguém sobre ela? Ela precisava falar com ele e convencê -lo de que o assassinato não tinha nada a ver com ela. Ela riu amargamente. E talvez ela pudesse convencer a ela também.

Mas ela ficava adiando o telefonema, ela não poderia suportar o pensamento do que ele poderia dizer.

No meio do jantar a campainha tocou. Vivian inalou profundamente e a esperança vibrou em seu peito, mas antes que ela o sentisse e se levantasse, Esme levantou-se e foi atender a porta. Vivian sentou-se, suas mãos apertadas em torno da faca e do garfo, a impossibilitado de comer. Quando Esme voltou com Tomas, o novo membro da Ordália, Vivian sentiu como se tivesse sido chutado no estô-

mago.

"Estou saindo, baby", Esme disse. "Vai ficar tudo bem?"

"Claro", respondeu Vivian fracamente.

Após Esme sair ela foi para a cama cedo. Dormir era o seu único escape.

Na noite seguinte ela já não podia suportar isso; ela esperou até que Esme houvesse saído para o Tooley's, então discou o número de Aiden. Ela esperava que pudesse pegá-lo antes que ele fosse para trabalho.

Ele respondeu. "Aiden?"

Ele desligou.

Ela esperou, um frio pesando no seu estômago.

Talvez ele se arrependa de desligar e ligue de volta para ela. O telefone não toca. Talvez ele esteja esperando que *ela* telefone para ele, assim não pareceria como se ele estivesse muito ansioso para ceder. Talvez ele precise que ela insista. Ligou novamente.

Ele atendeu.

"Aiden, por favor ..." Desligou de novo.

Ela ligou de volta, apunhalando os botões, apenas vendo os números através de pontos borrados na frente de seus olhos. Uma mensagem gravada em veio. Ela bateu o telefone no gancho, pegou um prato e o arremessou contra a parede. C lipes voaram. O prato se quebrou no chão espalhando-se pela sala. Lágrimas quentes escorreram por suas bochechas.

Um pedaço de papel familiar deslizou para debaixo da mesa- O telefone da Bingo. Vivian deve ter deixado perto do telefone, quando ela ligou para agradecer a Bingo pela noite de filmes e pipoca.

Claro, Vivian pensou, e ela limpou com um dos bra-

ços entre os olhos dela. Vou ligar para Bingo. Ela é uma boa amiga de Aiden. Vou-lhe dizer que tivemos uma briga e ele não esta falando comigo. Ela vai persuadi-lo para mim. Vivian apanhou o telefone novamente. "Bingo. O lá! É Vivian."

"Você tem muita coragem de falar comigo." Bingo da voz foi tenso e irritado. A ela Palavras Vivian deixou atordoado. "O quê?"

"Você sabe muito bem o que é", respondeu Bingo.

Mas Vivian não sabia. "Eu não entendo."

"Depois do que você fez para Aiden."

Oh, Grande Lua, ele disse a ela, Vivian pensou.

Como ele pode dizer a ela? E como Bingo poderia soar tão trivial? Ela não deveria ter medo? "Nós tivemos uma briga", Vivian disse, tentando voltar para o cenário que tinha inventado, ainda confusa com o ataque de Bingo.

"Uma briga! Vou dizer. O utro dos seus ataques de ciúmes. Ele me disse sobre Eles. Ele estava com medo de olhar para outra garota, mesmo sem você estar com ele. Fiquei surpresa quando ele me contou. Eu pensei que você era mais inteligente do que isso. Isso só serviu para mostrar que realmente não posso julgar as pessoas."

"Ataque de ciúmes?" Vivian se encontrou repetindo estupidamente. Que mentira Aiden tinha inventado?

"Não se faça de inocente comigo", disse Bingo. "Eu conheço Aiden há anos. Eu me importo com ele. Ele costuma me contar as coisas. E me irrita que eu nem imaginava o que estava acontecendo. Pelo amor de Cristo, você ate mesmo disse que eu estava tentando roubar-lo de você. E depois de eu tentando que fossemos amigas. "Vivian podia ouvir a mágoa na voz de Bingo ela nunca iria acreditar em uma negação.

"Eu o amo, Bingo ", disse ela desgastadamente, sabendo que era inútil. "Eu fiz alguma coisa que assustou ele, é por isso que ele lhe disse isso. Eu não queria perturbar ele. Gostaria de voltar atrás se eu pudesse, mas não posso. Só quero dizer-lhe como estou arrependida e fazê-lo entender. Por favor, me ajude. "

Vivian podia ouvir o assobio de Bingo inalando através dos dentes trincados antes de responder.

"Ele entende perfeitamente por que você atirou uma cadeira através de sua janela quando ele tentou romper com você", disse Bingo. "Você é uma louca, invejosa, uma cadela rancorosa, e ele não quer vê-la nunca mais. Ele está na merda ainda mais profunda com seu pai agora. Se você quer fazer algo por Aiden, você pode enviar a seus pais dinheiro pela janela e, em seguida, vá para o inferno e dê o fora da vida dele." Ela desligou. Vivian colocou o receptor devagar e silenciosamente, suas articulações brancas com o esforço para não esmagar o telefone em cacos. Por um momento

ela pensou que tinha encontrado um caminho para Aiden; agora ela descobriu que estava bloqueado por uma avalanche de mentiras.

Então é isso que ele está dizendo a eles, ela pensou. Sou uma cadela louca e devo ser evitada.

Agora ele pode parar de me ver e mantém os amigos a salvo de, ao mesmo tempo.

Vivian correu para seu quarto e se atirou em sua própria cama. Ela agarrou seu travesseiro firmemente em seu estômago vazio. Ele era tão cruel.

Ele não a queria, e se certificou de que ninguém mais iria querer. Mas ele não disse a ninguém o que ela era. Será que isso quer dizer que ele ainda se importava um pouco ou ele estava com medo de que ninguém acreditasse nele? Se houvesse outra morte ele teria coragem para enfrentar a descrença? Ela precisava saber suas intenções.

Ele precisava saber como ela era segura. E ela precisava vê-lo novamente, porque ela sentia falta de seus braços em torno dela.

O carro de Aiden estava no fim do estacionamento do Shopping Center College City, por arborizadas faixas que separavam as lojas do cinema. Perfeito.

Ela poderia sentar de baixo das árvores e ver seu carro e ninguém iria perceber. Ela poderia sentar e esperar por um longo tempo, se necessário.

O último quarto escasso da lua não iria subir até passar à meia-noite, mas Vega resplandeceu brilhante no céu do sul, a única estrela brilhante o suficiente para desafiar o parque com suas luzes.

Vivian admirou com saudades o país de veludo que era o céu incrustado com estrelas. Sob esse céu, todas as noites eram legais,

todas as noites eram alegres, todas as noites eram para sempre. Admirou os vaga-lumes para as estrelas, e observou o estacionamento sem movimento, coberto de folhas.

As dez muitas das lojas da frente apagaram-se.

Empregados fechavam após o último cliente, e o estacionamento estava bem vazio. Às dez e meia, um temporizador desligou a maior parte das luzes do estacionamento, e a faixa onde Vivian estava sentada mergulhou numa profunda escuridão. O

único ponto brilhante que restou foram as luzes ondulantes do letreiro da videolocadora, alertando os novatos do verão escolar que ainda havia tempo para alugar *Surf Nazis Must Die*. [28](#)

As onze, as luzes da locadora se apagaram, e Vivian imediatamente se contraiu. Quinze minutos se passaram antes dela ouvir seus passos ao longo da pista. Mesmo assim, seu único movimento foi o estremecer de suas narinas ao capturar o perfume dele. Ele chegou a seu carro. Suas chaves tiniam.

Ela estava em movimento.

28 Não traduzi, mas seria algo como: Nazista do Surf devem morrer

Um braço escorregou em torno da cintura dele; uma mão colocou-se em sua boca. Ela lhe puxou para trás das árvores, sentindo-o gritar contra sua palma esquerda assim como seus pés deixando a terra. Ela agarrou com força as costas dele apertado contra seu peito e sussurrou em seu ouvido: "Eu posso correr mais rápido do que você, lembre-se. "

Ele tremeu com suas palavras, e o cheiro do seu suor estava pungente de medo. A entristecia ter que ameaçá-lo, mas ela suspeitava que esta era a única forma que ela poderia fazer ele

ficar. "Eu quero conversar", disse ela. "Promete que não vai fugir ou gritar."

Ele acenou, balançando a mão dela para cima e para baixo. Por um momento ela se beneficiou da sensação das coxas dela contra as dele. Ela suavemente lambeu seu ouvido para mostrar-lhe que ela não seria realmente perigosa. Ele choramingou, e isso rapidamente a cortou. Ela liberou ele.

Ele virou-se e parou com seus braços cruzados. "O

que você quer?", ele perguntou, e sua voz era alta, seu rosto branco.

"Quero que entenda", disse ela. "Eu não queria te assustar. Eu queria partilhar o que eu fui - o que eu sou - e dar-lhe a magia que você sempre desejou.

O que há de tão terrível quanto a isso? "Ela estava consternada ao sentir lágrimas vindo aos seus olhos. Ela queria tão desesperadamente permanecer calma.

"E que diabos é você, Vivian? " ele perguntou, um tremor em suas palavras. "Sou uma *Loup-garou* .

Sou uma *Volkodlak*. Uma metamorfa".

"É a mesma coisa que um lobisomem?" Ele ainda não queria acreditar, apesar de ele ter visto.

"Sim. Embora o que eu realmente me transformo não é em um lobo, mas está perto."

"E quando você desenhou o pentagrama na minha mão você estava me fazendo sua vítima, disse ele.

"Não seja um idiota", ela respondeu. "Aquilo foi uma brincadeira."

Ele deu mais um passo para trás. "O lha, eu não diga a ninguém", disse ele. "Eu prometo. Apenas me deixe ir."

"Você não está nem mesmo curioso sobre mim?" ela perguntou, espantada. "Eu pensei que você desejasse o místico. Você queria o bizarro, lembra? Eu pensei que você ia agarrar aquilo que eu sou com ambas as mãos e me comer de pé"

"Eu não quero saber mais nada, Vivian. Por favor.

Vamos ficar por aqui. Você segue o seu caminho.

Eu sigo o meu. Ok?"

"Aiden, eu pensei que você se preocupava comigo.

Como você pode me mandar embora assim? Que-ro estar com você. Eu quero que você me ame."

Ele tinha pelo menos a decência de olhar envergonhado. "Mas é diferente agora. Quero dizer, como eu posso... Quero dizer, cada vez que eu vou te tocar, quero dizer, eu sei...

"Sabe o quê? Que eu ter esta maravilhosa capacidade de se transformar em uma bonita, forte, rá-

vida criatura? Que sou uma Criança da Lua? "A revolta no rosto dele disse -lhe diferente.

"Vivian, você matou aquele homem na outra noite?"

Suas palavras saíram com pressa.

É o que acha? Que eu vou colocar na minha pele e matá-lo?" Ele balançou sua cabeça e não respondeu.

Ela suavizou sua voz e chegou perto dele novamente. "Aiden, alguma vez eu fui alguma coisa, se não amorosa com você?" Ela viu

a tensão nele, mas ele não se afastou. Isso deu-lhe esperança.

"Aiden, alguma vez eu fui algo além de desejosa?"

Ela acariciou seu peito com os dedos, e ele levantou a cabeça para encontrar os olhos dela. "Você não quer uma garota domesticada, não é?"

"Não!" Ele volta a vacilar. "Eu não posso. Me desculpe." E ele realmente soava como se lamentasse.

"Você não confia em mim", disse ela, frustração deixando-a irritada. "Acha que eu não posso controlar o meu outro eu? Acha que meus dentes vão crescer enquanto eu me perco no seu prazer?"

"Eu quero confiar em você, Vivian", disse ele, tristeza rastejando em sua voz, "mas toda vez que eu penso em beijar você, eu vejo sua outra face. Toda a vez eu penso, 'O que essa boca tem feito?' e eu não acho que possa beijar você novamente."

Suas palavras atingiram seu interior como pedras frias.

"Você é um covarde", disse Vivian. "Eu pensei que você era diferente do resto, mente aberta, mas você é como aqueles pais que despreza. Ao primeiro sinal do inusitado você corre. Você diz mentiras sobre mim e faz as pessoas me odiarem. Você afasta os meus amigos. Você é o monstro, não eu.

Eu só queria te amar."

Ela tirou o colar que ele havia dado a ela do pescoço e atirou nele. "Talvez *você* tenha me feito sua vítima."

As mãos dele bateram em seu peito e seguraram o pingente que escorregava em sua camisa.

"Vá", disse ela ferozmente. Ele olhou para ela, surpreso.

"Vá agora", ela repetiu. Ela não confiava em sua raiva.

"Eu sinto muito, tinha que terminar dessa forma", disse ele se afastando lentamente. "Eu realmente sinto".

"Você acha que acabou?" ela sussurrou no seu carro, a porta fechada. "O h, não. Você ainda me verá".



AGOSTO

Lua do Sátiro

22

Vivian agarrou-se a um tronco na clareira na parte traseira de sua casa, como se fosse um jacaré imóvel em um pantano. O ar encharcado da noite de agosto realçou a ilusão, e o padrão do tronco transformou-se no padrão de sua pele, com sua carne pressionada na madeira. Encolheu os dedos do pé e saboreou o rangido que suas unhas faziam ao deixar sulcos na casca da árvore. O odor de fungo e musgo úmido se intensificou conforme ela esmagava o tronco, até que o ar cheirasse como um cemitério. Imóvel e silenciosa novamente, ela permitiu que o coro rangente da noite monopoli-zasse sua atenção com os sons eterno de fundo de gangorras, gorjeios e pulverizações . Ela invejou sua serena cacofonia Um farfalhar próximo anunciou o passo cuidadoso de um predador, e seus olhos abriram ligeiramente. Ele andava discretamente, mas não estava tentando esconder sua aproximação. *Que educado*, ela pensou. Ela cheirou o odor salgado de um macho novo, frequentemente excitado. Acima de tudo era um cheiro con-fortavelmente íntimo como uma cama morna usada, e um cheiro suave de talco e de chiclete de menta.

Willem.

Ele parou ao lado do tronco como se tentando deci-dir-se se a acordava.

Ela rolou e agarrou suas pernas. O impulso o derrubou. Ela mordeu a barriga da sua perna quando ele caiu. Ele gritou. Ela se jogou em cima dele, prendendo seus braços e pressionando o joelho com ameaçadora delicadeza em sua virilha.

- Vivie! ele suplicou. - Eu não fiz nada. Vivie, deixe-me levantar.

Talvez por ele ter usado seu apelido, ou talvez por seus suaves e confusos olhos, mas o calor de sua raiva dissolveu-se, e ela deslizou para o lado, libe-rando-o.

- Droga, Vivie, eu pensei que você ia me machucar.

Ele caiu sobre seus joelhos, uma mão cobrindo sua virilha.

- O que voce está fazendo aqui? ela perguntou.

Willem limpou seu nariz com seu punho e olhou de relance para ela de lado. Seu sorriso era o velho sorriso gentil. - Eu fui ao Tooley, você sabe, para que eles pudessem se divertir me jogando para fora, e a sua mãe me encurralou. Ela disse que já que eu não tinha coisa melhor para fazer eu deveria trazer meu traseiro aqui e te fazer companhia. Ela disse que você não tinha saído em semanas. - Ele levantou suas sobrancelhas e aprumou sua cabeça da mesma maneira que a fazia faria rir três milhões de anos atrás. - Voce quer que eu surre ele para você?

Como ela se atreve? Vivian pensou. Quem lhe deu o direito de contar a todos meus problemas particulares? - Eu posso dar minhas próprias surras, obrigada, ela falou friamente para Willem.

Willem fez uma careta. - É. Que tonto eu sou.

- Por que você não está com aqueles outros gângs-ters? ela perguntou.

Willem deu de ombros, uma carranca tocando seu rosto. Ele chutou o tronco com uma de suas botas cargo. - O h, Finn acha que ele é grande coisa – nos provocando porque Rafe não está lá para lhe dar uns tapas. Quer dizer, Rafe já era ruim o bastante, mas pelo menos não nos mandava fazer coisas idiotas só para provar que podia. Greg não gosta disso também então eles estão sempre discutindo, e você conhece o Ulf – o pequeno tonto é um maria- vai-com-as-outras. Pelo menos Finn não está fodendo sua mãe.

- Rafe está sempre com Astrid? Vivian perguntou.

- É. Na casa dela. Ajudando ela a se recuperar.'

Ele lambe o chão que ela pisa. Eu não entendo. -

Willem balançou sua cabeça. - Mas eu também não o culpo por ficar lá. Seu pai está mais estranho do que nunca.

Eles sentaram-se em silencio por um tempo até que a noite escureceu em torno deles.

- Nós costumávamos nos divertir, Viv, não é? Willem disse finalmente. - Agora eu me pergunto quem está cuidando de mim além de mim mesmo. Aqueles velhos, tudo que eles fazem é falar. E Gabriel, quem é ele? Ele vai nos mandar fazer coisas estú-

pidas assim como o Fin fez, só para mostrar que ele é o chefe? E sabe do que mais? Eu acho que voce é a única pessoa em que eu confio. Voce é legal. Voce nunca nos deixou convencê-la a fazer besteiras. - Willem ficou em silêncio novamente.

Oh, yeah. Eu sou muito legal, Vivian pensou.

- Você sabe quem fez essa matança, Viv? Willem disse de repente.

O estômago de Vivian se revirou

- Ninguém sabe, ele continuou. - Isso é que me deixa louco. Um de nós está matando, e ninguém sabe quem. A matança costumava ser uma coisa que nós fazíamos juntos.

Uma brisa fraca soprou e um relâmpago cortou o céu. Willem suspirou.

Vivian cutucou-o delicadamente nas costelas. - Caia fora daqui. Diga a Finn pra ir tomar.

Defenda-se, cuzão.

Ele sorriu timidamente. - Talvez eu o faça.

- Bem, vá fazer agora, ela disse. - Eu preciso ficar sozinha.

- Está bem, está bem. Willem ficou de pé. Ele hesitou. - Mas se defenda também, está bem?

- É, claro.

Vivian andou pela avenida Lincoln em direção ao parque. Ela precisava parar com o desânimo e se defender, como Willem tinha dito. Havia um show de graça esta noite: seis bandas locais que esperavam atrair novos fãs aos bares da rua da faculdade. A Ameba estaria lá certamente, e Aiden estaria com eles. Ela estava fazendo a vida fácil demais para ele; era hora de fazê-lo olhar para ela e se lembrar como ela era bonita; então talvez ele percebesse que tolo ele tinha sido por rejeitá-la.

Escovou seu cabelo castanho até brilhar, e as luzes do verão fizeram-no brilhar com um fogo pra-teado. Sua camisa curta revelou revelava sua barriga lisa e firme e abaixo sua mini saia. Sua carne era lisa, macia, e dourada.

Um aviso no poste telefônico capturou seu olhar; era o terceiro que ela passava. Desta vez ela parou para ler e descobriu uma mensagem da polícia, advertindo ao público que evitasse todos os cães grandes que estivessem correndo livremente. Ela bufou com divertimento. De repente se sentindo melhor do que se sentira em dias.

Vivian estava sonhando com a espuma de sorbet de framboesa de um crepe de mitilo quando ouviu o ronco de uma moto se aproximando. Ela esperava que ela passasse roncando e foi surpreendida quando ela diminuiu ronronando ao lado dela. Ela olhou de relance e viu a Harley preta de Gabriel marchando ao seu

lado. A expressão de Gabriel era escura e mau-humorada e um sentimento de medo cortou por ela. Então ele sorriu e desligou o motor.

Ela parou quando sua moto parou, como se incapaz de controlar seus movimentos.

Ele olhou-a de cima abaixo, e a admiração clareou seu rosto. - Sozinha, bebê? Eu acho difícil de acreditar.

- Então não acredite, ela disse. Por que ele tinha que vir arruinar seu bom humor?

Ele ignorou sua breve falta de educação. - Um boato diz que o seu namorado terminou com você.

- Todo mundo sabe da minha vida particular? ela cutucou.

- O que me intriga, ele continuou, - é por quê?

- Isso não tem nada a ver com você, ela disse, e começou a andar outra vez. Por dentro ela tremia.

Onde ele queria chegar?

Gabriel empurrou sua moto ao lado dela. - Eu quero dizer, olhe para você. Ele deve estar maluco. O

nde alguém como ele achará outra como você?

Vivian andou mais rapidamente.

Gabriel acompanhou seu ritmo.

- Você teria que dar duro para afastar um tarado como ele. Vivian se virou para ele, furiosa. - Vá para o inferno!

Seus olhos zombaram dela. - Foi algo que você disse, talvez?

Vivian não sabia se gritava ou batia nele. Ela nunca o deixaria a ver chorar. Mesmo que ele merecesse uma explicação, o que não era o caso, ela nunca poderia dizer- lhe a verdade. Se ele soubesse que ela foi capaz de trair o que ela era para um de fora, então ele ia achar que ela era capaz de outras trai-

ções.

- Vivian. Seus olhos perderam a zombaria que tinham um momento antes. - Se você quiser falar, você pode ficar surpresa em saber que bom ouvinte eu posso ser. O ronronar escuro de sua voz era quase tranquilizador. - Se você estiver em uma tra-palhada, eu sou bom em resolver problemas, ele disse. - E se algo surgir que... Ele pensou por um momento como se escolhendo suas palavras. - Que nem mesmo voce possa lidar, eu tenho músculos de sobra. E não faço perguntas. Está bem?

Ela nunca havia pensado nele como uma pessoa gentil, mas por um momento quis jogar-se em seus braços e dizer- lhe tudo. O momento passou. Isso seria estupidez. Agora ele achava que ela era uma garota apaixonada, isso é tudo, e talvez ele só estivesse se aproveitando de sua dor.

- Agradeço por seu interesse, ela disse, e desejou poder soar mais delicada.

- Quer uma carona? ele perguntou. - Você está indo ao show, certo?

Ela pensou por um segundo. - Sim, ela disse como uma espécie de desculpa. De qualquer forma, seria bom se Aiden a visse chegar com um cara que as outras garotas obviamente achavam desejável.

Quando ela passou a perna por cima da moto, observou a trouxa p resa com correias na parte traseira. - Indo para algum lugar?

- Voltando, ele respondeu. - Eu fui a Pensilvânia.

Há um bando lá. Eu queria descobrir se tiveram algum lobo vagabundo por lá recentemente – um re-negado em busca por sangue humano e que pudesse fazer uma coisa dessas.

- Alguma sorte? Ela não esperava que ele dissesse sim.

- Nem. Eu estou indo para Charleston amanhã, ver o que eles tem a dizer . Ele ligou a moto. - Se eles não tivessem limpado o

estacionamento, eu não ia precisar fazer isso, grito u sobre o motor.

- Talvez eu pudesse ter sentido algum cheiro.

Vivian agradeceu silenciosamente Tooley por sua limpeza. Mas e se não fosse seu rastro no estacionamento de Tooley? A vida seria miserável, mas menos complicada. *Ah*, mas e se fosse? Vivian olhou para os ombros poderosos de Gabriel e tremeu.

Gabriel saiu do meio- fio, e Vivian firmou-se ao segurar levemente a cintura dele acima da jaqueta de couro empoeirada que ele tinha atado em torno de seus quadris. Não havia nenhuma maciez em sua cintura. Se ele fosse qualquer outro macho, ela teria passa a mão no seu traseiro musculoso e teria explorado a dureza dele; ela teria se esfregado nele e provocado ele. Mas este era Gabriel. Ele não se comportava como outros machos.

Ela não sabia como agir com ele. Um pensamento nervoso atravessou sua mente: Se ela o fizesse seu amante ele a protegeria? Ou a mataria da mesma maneira que se ela fosse a renegada? *Eu estou louca*, ela pensou, esquecendo a ideia.

No parque ele pulou para o meio- fio, e ela o apertou sem querer e pode ouvi-lo rir sobre o rugido do motor. Ele cruzou o caminho de pedras, ignorando os gritos de um homem idoso em calças verdes de trabalho, e a levou diretamente para a plateia. A multidão abriu como o mar vermelho. Algumas pessoas riram e aplaudiram, outras fingiram desintere-se. Se ela queria atenção, teve-a, mas não se importou. Havia somente uma pessoa em que ela estava interessada.

Ela olhou toda a multidão. Ali, perto do palco im-provisado, ela avistou Q uince e Bingo.

Eles tinham virado como os outros para encontrar a fonte do ruído. Q uince levantou seu braço para acenar-lhe, então abaixou-o rapidamente quando Bingo lhe deu uma cotovelada. Em torno deles estavam os outros que ela conhecia. Sua respiração travou em sua garganta quando encontrou Aiden.

Ele estava olhando fixamente para ela, sua boca ligeiramente aberta.

Ela afastou seu olhar e pulou para fora da moto. *O*

que eu faço? O que eu faço? Contra todo o bom senso, subiu na pedaleira e pressionou seus lábios nos de Gabriel. *Oh, Lua Sangrenta, eu sou uma idiota*, ela pensou. Era para ser um beijo rápido para fazer ciúmes em Aiden, para acabar antes que Gabriel percebesse o que estava acontecendo. Ela não esperava a suavidade com que ele envolveu sua cintura com seu braço. De repente encontrou-se meio pressionada no tanque de gasolina e meio esmagada contra seu peito, seus pés fora do chão, metal batendo em seu joelho direito. Sua língua treinada abrindo seus lábios enquanto ela se agarrava a ele para não cair. Sentiu o calor dele que passava através de sua camisa e cheirou seu cheiro almiscarado que ficava mais rico e sugestivo.

Então ele deixou-a ir, e ela deslizou até o chão e cambaleou para trás.

Os olhos dele estavam ardentes atrás das pálpebras semi-cerradas. - Não me use, ele rosnou. Então ele acelerou o motor, ecoando a ameaça. Ela olhou ele partir, com seu rosto quente e sua respiração áspera em sua garganta. *Maldito seja*, ela amaldiçoou silenciosamente. Ele não podia ser controlado. Ela resistiu ao impulso de rasgar qualquer um que a tivesse olhando.

Eu sabia que Gabriel não poderia ser enganado, ela se queixou para si mesma enquanto passava através da multidão. Então por que ainda assim eu fui adiante e beijei-o? Ver Aiden deve ter feito seu cérebro amolecer.

Não era difícil encantar um cara para que abrisse espaço para ela há alguns metros da Ameba. Ela viu Aiden olhando nervoso. Bom, ele sabia onde ela estava. Ela sorriu ao pensar em como seus olhos ficariam se arrastando de volta para ela não importando o quanto ele tentasse não olhar. *Eu vou tê-lo*, ela pensou.

Aiden levantou. O coração de Vivian pulou. Ele estava vindo em sua direção. Ela não teria que seduzi-lo pacientemente.

Mas ele não estava vindo em sua direção. Kelly correu pela multidão. Arremessou-se em seus bra-

ços, e ele abraçou-a e riu quando ela beijou seu pescoço.

Uma onda quente de raiva levantou-se no peito de Vivian.

23

Vivian esperou até que estivesse escuro para sair.

Ela ficaria danada se Aiden a visse indo embora.

Ela assistiu duas bandas tocarem através de lá-

grima-turvas em seus olhos, mas a música não tinha significado era apenas ruído- ela nunca aplau-diu, e ela nunca passou a dançar como os outros ao seu redor- e cada repique de riso que vinha da corrente dos Ameba fazia seu estômago se contrair e seus ombros endurecerem, até que ela estava quase rígida com a raiva. Ela não iria olhar naquela direção ou ela iria quebrar, com certeza.

"Está tudo bem?" o cara ao seu lado perguntou, evidentemente tentando confortá-la.

"Sim". A palavra saiu um sussurro dura, e ela sacudiu a cabeça quando ele tentou colocar o braço em torno dela. Ele se afastou, agarrou uma cerveja com seu amigo, e gritou incentivos para o palco, enfren-tando a rejeição com bravata.

Finalmente o anoitecer se aprofundou e as brilhantes luzes do palco intensificaram- se, cegando o público que estava em volta. Quando todos ficaram de pé para a saída banda, Vivian levantou-se com eles e escorregou para fora.

Ela escolheu o seu caminho através da multidão, entre cobertores e refrigeradores, sobre pernas e mochilas. Ela passou por casais picantes com aro-ma de suor e vinho barato, e por grupos de jovens homens cheirando mal, com arrotos carregados de cerveja. Em todo o ar resfriado, uma corrente de fumo de cigarro e maconha. Ela os amaldiçoou por seu feliz esquecimento.

Ela encontrou o rio e o seguiu a cima, em direção a sua casa. Quando ela estava de volta em seu território, ela mergulhou na grama alta e rolou, agarrando a si mesma como se pudesse esmagar a dor, mas sua miséria a quebrou frouxamente e ela gritou maldições ao céu. Ela enraiveceu-se com ela mesma e com o rapaz, e chorou lágrimas quentes.

"Eu sou linda!" ela gritava roucamente. "Porque ele não pode ver isso?" Ela rasgou a grama, ca-vou buracos na terra, e lançou o solo para a noite.

Ela não ouviu alguém se aproximando.

"Jesus²⁹, Viv, você poderia fazer um pouco mais barulho?"

29 Jeez, no original

Vivian estava rígida, suas mãos agarraram a frente de sua camisa. Um alongamento das

unhas cortou através do algodão e furou seu peito.

Rafe vagueou ao seu redor e curvou-se para examinar seu rosto. "Chateada?"

"Vai se danar".

"Por que você não vai cuidar dele, Viv? Ele merece isso. Você poderia fazer isso - não poderia?"

Ela disparou em direção a Rafe e tentou arrancar um pedaço de seu rosto.

Ele saltou para trás, rindo. "Guarda isso para o seu

"*meat-boy*", Viv." Então ele foi embora.

Vivian enroscou-se em uma bola para impedir os seus soluços, envergonhada por Rafe tê-la visto perder o controle. Depois de um tempo, até mesmo seu choro cessou, e ela agachou-se na grama espetando com seus braços apertados em torno de seus joelhos, seu nariz cheio de poeira do feno do verão. Gradualmente deslizou a seu lado para um amarrotado monte de farrapos.

Houve um sussurro na grama e, desta vez reconhecido o couro e a aspereza de Rafe antes que ele a alcançasse. Ela podia sentir-lhe em cima dela, mas ela o ignorou. Ele a cutucou suavemente com o seu dedo do pé, então deslizou algo longo, frio, e macio pela curva de seu braço. Ela abriu seus olhos e expôs os dentes para ele.

"Isso não resolve nada", disse ele, e ela foi tomada pela perplexidade ao ver uma incomum piedade nos olhos dele. "Mas isso te deixa entorpecido por um tempo." Então ele foi embora.

Ele havia dado-lhe uma garrafa. Ela nem sequer se incomodou em ler o rótulo, mas desparafusou a tampa e tomou um gole. Ela cuspiu, perdendo meia boca com um jato. Ela estava preparada para o segundo golpe, mesmo que cada gota esculpisse um trajeto ardente a seu intestino. O terceiro gole trouxe sobre os primórdios da promessa de entorpecimento. *Eu devo uma ao Rafe*, ela pensou, e riu amargamente. Ela perguntou se toda a garrafa ia acabar com sua dor, ou se iria matá-la?

Se eles me encontrarem morta por envenenamento alcoólico pela manhã, isso irá servir ao propósito de A iden, ela pensou. *Ele saberá que a culpa foi dele*. Ela tomou outro gole. *Tudo é culpa dele*. E outro gole. *Eu estava bem antes de ele me machucar*.

E outro gole. *Eu nunca tive um apagão antes*. *Eu nunca acordei com sangue em cima de mim antes*.

É tudo culpa dele. *Eu posso ter feito algo terrível, e é ... tudo ... sua .. . culpa*.

Quanto mais ela bebia, mais motivos ela encontrava para odiá-lo.

E então ele atira essa cadela na minha cara, ela espumou. Kelly tinha esperado essa chance o tempo todo. Quanto tempo ela levou para aparecer em sua casa após ela descobrir que nós nos separamos? Vivian perguntou. *Não muito, eu aposto. Ca-ramba, se essa vaca o deixar sozinho, eu vou tê-lo de volta.* As conseqüências, deixando escorrer um pouco de poupa branca suja.

Eu queria te amar, ela pensou lastimosamente enquanto ela segurava a garrafa em um abraço.

O licor não queimava agora, mas estava quente e confortante; pensar em Kelly e Aiden queimava.

Queria sentir meus dentes na garganta dela, Vivian pensou. *Queria arrancar seu esôfago.* Mas a imagem de uma fita amarela da polícia chegou até ela espontaneamente, e ela balançou a cabeça violentamente. A ação deixou seus sentidos um pouco confusos. *Não, não,* ela pensou. *Garota má. Eu não posso fazer isso, posso?* Então uma idéia trouxe um fino sorriso aos seus lábios, e fez o calor do licor queimar mais brilhante. *Mas eu poderia assustá-la muito bem.*

"E onde eu posso executar esta deliciosa tarefa?"

ela perguntou em voz alta. Suas palavras saíram gaguejando, e por alguma estúpida razão isso a fez rir. "Onde, onde ..." Ela riu novamente. "Sei onde você mora, Kelly." Ela quase cantarolou as palavras.

Ela lutou com seus pés cambaleando alguns passos e, quando ela se lembrou da garrafa ela quase caiu com o esforço para recuperá-la.

Demorou vinte minutos para Vivian descer a passos longos as deserta e iluminadas ruas para a casa de Kelly e sua marcha se

tornou constante assim que ela encontrou seu ritmo. Ao chegar a casa ela olhou em volta para ver se alguém observava, então mergulhou na sombra da cerca que delimitava a lateral do jardim.

Havia um carro na frente do pequeno muro de tijolos, e todas as janelas estavam escuras, mas as luzes de cada lado da porta da frente estavam acesas. Já passava da meia-noite; será que Kelly ainda não estava em casa?

Vivian abriu a garrafa e tomou um gole, em seguida, saltou uma cerca branca entrando no jardim.

Seu desembarque foi mais um tropeço. Ela podia sentir o licor quando inalava, enquanto ela respirava sentia seu vapor em vez de ar.

Ela espreitou três janelas antes de encontrar o quarto que ela queria - um pequeno quarto com posters de banda de rock. A cama estava vazia.

Vivian soltou um rosnado de sua garganta, imaginando Kelly em outra cama - a de Aiden. *Vou esperar por você, garota.*

Ela tentou abrir o trinco da janela com seus dedos, mas ela estava trancada por dentro. E agora? Ela limpou o suor de sua testa com um peludo antebraço.

ço.

Uma rápida volta pelo jardim e ela pode ver um galpão. A corrente que prendia as portas quebrou-se como uma bengala doce³⁰. No interior havia um cortador de grama, latas de gasolina, uma bancada carregada com vasos, e ferramentas de jardinagem ordenadamente pendente sobre suportes.

Em um dos pinos estava pendurado um rolo de fita adesiva. Ela pegou isso e uma espátula e voltou para a janela de Kelly. O ar era

uma sopa de umidade e insetos. À distância rangeu um trovão.

Ela cortou um pedaço de fita com seus dentes e plastificou parte de um dos vidros da janela, batendo em seguida com a espátula na - bagunça . A 30 candy cane

fita amorteceu o ruído, e os vidros quebrados foram facilmente descartados. Através do buraco, ela deu um peteleco no trinco, virou o punho, e se deixou entrar no fresco e escuro quarto.

Vivian cuidadosamente fechou a porta do quarto, puxou as cortinas, depois acendeu uma lâmpada ao lado da cama. Ela recuou à luz. Alguns segundos se passaram antes que ela pudesse olhar a sua volta através de olhos embaçados.

O quarto era do tipo - garotinha querendo ser má .

Abaixo de fotos desordenadas de peitos nus, flane-las e tatuagens, ela podia ver um florido papel de parede rosa. Havia um borrão de tinta rosa desordenado em torno da penteadeira, e uma mãe amorosa ainda fez a cama com lençóis rosa, entretanto prova velmente foi a filha que tinha atirou uma manta negra por cima. Um velho tigre de pelúcia descansava sua cabeça sobre o travesseiro.

Grande Lua, o que estou fazendo aqui? Vivian pensou. Isso é loucura. Kelly não fez nada que eu mesma não faria. De repente ela desejou estar em seu próprio quarto, sua própria cama. Esperar parecia estúpido e inútil. Tenho que sair daqui, ela decidiu.

"Aqui, tenho um presente, Kelly." Vivian bateu a garrafa na penteadeira, chocando - se com maquiagem, pulseiras, canetas e fitas. A garrafa virou quando ela a deixou ir, e ela foi agarrá-la, então notou que tinha por baixo uma corrente se balan-

çando. No fim da corrente havia um pentagrama.

Assim que ela pegou o pentagrama, seus dedos alongaram-se em garras e cabelo cresceu espe-tando uma trilha por suas costas. "Ele deu a você?" Suas palavras foram um sussurro de es-trangulado ultraje. Seria esse o mesmo colar que ela havia atirado de volta a Aiden? Ele era tão insensível a ponto de simplesmente virar-se e dá-lo a outra pessoa? O u ele dava a todas um pentagrama? Lágrimas desciam por suas bochechas dela com o encanto que se quebrava. *Eu pensei que era especial.*

Ela apagou a luz

"Eu odeio rosa", ela cuspiu, e perfurou uma cortina com suas garras, retalhando ate a bainha. Ela transformou as duas cortinas em fitas, saborear o som delas se rasgando e as vibrações formigando na ponta de seus dedos.

Ela foi até o armário. As roupas penduradas em fileiras – próximo a porta estavam as roupas pretas, preferidas por Kelly, para ambos os lados estavam alegres itens comprados provavelmente por uma mãe cautelosa e apenas usadas em ocasiões familiares após muita súplica. Vivian desfiou as roupas pretas.

Ela virou-se para a cama.

Seu primeiro golpe na colcha deixou penas voando. Eles fizeram- na pensar em galinhas mortas, e ela babou enquanto suas garras cortavam mais rápido, mais rápido, até que a cama estava uma pilha de trapos rosa e preto. Ela abaixou-se ninho e seu focinho cresceu. *Olá, Chapeuzinho Vermelho,* ela pensou.

Ela manteve-se em um semi-estado- parte menina, parte-criatura- e seus pés se enrolavam e desenro-lavam com o prazer de imaginar a cara da Kelly quando ela visse o que estava em sua cama. Ela poderia terminar e partir antes que os gritos de Kelly trouxessem seus pais correndo- ou assim que o álcool, disse ela. Mas à medida que os minutos passavam o prazer começou a reduzir, e ela se

transformou em garota novamente. Será que Kelly estava vindo para casa?

Vivian agarrou a garrafa e tomou um longo gole dela, a garganta já morta para a queimação. Sua visão estava turva, e via sombras dissolvidas em lâ cinzenta desconcertante. Sua cabeça pulsava. Ela ouviu a porta da frente, mas ouviu apenas snores e os creaks e gemidos de uma casa noturna. Ela uns-teadily ritmo, mas sempre que ela parou, o quarto começou a girar, por isso ela manteve-se em movimento. Todo tanto de vezes que ela pegou uma das gavetas da penteadeira e desvendados ele, strewing fita em toda a sala.

O relógio foi se afastando com luminosos minutos até que chegou às três horas.

"Ela não está vindo para casa", Vivian growled. "A cadela não está vindo para casa."

Ela subiu até a janela, arranhando suas pernas, e tombado sobre a grama lá fora. Ela lutou com seus pés, e de algum modo fez a volta ao longo do muro, sem virar de cabeça para baixo e, em seguida, avançou sobre a rua.

Ela sabia onde Kelly estava. "Eu vou rasgar você dos braços dele", prometeu Vivian. "Eu vou rasgar você"

A noite contratada para identificar um de ódio.

24

Vivian acordou em um estalo. Ela não se lembrava de ter ido para cama. Ela buscou alguma memória de ter escovado seus dentes ou se despido, mas nada veio. Cuidadosamente ela abriu seus olhos.

Uma dor bateu em sua cabeça como um martelo de madeira golpeando; o outro golpe cobria Sua língua.

Seu corpo todo doía.

Isso era parecido demais com outra manhã recente.

Seu coração martelou.

Vivian se sentou entre seus lençóis contorcidos. Ela estava nua. Ela olhou ao redor do quarto pelas roupas que ela tinha usado na noite anterior. A parte de trás de sua cadeira da escrivaninha estava vazia.

Não havia nenhuma pilha amarrotada no chão.

Onde estavam as roupas dela? Ela forçou o pânico crescente a abaixar.

A brisa da manhã cedo que pairava da janela aberta era úmida e fria. A tela da janela fora rasgada em sua extremidade total – o bastante para uma pessoa subir, uma pessoa sem a sagacidade de fazer uma forma obstinada. Havia terra no chão.

Vivian olhou para baixo para si mesma. Ela estava marcada com lama verde como se estivesse estado no rio. Ela agarrou suas mãos e inspecionou suas unhas. Elas estavam rosas, com uma ponta de branco. Ela exalou audivelmente. Não havia sangue, graças a Lua.

Ela começou a relaxar. Ela ficara bêbada na noite passada, era só isso. E daí se ela tivesse tirado su-as roupas e corrido de quatro por um tempo? Ela merecia isso. O instinto provavelmente foi acionado e a manteve na floresta. Sim, ela tinha sido estúpida de ir na casa da Kelly, mas felizmente ela tinha dado o fora de lá antes que alguém a descobrisse.

Eu não acho que fui até a casa do Aiden, ela pensou. É claro que ela não se lembrava como tinha ficado enlameada, tampouco.

Ela balançou suas pernas para o lado da cama e gemeu. Os lençóis foram arrastados com ela. E foi então que uma mão caiu no chão com uma panca-da suave e baixa.

Vivian congelou. O quarto girou sem foco. A única coisa clara, aguçada, real além do real, era uma mão decepada deitada para cima no tapete de seu quarto. A carne era pálida e ligeiramente enrugada, como se tivesse estado no rio com e la. Havia marcas de dente na palma. Como se o pulso fosse uma extremidade áspera da pele que cercava um núcleo encrostado e escuro e um osso que projetava-se branco. O osso tinha sido esmagado para que alguém pudesse sugar a medula.

Ela viu um anel no dedo do meio. Engasgando-se com a bile, ela colocou um pé para fora e girou a mão viscosa, então recuou. O anel era uma caveira de prata. Pertencera ao motociclista que tinha dado em cima dela do lado de fora do Tooley's, aquele que ela tinha dito a Gabriel que esmurraria.

Ela respirou rápido e superficialmente como um animal em uma armadilha. *Eu tenho que me livrar disso,* ela pensou.

Alguém tinha visto ela? Ela tinha deixado uma trilha até sua casa? Ela se apressou para a janela e olhou para fora. Uma névoa le vantava-se da grama, mas não havia nada de extraordinário do lado de fora.

E se Esmé entrasse? Ela correu para a porta e a trancou. Apesar da brisa fria, ela estava banhada em suor. Ela tinha que esconder a mão até que conseguisse tirá-la de sua casa. Ela olhou ao redor desesperadamente. Os lobos pintados na parede pareciam rir dela. Ela abriu com tudo a porta do armário. Em uma bota? Não, ela nunca a usaria novamente. Ela notou uma caixa de sapatos Timberland em cima na prateleira. Perfeito. Ela acotovelou o topo para fora, pegou a mão, e, carregando-a cuidadosamente por seu dedão de cera, esticou a mão e a deixou cair. Houve um farfalhar de lencinhos de papel, e por um momento de parar o coração, ela imaginou ela se contorcendo ali. Ela reprimiu uma risada histérica e derrubou a tampa da caixa.

Esmé ainda estava na cama; sua porta estava fechada. Rudy tinha saído. Vivian tomou banho e se vestiu o mais rápido que pôde; então ela chacoalhou a mão da caixa para uma pochete barata de nylon, a qual ela amarrou. Sua pele se repudiava enquanto ela andava pela porta da cozinha afora.

Na parte mais espessa dos pequenos arbustos na parte de trás, ela se sentou em suas ancas e esfregou alho e pimenta em sua mão como se fosse uma perna de carneiro. Ela esperava que o cheiro afas-tasse qualquer cachorro que tentasse cavar. *Eu não acredito que estou fazendo isso*, ela pensou. Ela tinha tido sonhos que pareciam mais reais.

Ela não conseguia parecer fazer um buraco profundo o bastante. Só mais alguns centímetros, ela continuava dizendo à si mesma. Eu não posso deixar ninguém descobrir isso. Se Gabriel descobrisse ele a mataria pela segurança do bando, quisesse ele como sua companheira ou não. Ela viu no granito do rosto de Gabriel justiça imediata e questionamentos depois, não importava o que ele tinha dito sobre ser um bom ouvinte e se gloriar sobre seus músculos de sobre para protegê-la.

Finalmente ela jogou a mão e raspou para encher o buraco, seus joelhos arqueados prontos para mer-gulhar no arbusto raquítico se alguém se aproxi-masse, sua boca metálica com medo. Ela rezou para a Lua que ficasse ali sem ser perturbada.

Dentro, Esmé tinha levantado. Ela se sentou na mesa bebendo uma xícara de café enquanto um programa de notícias no rádio zumbia silenciosamente. Tomas estava com ela. Eles pareciam que iam a um enterro.

- O lha quem veio bater na minha janela ao amanhecer, Esmé disse, com só apenas uma luz mortíca em seu sorriso geralmente manhoso.

A respiração de Vivian ficou presa em sua garganta, mas nada na expressão de Tomas sugeria que seus caminhos tinham se cruzado.

- O que aconteceu?

ela perguntou, já sabendo.

Esmé se levantou para pegar outra xícara do armá-

rio. - Alguém achou outro corpo morto. O jornal disse que estava mutilado, mas não disseram como.

- A polícia guarda esse tipo de informação, explicou Tomas. - Desse jeito só o verdadeiro assassino sabe dos detalhes, e eles podem descartar os ex-cêntricos que confessam para

ganhar atenção.

- O nde foi achado? Vivian perguntou.

- Lá na universidade, Esmé respondeu, levando um pouco de café para Vivian. - Atrás de um dos pré-

dios temporários onde eles vão construir o novo departamento de artes.

A rua em que Kelly morava era só há alguns quarteirões daquele lado do campus.

- Eu sei, querida, Esmé a confortou, interpretando mal o rosto pálido de Vivian. - Todos nos sentimos da mesma forma.

Tomas esticou sua mão e acariciou a mão de Esmé.

Ela agarrou seus dedos e os segurou.

- O que você deve achar de nós? ela disse. - Honestamente, você tinha acabado de chegar quando as coisas começaram a ficar malucas. Nós resolveremos essa bagunça... Ela percebeu que estava tagarelando e calou a boca.

O som do rádio pareceu inchar para preencher o vazio deixado pelo silêncio dela, então ninguém perdeu o boletim de notícias: - Numa nova reviravolta bizarra do último

"assassinato da besta", assim chamado, uma fonte reporta que a polícia recebeu uma ligação anônima alegando que os dois assassinatos foram o trabalho de lobisomens. O Comandante Detetive Sirilla recusou a comentar. O repórter da notícia teve alguma dificuldade em esconder seu divertimento, mas recuperou a consciência de mau gosto antes de fazer piada. - Esses são, claro, crimes sérios, e a polícia apreciaria qualquer informação real que levar a uma prisão."

Esmé inclinou-se em sua cadeira e desligou o rádio.

- Merda, merda, merda.

- Mas quem saberia? Tomas perguntou. - Quem possivelmente poderia saber? Ele estava corado e nervoso.

Vivian estava bem consciente de quem era. *Como ele pôde fazer isso?* Ela pensou em horror. Após todos aqueles doces beijos, como ele pôde achar que ela poderia simplesmente matar? Ela podia duvidar de si mesma, mas ela não tinha dado a ele razão alguma para duvidar dela. Só porque ela podia se transformar em um animal não queria dizer que ela se comportava com um bruto sem cérebro. Então ela se lembrou de rasgar as roupas de Kelly. *Doce Lua*, ela pensou. *Por que ele acharia que eu sou capaz de violência?*

Uma outra coisa a fez estremecer: o locutor dissera lobisomens. Mas os jornalistas erravam detalhes a toda hora, ela ouvia dizer. Talvez Aiden tivesse dito à polícia que fora um lobisomem, no singular. Ele não poderia ter dito lobisomens. O que eu disse a Aiden quando me transformei? ela pensou. Ela em algum momento tinha indicado que havia mais de um de sua espécie? Ele tinha adivinhado que toda a sua família era como ela?

- Eles não acreditarão no informante, Tomas disse. -

Eles acharão que ele é biruta. Ele soava como se estivesse tentando se convencer tanto quanto Es-mé.

- Mas e se houver algum desses vigilantes assustadores aí fora? Esmé perguntou. Vivian se levantou para deixar a cozinha, com medo do que estava aparecendo em seu rosto. - Banheiro, ela murmurou enquanto passava pela porta para a sala de jantar.

Aiden não tinha esperado que sua ligação chegasse aos jornais. *Ele deve estar mijando nas calças agora*, ela pensou. *Eu saberá que eu sei quem contou.*

A ideia devia ter animado-a; ao invés, a deprimiu.

Eu nunca te machucaria, ela prometeu silenciosamente. *Eu não conseguiria te machucar. Eu te amo.*

Ela olhou para fora da janela da sala de jantar em tempo de ver dois policiais vindo pelo caminho da frente.

25

"Vá chamar Gabriel", Esme disse a Vivian.

"Não, eu vou", disse Tomas, tropeçando em seus pés e voando pela porta traseira.

"Muito obrigada pelo seu apoio", Esme disse depois dele sair. "Bem, atenda a porta então, "ela repreendeu Vivian com uma voz frágil e nervosa." Você os viu chegando." Vivian caminhou rapidamente até a porta antes que ela pudesse mudar de idéia e fugir como Tomas.

"Gostaríamos de falar com Vivian Gandillon", disse a policial, e o coração de Vivian acelerou.

"Sou eu", disse ela. Suas palavras saíram como um rangido.

"Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas", disse a mulher.

O sangue fez um turbilhão no ouvido de Vivian como um trem. Ela queria bater com a porta, mas isso não iria fazê-los desaparecer.

"Seria melhor se vocês entrassem", disse ela. "O que há de errado?"

Esme perguntou, chegando ao fundo do corredor.

"Eles querem me fazer algumas perguntas, mãe", disse Vivian. Sua voz era afinada como a de uma criança.

"Sobre o quê?"

"Talvez pudéssemos nos sentar", disse o policial homem.

Esme levou-os para a sala de estar.

Será que Aiden já lhes contou sobre mim? Vivian tentou engolir. Ou eu deixei um rastro?

Mas se eles estivessem seguindo uma trilha, como é que eles saberiam o nome dela?

Os policiais tomaram as cadeiras, uma de cada lado da lareira. Vivian se sentou na borda do sofá, ao lado de Esme. Ela teve que forçar firmemente seu pé no carpete para fazer sua perna esquerda parar de tremer.

"Você conhece uma garota chamada Kelly Desmond?" a oficial perguntou. A boca de Vivian se abriu em surpresa.

"Conhece, querida?" Esme perguntou quando Vivian não respondeu.

"Ah, sim?" Vivian respondeu, tentando olhar inocente e confusa, com certeza ela estava falhando miseravelmente.

"Esta consciente de que houve um assalto em sua casa na noite passada?" a mulher continuou.

"Como é que eu poderia estar?" Vivian perguntou, ganhando confiança. Isso era loucura; havia policiais em sua casa, em sua sala, perguntando sobre um quebra-quebra que ela havia cometido, mas ela poderia até sorrir de alívio.

"Você não estava por perto, então?" o policial disse.

"Inferno, não."

"Achamos que quem invadiu a casa tinha um res-sentimento contra a Sra. Desmond," disse o homem.

Então, eu só dei a resposta errada, Vivian pensou.

"Por que você diz isso?" ela perguntou.

"Porque o seu quarto foi vandalizado e o resto da casa deixado intocado," a policial disse.

"Vandalizado? Como?"

"Não estamos livres para dizer agora", respondeu a mulher.

Vivian lembrou-se do que o Tomas tinha dito anteriormente sobre a polícia não revelar detalhes que só os criminosos saberiam. Ela tinha que ter cuidado.

"Por que você quer falar com minha filha sobre isso?"

" exigiu Esmé.

"Nós entendemos que você pode ter uma razão para estar indignada com a Sra. Desmond", o oficial disse a Vivian. "De acordo com a Sra. Desmond, você pode estar com ciúmes, porque ela está saindo com seu ex-namorado."

Doce Lua, Vivian pensou. *Eu não estou fora dos problemas ainda.* Ela chamou a si mesma para fazer um show de indignação. "E ela pensa que eu ia entrar na casa dela e deixar seu quarto um lixo por isso?"

"Parece provável que para ela, sim," respondeu o homem.

"E o que acontece com as outras garotas que ela chateou?" Vivian perguntou. Podia sentir o suor molhar as axilas dela. "Kelly não é exatamente conhecida por seu agradável caráter. Pergunte a qualquer um."

"Contudo", disse a polícia, "temos de perguntar onde você estava ontem à noite entre à meia-noite e às seis horas" "Ela estava comigo."

Vivian olhou surpresa para a porta da sala. Gabriel estava parado, suas mãos nos bolsos de seu jeans.

Esme começou a falar, mas Gabriel a cortou. "Sinto muito, Esme. Nós esperávamos lhe contar sobre nós em um momento mais conveniente. Passamos a noite no meu apartamento."

Esme aproveitou a ocasião. "Gabriel, eu confiei em você."

Vivian agarrou o álibi, o que mais ela poderia fazer? "Como você pode ver," ela apontou ousada-mente. "Eu não desejo meu ex-namorado."

"Alguém pode confirmar a sua história?" pediu o agente do sexo masculino. Vivian não deixou passar a reprovação nos olhos dele.

"Pergunte a Bucky Dideron," Gabriel sugeriu. "Ele é meu vizinho de baixo. Ele nos viu sair esta manhã. Ele se queixou de termos mantido ele acordado metade da noite."

Vivian enrubesceu furiosamente. Ela podia imaginar como se supunha que ela e Gabriel haviam conseguido isso. Aparentemente, os policiais podiam também, porque não pedirão mais detalhes.

Levaram os nomes de Gabriel e Bucky e seus endereços e, em seguida, saíram prometendo voltar se tivessem mais alguma dúvida.

"Que diabos está acontecendo?" Esme perguntou a Vivian quando a porta fechou atrás dos policiais.

"O lha, eu bebi um pouco. Cometi um erro, ok?" Vivian foi para a cozinha e serviu uma xícara de café que ela não queria.

Esme a seguiu. "Isso é um puta erro."

Vivian se afastou, mas Esme caminhou ao seu redor para ficar de frente para Vivian. "Imagino que você realmente se encontrava na casa daquela garota."

Vivian não respondeu.

"Você está louca?" Esme gritava. "Não temos problemas suficientes?"

"Deixe-me falar com Vivian", disse Gabriel. Vivian não tinha sequer notado que ele entrara na cozinha.

"Eu vou falar com a minha própria filha, obrigado", respondeu Esme. "isto é um negócio de família".

"Quando os policiais estão envolvidos, é um negócio do *bando*", disse Gabriel. "Vá chamar Bucky".

Seus olhos brilhavam enquanto ele encarava Esme, sem pestanejar. Vivian se perguntou como é que ele poderia demonstrar tanto sangue frio e ainda olhar como se ele estivesse pronto para atacar.

"S e você quer assim", Esme finalmente cuspiu, e se retirou.

"Você chegou aqui rápido", disse Vivian.

"Eu já estava no caminho para ver Rudy, quando aconteceu. Tomas quase me bateu para fora dos meus pés". Vivian percebeu que o brilho nos olhos dele parecia ter mais humor agora. "Eu não sabia que era necessário um álibi, mas estou feliz em ajudar."

"Bem, você não precisava chegar com um tão nojento." Ela se tentou e tentou ignorar ele. "Eu não acho a idéia nojenta", disse ele. Ele não pretendia esconder o sorriso agora, mas foi fugaz. "A polícia estava certa, não estava? Você estava com ciú-

mes." Vivian tomou um gole de café e fez careta.

Ela esqueceu o açúcar.

" *Homo sapiens* pode ser muito atraente", disse ele, sentando-se à mesa com ela.

Vivian tinha esperado que ele batesse nela. Ela levantou sua sobrancelha em surpresa, mas não disse uma palavra.

"A necessidade de dominar é criada em nós", Gabriel continuou, "e eles são fáceis de dominar. É

sedutor, este poder sobre eles. E eles são tão frágeis, há aqueles que quase se deseja proteger."

Ele riu suavemente, e Vivian desejava que ela pudesse rir também, exceto que ela lembrava de Aiden com o rosto branco de choque.

"Mas eles são perigosos", disse Gabriel. "Eles estão desesperadamente com medo de coisas que eles não podem compreender, e há mais deles do que de nós. Eles não podem lutar conosco de forma justa, então nos atacam com fogo e lâminas, ou nos traem nas sombras com balas de prata."

"Vivian, você não pode forçá-lo a amá-la se ele escolheu outro lugar. Você tem que deixá-lo ir. Você não pode confundir a vontade de dominar e proteger com amor. Se continuar desta maneira acabará machucando esta menina, e a polícia já te ligou com ela. Ou pior, você pode se revelar para o garoto, então você terá que matá-lo porque, eu juro pela Lua, ele vai tentar te matar."

Vivian estava espantada ao ver dor nos olhos dele e perguntou por que ela estava lá.

De repente ela desejava que ela pudesse dizer-lhe tudo, porque talvez ele entendesse. Mas ela não podia. Ela era louca se o fizesse. De acordo com a filosofia de Gabriel, ela já havia provocado um castigo sobre si mesma, revelando o seu segredo.

Mas Aiden é doce e gentil, ela pensava. Ele não iria tentar me matar. Sua forma de enfrentar é fugindo de mim.

"Eu pensei que ele me amava", foi tudo que ela conseguiu dizer para Gabriel. "Então ele ficou com ela."

Havia ternura na curva dos lábios de Gabriel. "En-tão deixe o ir, Vivian. Ele é um idiota se não reconhece que bela criatura você é." Ele acariciou a bochecha dela e dessa vez Vivian não se afastou. Ela precisava desesperadamente dessas palavras.

Vivian ouviu a porta da frente se abrir e a voz animada de Rudy. A mão de Gabriel caiu para o lado de seu corpo, e Vivian sentiu falta do apoio com a corrente de ar que lhe atingiu.

Rudy e Esmé entraram na cozinha.

"Você ouviu as notícias, certo?" disse Rudy. "O outro pessoa encontrada morta."

"Sim". Gabriel olhou raivoso novamente. "Se está tudo bem com você, eu gostaria de chamar uma reunião aqui esta noite. Temos de discutir o que fazer."

Rudy foi rápido em concordar.

"Vou voltar para a cama", disse Vivian a ninguém em particular. "Eu não me sinto muito bem".

"Não beba se você não pode agüentar", disse Esmé.

Gabriel foi carinhoso. "Você vai se sentir melhor depois de dormir. Nós vamos vê-la esta noite, não vamos?"

Vivian concordou silenciosamente. Era do seu interesse saber o que o *bando* havia planejado.

Na reunião, Gabriel separou a maior parte do *bando* em parceiros e, então ele criou rotas de patrulha.

"Desta forma nós vamos pegar o assassino no ato", disse ele, "ou talvez impedi-lo de atuar se ele souber sobre as rondas."

Astrid alegou que ela ainda esta va em recuperação de suas feridas. "Eu não devo me sacrificar,"

ela rugiu para Gabriel, e tocou a mancha negra que estava em um dos olhos, e a fazia parecer uma vilã de desenho animado; ele a designou para ajudar Jenny Garnier com as crianças. Astrid enrolou seu lábio, mas não fez objeção.

"Isso vai assustar os pequenos bastardos para com-portarem-se", Esme murmurou.

"Eu vou ficar na minha casa e coordenar as comunicações", disse Gabriel. Ele apontou para Gregory e Finn. "Vocês serão os corredores do prime iro turno e só devem estar fora do meu alcance se algo der errado. Você terá o segundo turno", ele pros-seguiu, apontando para Rafe e Ulf. "E eu sugiro fortemente que vocês esperem na Tia Pérsia, eu não cochilaria lugar de vocês, se alguém morrer enquanto estiverem de ronda, vocês receberam um *close-up* dos meus dentes." Vivian ficou surpresa quando não argumentaram. Talvez eles estivessem aproveitando a excitação.

"Willem, você fica com Vivian", disse Gabriel. "Conhece-a bem. Acho que posso confiar em você para cuidar bem dela."

Vivian notou o olhar de orgulho que Willem tentou cobrir quando viu Finn fazendo barulhos de beijos pra ele. "Eu não preciso de babá", ela protestou.

A carranca de Gabriel virou um sorriso só para ela.

"Deixe que eu julgo isso". Ela fez careta para ele.

"Porque eu não posso fazer uma equipe com minha mulher?"
queixou-se Rolf Wagner. *Ele* ainda não está pronto para ter Gabriel como líder, Vivian pensou.

Gabriel explicou. "Quero que a equipe seja composta por pessoas que geralmente não andam juntas. Isso reduz as chances de alguém estar acobertando outra pessoa. Não é perfeito, mas vai dar álibis às pessoas se acontecer alguma coisa."

"É tão maravilhoso ser confiável", zombou Lucian Dafoe. Uns poucos zumbidos em volta da sala pro varam que havia alguns que concordavam com ele.

Tia Pérsia bateu com sua bengala exigindo silêncio.

Vivian viu Astrid sussurrar a Rafe.

"Eu acho que você tem algum outro negócio", lembrou Orlando Griffin.

Gabriel levantou a mão em aviso. "Sim. É mais importante do que nunca para nós sair desta área agora. Nós deixamos isso parado por tempo suficiente. Não sei o quanto este informante da polícia sabe sobre nós - talvez tenha sido só um palpite de sorte - mas se a polícia não fizer nada, e essa pessoa sabe quem nós somos, ele ou ela pode ser louco o bastante para vir atrás de nós sozinho.

O agente de Rudy havia fornecido uma lista de propriedades rurais que se encaixam nas nossas necessidades. Pretendo visitá-las e tomar uma decisão em breve".

"Se não encontrarmos o assassino antes de partirmos, poderíamos estar levando o problema conosco", disse Bucky em uma só voz mais áspera do que costumava ser. Vivian não o tinha visto nenhuma vez desde a Ordália. Sua garganta foi envolvida com

cicatrizes onde o loiro estranho o tinha atacado. Ela tremeu ligeiramente, lembrando a forma como Bucky tinha ficado louco com o gosto de sangue. Se ela não estivesse tão confusa quanto a seu próprio envolvimento com os assassinatos, a sua aposta seria em cima dele. Ela observou alguns outros inspecionarem ele cuidadosamente.

"Pelo menos, então, nós sabemos que foi um de nós", disse Magda. Sua boca parecia apertada, seu rosto enrugado. Sua cunhada, Renata, acenou em seu apoio.

Raul colocou o braço sobre Renata protetoramente. "Como poderia saber esse informante sobre nós? Quem vai nos levar para longe deles?"

"Quem vai sair com um *meat-boy*?" Astrid disse, olhando para Vivian mordazmente. O coração de Vivian saltou uma batida.

Esme saltou para os pés dela, mas Tomas agarrou seu braço e ela sentou novamente.

"Trata-se de termos como 'pessoas comida', que promovem a atitude que nos colocou nesta confusão, alguém gritou. Vivian perdeu quem.

Gabriel levantou suas mãos para acalmar a onda de vozes. "Todos temos relações com o Homo sapiens na nossa vida cotidiana", disse ele. "Cuidamos atenção não se misturar. Qualquer um de nós poderia ter falado. Até mesmo você", disse ele a Astrid.

Astrid rosou para ele. Os outros na sala olharam uns para os outros desconfiados, com suspeita em seus olhos.

Ter um líder deveria uni-los, Vivian pensou, mas aqui estavam eles, ainda em fragmentos, separados pela desconfiança. É culpa minha, se eu for o assassino, ela disse a si mesma. É culpa minha de qualquer forma, porque disse a Aiden sobre mim, e agora ele pode

usar isso como uma arma contra todos nós. De uma forma ou de outra ela estava trazendo perigo para seu povo.

A reunião acabou, e a primeira patrulha seguiu seu caminho. Esme, emparelhado com uma das meninas que usou para limpar a pousada, foi no primeiro turno. Então seria Tomas; seu parceiro era Bucky.

Vivian e Willem não saíam até a uma. Willem disse a ela que voltaria mais tarde.

Vivian parou do lado de fora e trocou pequenos comentários com o *bando* disperso.

"Não a vejo muito ultimamente, Vivian. Venha para jantar uma noite." "Ei, porque você não corre com a gente algum dia?"

"Dando a sua mãe concorrência no departamento de beleza, querida." "Você está comendo bem, querida? Você está pálida."

Ela deu sentido a evasivas respostas, suprimindo a vontade de abraçar cada pessoa e implorar perdão. E se eles morrerem por causa dela?

Finalmente eles foram todos embora - todos exceto Astrid e Rafe, que inclinaram-se contra uma parede do jardim do outro lado da rua e tocavam-se vergo-nhosamente.

Vivian se afastou com desgosto e viu alguém se aproximando- um homem. Será que alguém do bando esqueceu algo? Ela inspirou profundamente.

Era Peter Q uincey. Porque o melhor amigo de Aiden estava descendo sua rua?

26

Peter Quincey parou no meio do caminho quando a viu.

"Você estava a minha procura, Quince?" Vivian perguntou, tentando soar casual. Não havia sinais de seu comum sorriso que aparecia facilmente, e ela sentiu um certo sofrimento por ele não poder mais sorrir para ela.

"Sim. Digo, não," ele falou. "Eu ia pôr esse bilhete debaixo da porta." Ele segurava um envelope em sua mão direita.

"De Aiden?" Esperança palpitou nela como se fosse as asas de um pássaro.

"Sim. Sabe-se lá por que." Seu tom amargo a machucou.

Ele jogou o bilhete para ela, e ela o apanhou. Ela rasgou o envelope e leu euforicamente. Era um convite para encontrar Aiden naquela noite nas rochas do lado do rio. "Esteja lá às duas da manhã"

ele escreveu. Ela teria se animado, se não fossem as palavras no fim: "Em nome daquilo que um dia nós costumávamos ter, eu espero que você venha."

Costumávamos ter, ela pensou amargurada.

"Ele pode enfiar esse bilhete você sabe bem onde,"

ela disse, e jogou a carta na cara de Quince.

Quince agarrou a carta em defesa própria, cambaleando um passo para trás, Ela ficou arrogantemente satisfeita em o ver todo desajeitado. "Você sabe, eu gostava de você antes," ele disse, "mas

você realmente é uma vadia duas caras." Ele enfiou a carta no bolso de seus shorts largos e recuou para a calçada.

Vivian uivou uma risada sem humor. Ele era muito insensato para conhecer a verdade de suas palavras.

Do outro lado da rua Astrid e Rafe a encaravam com olhares maldosos e zombeteiros em seus rostos.

Ela lhes mostrou o dedo do meio antes de entrar.

No quarto, ela ficou pensando sobre a carta. E se não fosse a intenção dele soar tão final? Talvez ele realmente quisesse voltar. Não. Ela tinha certeza que Aiden queria vê-la apenas para que ele pudesse repetir que estava tudo acabado e mandar que ela ficasse longe de Kelly. Ela estaria quase amaldi-

çoada se ela fosse encontrá-lo para ser humilhada por toda aquela baboseira. Mas se aquilo era realmente tudo o que ele queria dizer, por que enviar Quince com um bilhete? Por que encontrá-la às duas da manhã num lugar desértico?

Então ela lembrou do que Gabriel disse que aconteceria se Aiden descobrisse o que ela era - "Eu juro pela Lua, ele vai tentar te matar." *Não é possível*, ela pensou. Aiden não era capaz de cometer um assassinato. Ou será que ele era, se ele acreditasse que aquilo era o que ele devia fazer?

Eu não quero descobrir, ela pensou.

Mas e se ela não o encontrasse? Ele a perseguiria?

Ele descobriria o segredo do bando?

Quanto tempo mais até que ele convencesse os outros de que era verdade? Ela sabia que era possível que outros acreditassem; ela tinha visto sua última casa queimar.

Eu sou o ponto fraco, ela pensou. Eu sou um perigo para os meus. Eu tenho que ser removida.

Ela poderia fugir. Mas para onde? A idéia de estar sozinha a apavorava. *E se eu continuar a matar?*

pensou. Cada vez que eu mato, eu corro o risco de ser pega. E se eu for pega, talvez eles peguem minha família.

De uma coisa ela tinha certeza: Ela não aguentaria a vergonha de ser julgada por seu próprio povo. Ela não podia se entregar para o bando.

Havia apenas uma resposta real, claro - proteger sua família, seu bando. Ela teria que se matar.

A respiração pareceu abandoná-la por um momento. O tempo parou. Aquela era a resposta. Era tudo tão claro que machucava como água gelada e deixou seu cérebro frio, entorpecido e acordado.

Mas como um lobisomem se suicidava?

Balas de prata, ela pensou e bufou. Claro, sempre havia algumas perdidas pela casa.

Ela parou na janela e inalou o perfume de sua última noite. *Tem que ser rápido, pensou - ela tinha que encontrar uma maneira que não houvesse a possibilidade de amarelar - e tinha que, ou debilitar a espinha dorsal, ou causar tanto estrago que ela não poderia usar seus poderes metamórficos para se curar.*

Se enforcar era uma opção, mas você tinha que fazer certo para que a queda fizesse o pescoço quebrar; do contrário, você apenas sufocava. Sufocamento era doloroso e não matava. O mesmo se aplicava para pular de um prédio alto - Você não podia ter certeza que haveria danos suficientes para morrer. Ela podia deitar sua cabeça no trilho do trem, talvez, mas apenas trens de frete passavam de noite, e eles se moviam tão vagarosamente que ela iria amarelar com certeza absoluta.

Finalmente a perfeita, fora de risco de falha solução veio à ela . Havia um galão de gasolina para o cortador de grama. Havia fósforos na cozinha. Ela pensou na hospedaria pegando fogo, Seu pai preso lá dentro. Fogo - uma tradição de família. Parecia tão certo.

Enquanto descia as escadas, uma pontada de medo passou por ela, mas ela oprimiu aquilo com a certeza da obrigação. Ela não havia morrido no fogo que tinha tomando a vida de seu pai. Ela teria. Isso ajeitaria as coisas.

Na cozinha ela rabiscou um bilhete. Ela queria deixar claro que ela estava morta e o porquê. Ela não queria que Esmé ficasse procurando-a inutilmente, iludida por falsas esperanças.

Quão rápido Esmé aceitasse a morte de sua filha, mais rápido ainda ela poderia continuar a viver sua vida. Parecia que esse novo amante iria durar ali.

Iria ajudar.

Eu sou a assassina. Não me lembro de ter feito isso, mas tem que ser eu. Eu não sei o que me fez enlouquecer. Não foi culpa sua. Agora estou me matando para te manter segura. Desculpa. Eu te amo.

Vivian se sentiu estranha escrevendo - eu te amo -

elas não falavam uma com a outra daquele jeito -

mas essa era a sua última chance. Ela colocou o bilhete na mesa, embaixo da caneca favorita de Es-mé.

Vivian arrecadou a gasolina e os fósforos e saiu pela porta dos fundos. Ela andou por entre as árvores em direção ao rio automaticamente, o galão batendo contra suas coxas. Galhos estalavam, grilos escapavam de seus passos, e um pássaro noturno soltava um ocasional piado suave. Os barulhos eram rápidos, mas surreais, como o som de fundo de um filme. Ela sentia como se um estranho a seguisse por entre as árvores.

Ela seguiu o rio em direção à cidade. Ela não queria dar nenhuma pista para a polícia de quem ela era ou de onde ela morava. Ela não parou até chegar em uma ramificação de troncos que cresciam ao longo do prado do rio. Ali dentro havia uma constru-

ção em ruínas, parte do que uma vez fora uma Co-missão Sanitária.

Ela subiu na caparaça de pedra e olhou ao redor.

Latas de cerveja e lixo se amontoavam no local, e um taco de beisebol amassado manchado de vermelho descansava num canto.

Havia um fedor de urina. Ela imaginou que as pessoas passariam um tempo sem passar por aquele lugar depois de hoje a noite. Um pequeno sorriso amargurado surgiu em seus lábios. Talvez eles até pensassem que ali fosse assombrado.

Acabe logo com isso, disse para si mesma, e ignorou o frio formigamento de medo que aquelas palavras evocaram. Primeiramente ela chutou tudo o que pode do lixo numa pilha no meio do lugar em que estava, e colocou os fósforos fora do caminho, em um amontoado de tijolos, para mantê-los secos.

Porém, quando ela tentou remover a tampa do galão de gasolina, descobriu que não tinha mais for-

ças. *Isso é tão, tão estúpido*, pensou enquanto sua mão tremia e tateava o galão. Ela cerrou seus dentes com força e forçou seus dedos a segurar a tampa. A tampa esmagou ao ser girada, e um cheiro ácido invadiu a noite.

Vivian ergueu o galão para encharcar sua face e arfou com o frio repentino. O vapor que ela inalou a fez espirrar várias vezes. Ela queria jogar o galão no chão e fugir, mas ela se obrigou a ficar. Quando seus olhos retomaram o foco, ela inclinou o galão em suas costas e o levantou ao alto para molhar seu cabelo. Ela derramou o resto da gasolina no lixo aos seus pés.

Isso não vai doer por muito tempo, disse para si mesma enquanto pegava os fósforos, e esperava que estivesse dizendo a verdade para si própria. Ela pensou num funeral Viking: uma barca com formato de dragão, queimando em glória e sendo levado para o mar pelas correntes. Aquilo ajudou um pouco. "Eu sinto muito, pessoal," sussurrou. "Mas vo-cês vão ficar muito bem sem mim.

A ponta de enxofre se esmigalhou contra a lixa; o fósforo não acendia.

"S erá que eu não consigo fazer nada direito?" choramingou. Ela jogou o fósforo de lado, e tateou por outro com dedos pesados e inúteis.

"Vivian!

Ela olhou para cima para ver um garoto e um cachorro virem ao lado da parede.

Não era um cachorro. Seu formato começou a bor-bulhar e se esticar e se transformou em Willem.

"Que merda cara!" Tampou seu nariz.

"Vivian," Ulf chamou novamente. "Não foi você. "

Lágrimas corriam por seu rosto.

Ela ficou olhando para ele estupidamente o tempo suficiente para Willem apanhar os fósforos dela.

Gregory apareceu de uma das paredes mais baixas.

"Ele está vindo?" Willem perguntou. "Sim," Gregory respondeu.

Então Gabriel estava lá.

"Ah, querida," Gabriel disse gentilmente, afastando o cabelo encharcado de sua face "Você precisa de um banho."

27

O joelho de Vivian cedeu, mas Gabriel a pegou antes que ela caísse e a envolveu em seus braços.

"Está tudo bem agora, está tudo certo", ele sussurrou contra seu cabelo embaraçado enquanto a carregava rio abaixo. Ela apertou-se contra o peito dele para parar o tremor, e quando ele a baixou suavemente para o rio ela estava relutante em deixá-lo ir. Mas ela deslizou de seu alcance para retirar suas tiras de roupas arruinadas e, em seguida, imergir na água morna.

"O que faz Ulf dizer, não era eu?" Ela perguntou assim que emergiu pingando do rio.

Greg entregou-lhe a sua camiseta. Veio-lhe até os joelhos.

"Diga a eles," Willem ordenou, a sua mão sobre o ombro de Ulf.

Ulf baixou os olhos e mordeu o lábio. "Astrid chegou em casa com um *meat-boy*, esta noite," disse ele na sua calma, e com uma voz bem alta. "Ela e Rafe. Eles pensaram que eu estava fora, mas eu voltei para pegar o meu saco de dormir e alguns gibis, e acabei me distraíndo lendo uma velha revista, Sandman³¹. Então eu ouvi mamãe chegar em 31 Sandman é uma revista de história em quadrinhos, sucesso de crítica e público. Foi criada por [Neil Ga](#)

[ima n](#) em [1988](#) para o selo [Vertigo](#) da Editora [DC](#)

[Comics](#). Suas histórias descrevem a vida de [Sonho](#),

o governante do Sonhar (o mundo dos sonhos) e

sua interação com o universo, os homens e outras criaturas.

casa com Rafe fazendo um monte de barulho. Pensei que eles estivessem bêbados, e ignorei até ouvir um choro. Olhei pela minha porta e os vi matá-lo."

Gabriel amaldiçoou, e Ulf recuou para o rio. "Esta tudo bem, irmãozinho" Gabriel disse.

"Eu não irei morder."

Oh, Doce Lua, Vivian pensou. Eu quase me matei para nada.

"Eles não me viram", continuou Ulf, assistindo circunspetamente Gabriel. "Eu saí enquanto eles o rolavam no tapete depois do que haviam feito com ele. Eu pulei a janela e fui até a casa de Willem."

"Ele não me disse o que estava errado no primeiro momento", disse Willem. "Mas você conhece Ulf, era óbvio que algo estava errado."

"Como eu poderia entregar minha mãe?" Ulf lamentou.

Willem pôs o braço em volta do pequeno rapaz. "Eu o trouxe para você, Vivian. Eu achei que você saberia o que fazer. Mas então eu encontrei o seu bilhete."

"Ele me chamou," Gabriel continuou impaciente-mente. "Deixei Finn no cargo e vim com Greg o mais rápido que pude. Willem já estava seguindo sua trilha. Eu segui a dele."

Doce Lua, ela a acha uma covarde? Ela não podia deixar que ele pensasse isso. "Eu estava fazendo isso pelo *bando*", disse ela. "Para protegê-los de mim."

Os olhos escuros de Gabriel se fecharam em uma carranca. "Mas por que você achou que era o assassino?", indagou. Ele dobrou os braços e esperou por algum retorno dela.

Foi Rafe quem tinha dito que ela tinha caminhado pelo Tooley naquela noite, e Rafe dado a ela sua bebida - Rafe que desprezara ela e agora era o companheiro de Astrid, que detestava ela também.

"Ulf", disse ela. "Eles disseram alguma coisa sobre armar para mim?"

Ulf engoliu. "Não. Eles só olharam nos bolsos dele. Minha mãe encontrou alguma carta com ele.

Quando ela leu, ela riu."

O temor tomou o peito de Vivian como uma mosca negra do mal. "O que dizia?" ela exigiu.

Ulf vacilou. "Eu não sei. Mas, depois de lê-lo Rafe disse, 'Eu prefiro estar lá as duas.'"

"Quince", Vivian gritou, e cobriu sua boca.

Gabriel pegou seu braço. "Era o seu namorado? O

que você queria provocar ciúmes?"

"Não. O amigo dele." Lágrimas cegando ela. "Ele trouxe-me uma mensagem de Aiden. Astrid e Rafe estavam do outro lado da rua quando nos falamos.

Eles devem ter seguido ele." Súbito pânico apode-rou-se de Vivian. "Que horas são?" Gregory olhou para seu relógio. "Uma e quarenta e cinco."

"Eles estão indo encontrar Aiden." Ela virou-se para Gabriel. "Você tem que detê-los. Por favor. Vá atrás deles."

"Onde?" ele perguntou.

"As rochas pelo rio, atrás da minha casa."

"Greg, volte para minha casa e conte ao Finn", disse Gabriel. "Veja quantos membros do *bando* você consegue encontrar. Willem, Ulf vocês vêem quem ainda esta no Tooley's. Nós iremos precisar de alguns dentes fortes esta noite. Eu estou convocando um Julgamento". Os meninos saíram.

"Vivian, você tira o garoto d e lá antes que Astrid apareça. Eu vou rondar quem está em sua casa, então eu vou estar atrás de você na hora de encontrar Astrid."

"Não", chorou Vivian. "Eu não posso ir."

Gabriel parou o seu caminho. "Porque, pelo Amor da Lua?"

"Ele está com medo de mim", disse ela. "Ele não vai me ouvir."

"Você disse a ele", disse Gabriel. Seu tom estava resignado, como se ele já tivesse adivinhado.

Ela concordou lastimosamente. "Mas só de mim, ninguém mais", ela explicou, rapidamente. Doce Lua, ela não tinha assinado a sua sentença de morte, tinha?

Gabriel deu um suspiro profundo. "Não é bom, mas não é o pior dos nossos problemas agora.

Não podemos arriscar outro corpo aparecendo em nosso território, especialmente se há outros que sabem que ele foi encontrar você. Ar raste-o para fora de lá, se for preciso." Uma dor cresceu na garganta de Vivian. "Mas e se ele estiver indo lá para me matar?"

"S e não o fizer, ele pode ser quem vai morrer. Você quer isso, Vivian? Queria ele como seu companheiro, lembre-se. Nós não abandonar os nossos parceiros."

Ele me abandonou, ela chorou por dentro. Mas Gabriel estava certo. Ela devia ajuda a Aiden. Sua vida estava em perigo por causa dela.

"Vamos lá", disse ela. "Estamos perdendo tempo."

Eles correram pelo rio, lado a lado, as costas para a lua tardia, e Vivian desejava que ela pudesse correr de quatro, mas se Aiden a visse em pêlos seria horripilante para ele. Quando as rochas passaram à frente, os seus caminhos divergiram, e Gabriel foi a toda para a casa dela. Foi então que ela viu duas formas, junto ao solo, caçando abaixo no prado. Mesmo na luz do luar ela poderia dizer que era um vermelho desbotado.

Uma ondulação fluiu através dela, mas ela forçou seus membros para ficar em forma, embora cada molécula gritasse que a melhor maneira de proteger Aiden seria se transformando. O esforço deu-lhe cólicas, e um suor de pânico quebrou em sua testa. Ela derrapou em torno das rochas sobre um barranco solto. Ali estava ele, encostado nos escombros.

Aiden saltou em seus pés assim que ela correu em direção dele, o seu rosto gravado com severidade à luz da lua.

Vivian o alcançou. "Temos que sair daqui." Ele deu um solavanco para fora de seu alcance. "Vamos", ela implorou. "Não posso explicar agora." Um pu-xão em suas costas e uma facada de náuseas a fez cambalear; talvez ela tenha que persegui-lo depois de tudo.

"Não me toque", ele chorou, e levantou os braços.

Ele apontou-lhe uma arma com ambas as mãos como um policial da TV. Ele ia atirar, ela sabia pelo olhar no rosto dele.

"O h, Aiden." Suas palavras foram um suspiro quebrado.

"Eu vim para te libertar do seu tormento", disse ele.

28

- Eu tenho uma bala de prata, Aiden disse, e a arma tremeu ligeiramente. - Eu mesmo a fiz com o equi-pamento do meu pai.

- Com o que, as melhores facas e garfos? Sua es-córnia afundou. Ela se lembrou do crucifixo de prata em seu quarto, e da coleção de armas do pai dele.

Ele pareceu surpreso por ela tê-lo quetionado. - Eu a fiz com coisas que eu tinha, como o colar que você jogou de volta para mim.

Sangue correu no rosto de Vivian; o colar na casa da Kelly não era dela. Mas isso era pior.

Ele tinha guardado seu presente de amor para ma-tá-la com isso. Ela estremeceu. - Só uma bala? ela perguntou.

- Isso é coisa minha. Seus olhos escuros estavam opacos de medo à luz do luar.

- Bom, é melhor você ter mais, ela disse a ele, -

porque os verdadeiros assassinos chegarão aqui a qualquer momento. *Pobre A iden*, ela pensou. *Ele odeia armas*.

- Pare de mentir, por favor, ele disse, a tristeza em sua voz combinando com o jeito que ela se sentia. -

O assassino só pode ser você.

A risada aguda de Astrid penetrou a noite. - Tem certeza? Ela andou ao redor das pedras.

Horror brotou nos olhos de Aiden a medida em que ele a via, parcialmente transformada, suas orelhas pontudas, seu peito emergindo de uma macia pele vermelha. Ela tinha abandonado sua atadura, e um nó de tecido de cicatrização desfigurava seu rosto onde seu olho direito tinha estado. A arma de Ainde balançou e mudou para o novo alvo.

- Posso me juntar à festa? A voz de Rafe veio de trás de Vivian, e ela girou para encará-lo.

Seu cabelo estava uma juba bagunçada por suas costas nuas, suas unhas eram garras, e seus olhos brilhavam vermelhos.

Aiden virou a arma na direção de Rafe. Pânico dis-torceu seu rosto. Vivian recuou até estar ao lado de Aiden. - Você acredita em mim agora?

Seu - sim saiu como um guincho, mas apesar de seu medo, Aiden marcou seu território, lentamente movendo sua arma em um arco entre Astrid e Rafe.

- Estamos brincando com armas? disse Astrid. -

Você sabe que balas não podem nos machucar, menino-carne. O u ela não tinha ouvido Aiden dizer que ele tinha uma bala de prata ou ela não acreditava nele.

- Se você for embora agora, Vivian, você não terá que vê-lo sofrer, Astrid ofereceu.

- *Você* caia fora daqui, Vivian rosnou. - Eu não vou deixar você machucá-lo. Astrid sorriu maliciosamente. - Ah? E você é quem manda, é?

- Vamos, Viv, ele não é nada para você, Rafe disse.

- Esse horripilantezinho estúpido ia atirar em você.

- Ah, mas ele é algo para você, não é? disse Astrid.
- É por isso que eu terei tanto prazer em matá-lo.
- Tente, Aiden conseguiu dizer. Ele não soava confi-ante.
- Se não conseguir dar dois tiros rápidos, não faça isso, Vivian sussurrou.
- Ele sabe agora o que somos, Vivian. Ele tem que morrer, Rafe provocou.

As garras de Vivian deslizaram para fora e para dentro, e seus dentes doíam com o desejo de crescer. Uma cauda retorceu-se invisível em suas costas como um verme. Ela não conseguia se controlar? Ela era verdadeiramente só um animal? Mas ela ousou não se transformar. Era muito provável que Aiden atirasse nela se ela o fizesse. *Aonde diabos está o Gabriel?* Vivian pensou. Ela teria que enrolar. - Por que você armou para mim? ela perguntou.

- Vivian esperta. Você descobriu, Astrid respondeu. -

Dê uma mãozinha a garota, Rafe. Ah, mas você já deu, não deu? Ela gritou com uma risada.

- Foi uma piada, Viv, Rafe disse. - Você estava sendo um saco, agindo como uma menina- carne. Nós teríamos te contado."

Vivian notou o olhar desdenhoso que Astrid lançou a Rafe. - Por que você armou para mim, *de verdade*, Astrid?

- Porque eu te odeio, Astrid cuspiu. - E eu acho que vou te matar, também. Ah, querido, ela continuou em uma voz cantineia. - Nós chegamos quando ela estava massacrando o garoto e tivemos que pará-

la. Deve ser ela a assassina.

- E como você irá explicar as mortes que continua-rem acontecendo depois que eu me for? Vivian disse. - Você não acha que ela vai parar, acha, Rafe?

Ela é louca. Não consegue ver isso?

- Ei, pera lá, Rafe disse, começado a parecer preocupado. - É uma piada, certo?

- Você é tão idiota, Rafe, Vivian disse. Isso apagou o sorriso do rosto dele.

- Não está satisfeita com um amante, está? Astrid rangeu os dentes. - Você tomou Gabriel de mim, mas quer manter o garoto também.

Suas palavras surpreenderam Rafe. - Ela não tomou Gabriel de você.

- Eu podia ter tido ele se não fosse por ela.

- Mas ele não queria você, Rafe disse, mágoa e raiva em sua voz. Ele não mais encarava Vivian e Aiden.

- Eu teria feito ele mudar de ideia, Astrid respondeu, virando-se para Rafe.

Vivian não conseguia acreditar na sua sorte.

- Mas você me tem agora. Por que isso deveria importar? Rafe gritou.

Ela tinha que confiar no bom senso de Aiden ou ambos morreriam. - Atire nele. Eu pego ela. Ela arrancou sua camiseta e correu.

A mudança rasgou por ela. Ela saltou no ar como uma garota, mas desceu como uma criatura, e ouviu um tiro e implorou que não

fosse para ela. Ela se atirou no peito de Astrid. Seus dentes encontraram a garganta de Astrid.

Astrid fez a mudança completa enquanto elas atin-giam a terra, e ela se retorceu e moveu rapidamente enquanto tentava se livrar de Vivian. Vivian não conseguia respirar com o pelo de Astrid em seu nariz, mas ela não soltaria. As garras e traseiras de Astrid arranharam a barriga de Vivian, mas Vivian girou o lobo vermelho de lado e a perfurou a fundo. O

gosto de sangue explodiu na boca de Vivian. *Vai me assustar, cadela?* ela delirou-se por dentro. *Me fazer pensar que eu estou fora de controle? Eu vou te mostrar o que é fora de controle.* Ela percebeu que o retumbar em sua cabeça era o som de sua própria raiva rosnante.

Então de repente ela foi chacoalhada como um pano e se descobriu no ar. O choque a mudou parcialmente de volta para a forma humana.

- A Lei é minha para distribuir, trovejou Gabriel. -

Mas bom trabalho, ele sussurrou,
colocando-a de pé.

- Onde diabos você estava? ela limou.

- Removendo um tapete da sua entrada, ele respondeu.

Os truques da Astrid novamente, ela pensou, e viu a ré, agora em uma forma semi- humana, segurada por Rudy e Tomas, enquanto tossia e lutava fracamente. Rafe estava deitado em um amontoado imó-

vel no chão. Ele estava em sua pele, então estava provavelmente morto. *Grande Lua, o garoto consegue atirar, afinal*, ela pensou e

estremeceu. Seus olhos procuraram por Aiden.

Aiden olhou ao redor selvagemmente enquanto, um por um, outros membros do bando apareceram e formaram um semi-círculo na margem do rio. Alguns estavam em pele e alguns estavam em pelo, outros estavam entre; os olhos brilhavam vermelhos, dourados, e verdes na luz da lua afundando. Vivian viu Esmé. Orlando Griffin e Persia Devereux estavam lá.

- Você se condenou com suas próprias palavras, disse Gabriel para Astrid enquanto ele se aproximava dela. - Você matou humanos por prazer. Você deliberadamente colocou o bando em perigo e atormentou um de nós. Ele estava de pé na frente dela agora. - Você sempre será um perigo para nós.

Nós não temos prisões, nós não temos carcereiros.

Essa é a única sentença.

Ele rapidamente esticou ambas as mãos e quebrou o pescoço de Astrid. Ela caiu no chão e chutou algumas vezes, então ficou imóvel.

Enquanto Gabriel virava-se para longe do cadáver, Vivian viu dor em seus olhos, não prazer, e ela entendeu o fardo que ele tinha como líder. Mas seus lábios se apertaram e determinação velou sua tristeza. - Essa é a Lei, ele gritou.

- Essa é a Lei, veio o berro de todos. Aqueles em pelo soltaram um rosnado. Os outros se juntaram.

Ulf estava chorando em seus punhos, e Willem e Finn, de quatro, se aproximando para confortá-lo.

Gabriel pediu silêncio. Todo um uivado não era sá-

bio nesse lugar.

Aiden! Vivian percebeu que ela tinha se esquecido dele. Ele estava agachado no chão, com ânsia de vômito. - Está tudo bem agora, ela disse a ele gentilmente. - Você pode ir. Gabriel chegou mais perto, oferecendo sua mão. Aiden hesitou e levantou seu braço. Ele ainda segurava a arma.

- Não! Vivian gritou.. - Ele está deixando você ir. Ela foi para a frente de Gabriel enquanto o tiro explodia.

Uma força em seu peito a nocauteou para trás.

Uma sombra escura passou voando por ela. Havia milhões de estrelas no céu. De algum lugar distante Esmé gritou.

- Fique para trás. Eu estou com ele, Gabriel ordenou.

Ela sentiu mãos nela, mas ela não conseguia ver.

Ela sentiu o perfume Paris de Esmé, e o cheiro pul-verulento de mulher velha estava em todo o lugar.

Tia Persia ordenou que Bucky corresse para pegar sua bolsa.

- O que você fez, disse Gabriel, a visão dela clareou como se seus olhos desejassem a visão dele. Ela viu Aiden sobre ela, Gabriel segurando seus braços. Lágrimas escorriam pelo rosto de Aiden.

- Você atirou na única pessoa aqui que liga para você, Gabriel disse, e suas presas tinham crescido.

- Sinto muito. Eu sinto tanto, Aiden sussurrou. - Eu não queria atingir você. Eu achei que podia te matar quando eu cheguei aqui, mas quando eu te vi sabia que não podia. Agora eu te matei de qualquer jeito.

- Ninguém está morto ainda, garoto, retrucou a tia Persia.

Vivian precisou de toda a energia que tinha para falar. - Deixe-o ir, ela disse.

Um relampejo de ternura cruzou o rosto de Gabriel.

- Por você, ele respondeu. - Garoto, ele disse dura-mente. - Há mais de nós do que você jamais saberá. Se você disser uma palavra sobre isso, chegará a mim. Não haverá lugar algum onde você estará a salvo. Aiden olhou ao redor para o bando reunido, seus olhos chocados e enormes. Ele acenou, incapaz de falar. Seu mundo tinha mudado. Agora sombras sempre assumiriam formas ameaçadoras. O

que ela tinha feito? Ah, pobre, pob re garoto. Ela era mesmo um monstro. Ela tinha deixado ele inseguro para sempre.

- Tome seu rumo, Gabriel ordenou. Ele soltou os braços de Aiden.

Aiden deu um passo, então pausou. - Por favor, ele disse baixinho. - Deixe-me saber como ela está.

- Se ela morrer você saberá, Gabriel rosnou.

Aiden saiu correndo.

- Vivian, minha querida, disse tia Persia. - Me ajudaria se você assumisse uma forma ou outra.

Vivian reuniu aquela força interna que ela não conseguia nomear e tentou o aperto secreto.

Lobo, ela pensou, nomeando sua forma animal com seu nome imperfeito, mas a náusea rasgou-a. O

pensamento de sua forma em pelo a enojou. Huma-na então. Ela tentou novamente, mas nada aconteceu. Ela tentou novamente e

novamente e novamente.

Eu não consigo mudar, ela pensou, sua garganta elevando-se. Eu não consigo mudar.

Ela estava presa no meio.



Setembro

Lua da Colheita

29

Vivian segurava um pincel na sua mão arranhada e arrastava gordas pinceladas em todo o mural, escondendo a floresta e os lobos da parede do seu quarto com uma desigual tinta branca. *Isto não é mais meu*, ela pensava. *Não tem sido meu por um longo, longo tempo. E nunca será meu novamente.*

Ela não tinha saído de casa por mais de duas semanas e meia, ela mal falou com a família dela, e sempre que Gabriel a visitava, ela se retirava para o seu quarto. Porque ele queria vê-la agora?

Tia Pérsia havia chegado por duas vezes com po-

ções de ervas que ela havia feito. Nada funciona-va. "É com você agora", ela disse. Em outras palavras, era inútil. Mais e mais Vivian trincou novamente seu músculos e determinou-se a alterar para uma forma ou outra, mas ela era como um bloqueio enferrujado preso no entre- não importava o quanto ela se forçava, a chave não se movia, nem frente nem para trás. A lua cheia tinha vindo e ido, e ela permanecia a mesma, imutável, incapaz de se transformar, congelada.

É tudo culpa minha, ela pensava enquanto limpava sua testa com um braço forrado de pêlos, empurrando a manga de seu roupão de seda frouxo.

Tentei ser o que eu não era, e agora eu não posso ser nem o que eu deveria. Eu sou uma aberração.

Ela respingou a tinta em um súbito arco de raiva.

"Uma aberração! Uma aberração! Uma aberração!"

ela gritava. E por causa dela um garoto inocente estava morto.

Os jornais já tinham esquecido Peter Quincey, mas os carros de polícia ainda rondavam a vizinhança o triplo de vezes da frequência habitual, e um grupo de civis preocupados reuniram-se na escola, e as crianças foram informadas para estar fora das ruas às onze. Ninguém tinha certeza se um detetive não iria aparecer em sua porta. Todo o *bando* ficou aliviado com a notícia de que Gabriel havia aprovado a compra de uma propriedade em Vermont. A parcela incluía uma pousada e terrenos ao lado do Green Mountain National Forest. Eles poderiam voltar aos negócios de família e estavam isolados o suficiente para correrem livres. Em uma semana aproximadamente Gabriel estaria subindo para assinar os papéis. Eles poderiam fazer planos. Poderiam pensar no futuro.

"O futuro". Escarro saiu entre os dentes de Vivian e aderiu a pintura sobre a parede. Que futuro que ela tem? *Eu não vou*, ela decidiu. Por quanto tempo o bando seria gentil com ela? O que mais ela seria além de uma feia lembrança do ano no subúrbio?

E como ela poderia suportar fingir viver uma vida normal, quando ela nunca mais poderia correr com o bando novamente? Ela pertencia aos malucos em um carnaval, mas ela ia ficar aqui, nesta sala, escondida.

Houve um barulho as suas costas e uma de suas orelhas peludas inclinou na direção da janela. *Maldição*, ela pensou. Willem e os outros estavam perdendo boa parte das noites no alpendre do telhado fora dela janela. Eles se recusaram a deixá-la ficar sozinha. "Nós ainda somos os Cinco, Vivie" Willem tinha dito. "Sim, você é um de nós", Finn tinha concordado. Se a noite estivesse mais fresca ela poderia ter fechado a janela e ignorado eles, mas ela não se sentiria sufocada apenas para espantá-los.

Ela puxou seu roupão, fechando e andou a janela, tão ereta quanto sua espinha permitia. Claro o suficiente Willem, Gregory, e Ulf pularam para o telhado. Finn despreendeu-se dos galhos de carvalho com um baque suave. Atrás deles um relâmpago riscou o purpúreo

céu, engolindo as estrelas. Como de costume, os rapazes estavam nus e metade transformados. "É o último estilo", disse Willem quando ela questionou. "Todas as melhores pessoas o estão usando." Uma vez mais ela silenciosamente agradeceu ao desconhecido paisagista que tinham plantado árvores que abrigavam o telhado de ambos, sol e olhos curiosos.

"Nós temos uma outra para você", Wille disse. Vivian bufou. Eles estavam passando por todas as coleções musicais procurando canções de lobisomem. Para inspirar-lhe, Finn disse, embora ela sus-peitasse que era para sua própria diversão. Na noite passada eles tinham cantado "*Moon over Bourbon Street*", por alguém chamado Sting. O canto deles era horrível. Na noite anterior, enquanto eles estavam cantavam "*Werewolves of London*", Esme havia ameaçado lançar a mangueira sobre eles, se ela conseguisse apenas parar de rir. Esme estava muito feliz esses dias, desde que Tomás havia se mudado para a casa deles. Vivian tinha tentado atrapalhar, lembrando que ele tinha fugido quando a polícia chegou. Esme apenas sorriu. "Ele é um amante, não um lutador", disse ela. *Minha mãe deveria se preocupar comigo, e não babar por um namorado*, Vivian pensou, esquecendo o número de vezes que Esme havia batido na porta, só para ser enxotada.

Gregory anunciou a seleção da noite, "No One Lives Forever", de Oingo Boingo. Vivian rolou seus olhos dourados e esperava que quem houvesse doado o CD tivesse sido forçado a ouvi-los cantar.

Ela deu as costas para eles, mas a sua rejeição não os fez hesitar.

Mesmo Ulf se juntou a essas serenatas, embora ele falasse ainda menos que o habitual atualmente.

Gabriel tinha tomado ele, de acordo com Gregory, que parecia um pouco invejoso para ela.

"Sim, ele solicita irmãozinho", Finn escarneceu, mas Vivian viu um raro e fugaz sorriso no rosto de Ulf.

"Puxa-saco", Gregory acusou u carinhosamente, cuspiendo para Ulf. Todo mundo estava feliz, exceto ela.

"Vamos, Vivie", Willem chamada através da janela, despertando ela. "Vamos correr na floresta." Ela ainda não tinha nem percebido que a música tinha acabado.

"Não", ela respondeu sem virar para ele. "E você não iria ficar fora depois do horário de recolher se você fosse esperto." Ela ouviu seu suspiro.

Os meninos deixaram o telhado calmamente.

Lá embaixo a porta da frente bateu e a risada de Esme encheu o ambiente. Após uma breve pausa, Vivian ouviu a cadência dos passos de Esme subir as escadas e, em seguida, o previsível bater em sua porta quarto.

"Vivian, querida?" a voz de Esme era hesitante. "Já foi lá embaixo hoje?" Vivian não respondeu. Ela sentiu as palavras, mas ela não quis falar.

"Vivian!" A voz de Esme era nítida. "Pare de ser idiota. De que importa se você esta presa. Lidar com isso."

"É fácil para você dizer," Vivian respondeu.

"O h, querida." Esme pareceu arrependida. "Vamos estar em breve em Vermont. Vai ser melhor lá.

Você poderá obter mais ar fresco".

"Em vez de ser o segredo em cima da sala', você quer dizer?"

"Ah, terá o seu próprio caminho," Esme bateu, e Vivian a ouviu descer.

Um toque no batente de sua janela a fez sobressaltar. *O que eles querem agora?* Ela pensou raivosamente, e virou-se para dizer aos meninos para darem o fora.

Gabriel estava fora.

Ela correu para a janela e tentou fechá-la, mas com uma mão e pouco esforço ele a parou. Seus olhos eram estrelas escuras, sua expressão ilegível.

"À um tempo atrás", disse ele em uma voz que era um trovão aveludado, "Eu matei a menina que eu amava."

30

Vivian se afastou da janela andando para trás, com medo de tirar seus olhos do rosto de Gabriel.

Ele levantou o tanto que estava fechado da janela com um puxão forte. "Eu nunca tinha contado para ninguém, mas eu vim aqui pra te contar." Ele entrou no quarto.

"Diga logo o que você veio dizer," Vivian ordenou, seu coração batendo forte. O mais cedo que ele o fizesse, mais cedo ele sairia.

Gabriel olhou ao redor e bateu com seu polegar em seu lábio inferior, pensativo. Ele sentou na cama dela. As molas rangeram em protesto quando ele se encostou no travesseiro e esticou suas pernas. Ele era grande demais pro quarto dela; ele ocupando a cama era intimidade demais. Vivian puxou o colarinho de seu roupão.

"Quando eu estava vagando pelo mundo," ele falou,

"eu conheci uma dançarina em um bar. Ela não se encaixava lá-- muito instruída, muito sensível--mas ela se encontrava em uma época complicada. Ela precisava de alguém para protegê-la dos caras que a abordavam com desejo demais. Eu adorava vê-la dançar. Ela era flexível e linda, mas havia alguma coisa de frágil nela, claro, ela não podia se transformar. Apenas de olhar para ela eu me sentia grande e poderoso. Isso me excitava.

Vivian sentou na cadeira ao lado da sua escrivaninha. Aquela história a irritava.

"Eu não conseguia ficar longe do bar," Gabriel disse.

"A garota se tornou minha obsessão. Eu teria feito qualquer coisa por ela. Eu me surpreendi com o qu-

ão rápido eu a ganhei, porque eu achava que ela era boa demais para mim. Nós nos tornamos amantes e eu estava mais feliz do que nunca. Ela era gentil e entusiástica, e eu acreditava que eu a satisfazia, mas sempre havia alguma coisa faltando para mim. Aquele sentimento me atormentava, mas eu não podia apontar qual era a causa disso.

Vivian lembrou de como Aiden estava sempre beijando ainda quando ela queria que ele mordesse.

"Eu não quero ouvir isso," ela interrompeu, corando.

Gabriel deu uma risada curta e sem humor. "Não tenho nem dúvidas que você não quer, mas você vai.

Vivian suspirou e ficou quieta.

Gabriel continuou. "Eu descobri, entretanto, que se eu me transformasse apenas um pouco enquanto nós estávamos na cama, eu teria mais prazer. Eu pensei que talvez eu sentisse culpa por esconder o verdadeiro eu da mulher que eu amava, e que me transformando eu estaria sendo mais honesto sem realmente falar nada. Mas se tornou cada vez mais difícil para mim não me transformar completamente quando nós estávamos na cama.

Naquele momento, Gabriel olhava fixamente para Vivian com uma intensidade formal, mas agora seu olhar a atravessava, como se ele estivesse olhando para o passado.

"Então, uma noite, eu fui longe demais e não tinha mais volta." Os músculos de seus braços se retraí-

ram e se destacaram quando ele agarrou os lençóis com força. Sua voz se tornou áspera. "No meio de um beijo, ela me empurrou e

deu um grito de medo.

Era insuportável.

Eu devia ter entendido seu medo, mas a lógica já não estava mais presente. Aquele era meu verdadeiro eu e ela me odiava. Eu estava envergonhado de tê-la assustado, acabado e com raiva que ela havia me rejeitado. Eu a chacoalhei enquanto eu ainda tinha braços. 'Sou apenas eu,' eu lamentei. Eu amo você.' Mas minha boca não tinha mais o formato apropriado para a fala.

"Ela gritou e me chamou de besta asquerosa. As palavras dela me machucaram até a alma.

O quarto se iluminou de vermelho. Eu a acertei.

Gabriel fechou seus olhos. "Um dos nossos agüentaria aquele golpe.

Vivian observou o subir e o descer do peito dele enquanto ele se esforçava para manter o controle.

Sem perceber o que ela estava fazendo, ela levantou e foi até ele.

Quando ele abriu os olhos e olhou para ela, ele pareceu ser muito mais jovem do que antes.

Ele tem apenas 24 anos, Vivian lembrou. Era sua auto-segurança que o fazia parecer tão mais velho.

"Eu não queria matá-la," Gabriel disse. Sua voz falhou.

Vivian lembrou do medo no rosto de Aiden, e o desespero que ela sentiu. Ela afundou na cama ao lado de Gabriel. "Eu sei, eu sei." O tomou em seus braços.

Se ela não tivesse pulado pela janela, ela poderia ter matado Aiden.

Gabriel se segurou nela, colocando a cabeça no seu ombro. "Eu fugi daquela cidade e vivi por meses como um errante. Eu tinha vergonha de retomar minha forma humana novamente.

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo enquanto ela acariciava sua cabeça.

Finalmente ele suspirou. "Obrigado. "Você podia ter me dito," ela resmungou. "Você teria ouvido?" ele perguntou.

"Não.

Gabriel beijou seu pescoço vagarosa e deliberadamente. Ela se afastou rapidamente. Como ele conseguia beijá-la com ela estando com aquela aparência?

Ele devia ter adivinhado seus pensamentos. "Vivian, você é linda de qualquer maneira.

Ela corou. "Por que nós nos atrairíamos por um deles então?" ela perguntou.

"Vários motivos," Ele falou distraidamente enquanto olhava fixamente para os lábios dela. "Eles se parecem conosco, pelo menos com o que nós parece-mos de vez em quando, e quando você está sozinho--

"Mas eles não são como nós," Vivian interrompeu.

"Eles não podem se transformar," Gabriel disse, deixando de olhar para os lábios dela e olhando para seus olhos. "Mas eu acredito que eles têm uma besta dentro deles. Em alguns está enterrada tão fundo que eles nunca sequer sentirão; em outros, ela se movimenta, e se uma pessoa não consegue se conter, ela toma conta e cria raízes e se mostra de maneiras diabólicas. Eles não podem se transformar, mas ainda sim podem ser a besta de seus

piores pesadelos. É uma benção que nós possamos exorcizar esses demônios. Às vezes, é nossa maldição.

"Você pensou bastante sobre isso," Vivian disse. Ela apenas tinha levado em conta suas ações, ordens e arrogância até agora.

Ele pegou sua mão. Dessa vez ela não se afastou.

"Mas eles não podem nos amar," ela disse. "Não quando eles descobrem o que nós somos. Como é aquela lenda? Um lobisomem pode ser morto por uma bala de prata atirada por alguém que o ame.

Acho que Aiden não me amava. Eu não morri.

Gabriel apertou sua mão. "Garota tolinha. Ele não amava Rafe, e Rafe está mais morto que nunca. A mira dele não estava lá aquelas coisas quando ele atirou em você, E nós tiramos a bala antes de você ser envenenada.

"Tiraram? Então porque eu estou presa?"

Ele a puxou e a envolveu em seus braços. "Você não entende, não é mesmo?"

"Entendo o que?" ela perguntou, lutando sem sucesso nenhum para sair de seus braços.

"A escolha é sua," Gabriel disse, encostando o nariz na orelha dela. "Você está fazendo isso consigo mesma. Se você quiser, você pode se transformar.

Relaxe. Deixe acontecer.

"Não, eu não consigo," respondeu, a voz estreme-cendo com pânico.

"Sim, você consegue," ele insistiu roucamente. "E eu sei como te ajudar." Seus lábios alcançaram os dela.

Ela se surpreendeu com a intensidade do beijo. Fez com que uma dor forte e rápida atravessasse por ela, e ela deixou sua boca subir sem pensar. Ele a provou intensamente, sua língua acariciando a dela, exigindo que ela respondesse, e ela encontrou suas mãos enroladas no cabelo dele, se recusando a deixá-lo parar, seu nariz cheio do cheiro misterioso e envolvente que ele tinha.

Esse era o beijo que ela havia desejado. O beijo que Aiden não podia lhe dar. Gabriel mordeu seu lá-

bio, e ela arfou e capturou a boca dele novamente com a sua. Ele era rude e picante e profundo e palpitava com vida. Ele era aquele sangue doce após a longa caçada. Como ela podia ter tomado os beijos de Aiden como esses? Eles tinham sido deliciosos e suaves, como o suave conforto do chocolate, mas nunca foram o suficiente.

Gabriel a puxou por cima do seu corpo para que ela deitasse na cama ao seu lado. Seus beijos a pressionaram contra o esquecimento do colchão enquanto as mãos dela exploravam seu peitoral, seus ombros, seu rosto.

"Eu quero colocar a minha caça aos seus pés," ele falou, muito mais num gemido do que em palavras, e a segurou com força pelo cabelo enquanto marcava o pescoço dela com seus dentes.

Ela contorceu seu corpo, colado no dele. Ela queria mordê-lo, arrancar a carne das suas costas, mas o pior de tudo, ela não queria que ele parasse. Suas costas se arquearam, seu corpo rompeu, ela uivou.

Gabriel se jogou para trás. Ela lutava contra um nó de cobertas e seu roupão, se debatendo, e caiu da cama nas quatro patas.

Ela deixou escapar um uivo de espanto, e então andou em círculo tentando ver a si mesma. Gabriel estava sentado, rindo. Seus pêlos surgiam, bagunçados, Os dentes que apareciam eram selvagens. Ele tinha um cheiro maravilhoso.

"Vivian," ele falou, um grunhido com sua profunda voz. "Quando nós amamos alguém, nós queremos nosso amante como companheiro tanto em pele quanto em pêlo. Nós não poderíamos fazer nada além de nos revelarmos para nossas escolhas humanas.

Vivian tremeu. E se sua mudança fosse um único caminho? A amargura do medo chegou em sua garganta. Ela tinha que provar que não estava mais realmente presa. Apertando seus olhos, ela chamou por sua forma humana novamente--e aquilo foi tão fácil quanto respirar. Ela se abalou levemente com o esforço excessivo.

"Era só uma questão de tempo," ela falou, não querendo que ele estivesse certo, ao mesmo tempo querendo.

Gabriel sorriu para ela ternamente. "Não. Eu acho que você acabou de provar que me aceita.

Ele foi até ela e a beijou novamente, suas garras deixando marcas nas costas dela, e as pernas pareciam líquido, e dessa vez não era por causa da transformação.

"Por que eu?" ela perguntou, o abraçando.

"Porque você se importou," ele sussurrou. "Você se importou tanto com a sua gente, que partiu seu cora-

ção ver o bando em ruínas. Você se importou tanto com a sua mãe, que arriscou sua vida para proteger a dela. Você se importou o suficiente para salvar uma pessoa que a queria morta. E porque você tem o andar de uma rainha. E somente por causa da linda curvatura do seu pescoço.

Gabriel tirou sua camisa. Ele atirou a camisa para trás dele mesmo. "Venha comigo para correr embaixo das estrelas," falou.

Se ela saísse com ele agora, seu mundo mudaria para sempre. Ela estaria ligada à obrigação por toda a sua vida, assim como seu pai.

Assim como meu pai, ela pensou, e então se deu conta, Eu devo isso para ele. É assim que eu vou me redimir com ele.

"Não balance o rabo ainda, lobisomem" ela disse para esconder seu medo e seu desejo.

"Você acabou pegando mais do que você dá conta.

Ela o seguiu até a janela, o sangue rugindo em suas veias.